Diário de Lisboa

Setembro 1977
Terça-feira
6
ANO 57.º
N.º 19 448
6 escudos

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

EM OLIVEIRA DE AZEMÉIS — SETEMBRO DE 1977

Vereador do CDS destrói painéis camarários

OLIVEIRA DE AZEMÉIS, 6 — O vereador da câmara desta vila, eng.º Alfredo Pina, eleito pelo CDS, foi visto, no passado fim-de-semana, comandar um grupo de arruaceiros que, durante a noite, arrancou cartazes alusivos à Festa do «Avante!» e destruiu alguns dos painéis, montados pelas próprias autoridades municipais, nas ruas, para afixação de propaganda.

Do grupo faziam ainda parte alguns «notáveis» do tempo do fascismo, designadamente o empreiteiro Pereira de Palmaz e João Moreno de Lações.

Em contacto esta manhã com a GNR da vila, fomos informados da ocorrência do facto e, inclusive, do ped ido formulado àquela corporação para que se deslocasse aos locais onde o citado grupo procedia à destruição de cartazes e painéis. Todavia, quando a força da GNR chegou ao ponto indicato já ninguém aí se encontrava, admitindo-se que alguém avisou previamente o grupo.

Um comunicado da comissão concelhia do PCP, emitido ontem, denuncia o facto e pede a punição do citado vereador pelos seus «actos antidemocráticos e também pela destruição do património camarário», este referente aos painéis montados pela câmara.

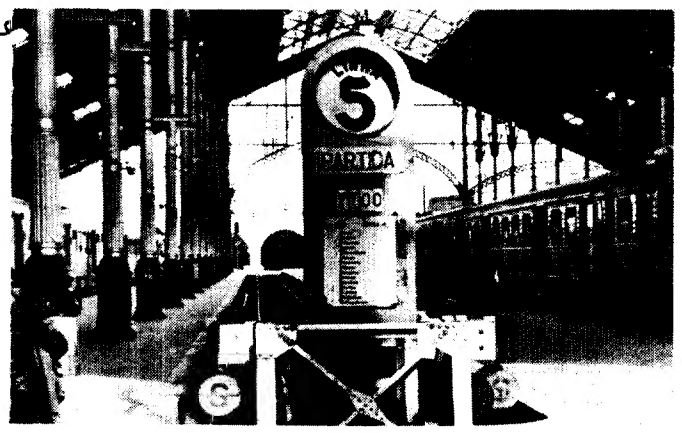
Segundo nos informou a GNR de Oliveira de Azeméis, não foi apresentada até ao momento queixa contra as actividades ilegais do referido grupo.

Que futuro para a MDF?

Reportagem págs. 6 e 7

Portaria do sector têxtil "A pior desde o 25 de Abril"

(Pág. 16)



Foi nesta placa que a composição bateu

NA ESTAÇÃO DO ROSSIO
Comboio choca a 5 km/hora — 15 feridos ligeiros

Uma falha humana encontra-se na origem de um acidente esta manhã, com o comboio 420, na Estação do Rossio. O desastre ocorreu às 9.25 quando a composição chegava de Sintra e foi embater na vedação terminal, a uma velocidade de 5 km/hora. Do embate resultaram quinze feridos ligeiros. Logo após o sinistro, houve passageiros que tentaram agredir o maquinista, obrigando o homem a fugir por entre a multidão.

Prontamente transportados ao Hospital de S. José, nenhum

Continua na pág. 16

Rosa Coutinho exige publicação do despacho da reserva compulsiva

O almirante Rosa Coutinho, recentemente mandado passar à reserva compulsiva por decisão do chefe do Estado-Maior da Armada, almirante Souto Cruz, entregou hoje no Ministério da Marinha, um requerimento solicitando a publicação em Ordem da Armada do texto integral do despacho a seu respeito.

Sabe-se que a decisão do almirante Souto Cruz foi tomada em frontal contradição com o parecer do Conselho Superior de Disciplina da Armada, constituído por cinco almirantes, que o considerou ilibado de todas as acusações contra ele produzidas com base no Relatório das Sevícias, documento que, por sua vez, viria a cair num total descrédito perante a opinião pública.

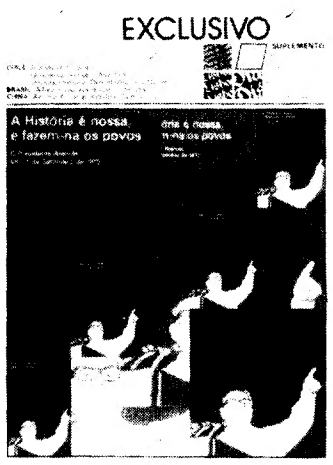
Independentemente dos efeitos práticos que possa produzir e que serão nulos na medida em que o caso vai, em última instância, ser apreciado pelo Supremo Tribunal Militar, este requerimento vem colocar delicados problemas ao nível moral e da ética militar. Ele seria desnecessário se o almirante Souto Cruz tivesse dado completo cumprimento ao disposto no art.º 89.º do Regulamento de Disciplina Militar e que diz textualmente que «o despacho que contém a decisão do processo disciplinar, e seja qual for a forma deste, será integralmente notificado ao arguido e objecto de publicação em ordem de serviço».

Apesar do preceituado neste artigo, de interpretação inequívoca, na Ordem da Armada apenas foi publicada a indicação da passagem compulsiva à reserva do almirante Rosa Coutinho, tendo sido omitido o teor do despacho relativo ao processo.

A publicação da decisão do almirante Souto Cruz permitirá verificar que existe flagrante contradição entre esse despacho e as conclusões do Conselho Superior de Disciplina o qual ilibou totalmente o almirante Rosa Coutinho e os seus camaradas comandante Xavier e segundo-tenente Rodrigues Soares, enquanto Souto Cruz continua a acusá-los.

Que razões existem para que, quinze dias após o despacho, ainda não tivesse sido dado cumprimento à disposição regulamentar explícita no art.º 98.º do Regulamento de Disciplina Militar?

Abafado até agora nas alcatifas dos gabinetes o caso do almirante Rosa Coutinho e dos outros dois oficiais mandados passar compulsivamente à reserva pelo almirante Souto Cruz, mesmo depois de nada se provar contra eles, o caso começa a ter impacto na opinião pública, ao mesmo tempo que no seio da Armada são grandes as inquietações relativamente a tão estranha forma de defender o seu prestígio e administrar a «justiça», métidos que, no futuro, por razões políticas ou não políticas poderá ser aplicado a qualquer oficial.



HOJE HÁ "EXCLUSIVO"

O «Exclusivo» de hoje tem 12 páginas e é dedicado ao Chile, para assinalar duas datas marcantes da história daquele país latino-americano: o 4 de Setembro (data das eleições ganhas pela Unidade Popular) e o 11 de Setembro, aniversário do golpe de Estado, que liquidou a experiência de socialismo democrático, conduzida pelo presidente Salvador Allende.

A VISITA DA CORNÉLIA
Pitum retira-se ao 15.º "round"

«As coisas no meu reino correm mal, é um facto. Os nobres com dinheiro estão outra vez contentes e indemnizados. Os governantes aumentam o preço da lenha e outros combustíveis. Os usurários aumentam os juros e as iguarias estão pelos olhos da cara».

Foi com estas palavras que Pitum e a sua família se apresentaram ontem à «corte» da Cornélia numa interpretação libérrima e cheia de humor do papel de Egas Moniz e dos seus, para se despedir de um concurso que a sua presença enriqueceu e que ganhou, com ela, uma dimensão nova. Como disse Raul Solnado, ninguém poderá, de futuro, falar neste concurso, sem recordar o nome do arquitecto Francisco Keil do Amaral.

AMANHÃ NO "DL"
José Fonseca e Costa escreve sobre o Instituto Português de Cinema

Política de A a Z

HIPÓTESE DEMOCRÁTICA

Admita o leitor, por mera hipótese, que o governo de Adolfo Suarez levava ao Parlamento de Madrid uma lei proibindo aos nossos irmãos galegos o uso do seu idioma. Lei preparada pelo partido governamental, coligação heteróclita que ele Adolfo Suarez dirige, coligação maioritária, que tem aliados certos e incertos, mas real capacidade para isolar qualquer partido opositor e designadamente deputados de «esquerda» que pela liberdade linguística da Galiza se batessem e os vários autonomistas galegos.

Contra os defensores do direito da Galiza à língua em que Rosalía de Castro cantou a ausência e a saudade, pintando-as com cores de aquém e além-Minho, à língua em que Pedrayo e Castelao redigiram páginas relevantes de interpretação sociológica e histórica; contra esse sagrado, mas minoritário direito, o Parlamento com sede em Madrid e exprimindo, com um orgulho castelhano, a vontade de impor um idioma sem dúvida nobre e um pensamento político centralizador, com cópia de argumentos e um cerrado cortejo de articulados jurídicos, decidiria proibir o uso do galego através de uma votação parlamentar impecável, democratíssima.

A vontade central (centralizadora e conservadora) teria legitimidade legal e autoridade democrática para enviar a Guardia Civil a fechar escolas, encerrar editoriais, apreender livros. Madrid, e um governo democrático, poderiam proibir o falar galego à Galiza. E depois?

Seria possível confundir esta utilização do jogo das maiorias democráticas contra um povo, uma região, uma nação, com o ideal e a verdade da Democracia?

Perguntemo-nos se esta mera «hipótese democrática», imaginada no despontar de uma manhã de incertezas, absurda se atribuída ao sereno e hábil Adolfo Suarez e às suas intenções quanto à indómita Galiza, à irridenta Catalunha, ao forte País Basco, não nos recordará a vontade do exterior imposta às nossas terras do Alentejo.

ALENTEJO, ALENTEJO...

Desde sempre, tão longe quanto uma História já portuguesa nos ensina, na terra vasta dominou o largo latifúndio. E quanto a História regista nos fala de grandes fomes, de campos desertos, de terras incultas, de homens moirejando e vagueando. A Literatura pátria fixou os maltezes e um Manuel da Fonseca cantou, antes de ter escrito o libelo que é a bela «Seara de Vento». Encontrámos esses homens sem terra e da terra expulsos na Cintura Industrial de Lisboa e percorrendo as estradas da Europa à procura do pão que a província natal, aos opressores submetida, à indolência e deleite dos agrários entregue, lhes negara.

Com o «25 de Abril» esses homens e essas mulheres — e não esquecemos o que deles escreveu um Aquilino Ribeiro — de sua dignidade cidadãos a título pleno vieram às urnas, em eleições livres, dizer o que pensavam e quem escolhiam para em seu nome falar.

Ignorar os resultados das eleições no Alentejo não é democrático. Politicamente, para além, muito para além, do formalismo democrático, é um erro. E sendo democraticamente possível que os deputados dos partidos sem implantação no Alentejo votem, e imponham, a lei ao povo alentejano, aos trabalhadores alentejanos, parece, todavia, que esse não será um processo legítimo e realista de criar um Portugal descentralizado e desburocratizado, com participação popular autêntica, com autêntica vivência democrática, para, em liberdade, abrir caminho para o socialismo para a cristão fraternidade da sociedade sem classes (Constituição da República, Art.º 1.º).

ALENTEJANOS, ALENTEJANOS...

Escuto a promessa que vem das terras do Alentejo; os trabalhadores «conscientes da sua responsabilidade e da importância da Reforma Agrária para o País decidiram não deixar um palmo de alqueives para fazer». Escuto leio, o telegrama que enviaram ao Presidente da República. Verifico, uma vez mais, como a «posição de classe» e a «consciência patriótica» se fundem, e confundem, na luta pela Democracia e pelo Socialismo. E sinto, sem pejo o confesso, uma comoção profunda. E, também, uma sincera admiração por esses homens e por essas mulheres que perante um futuro incerto, carregado de ameaças, se levantam à altura das suas responsabilidades de produtores e de patriotas para tomarem o seu lugar na batalha pelo pão dos portugueses. Nenhuma demagogia nas suas palavras, nenhuma cedência, nenhum rancor. Estão no seu posto, como trabalhadores, como portugueses, para produzir e para fecundar este sonho de um «Portugal em mudança», de um «Portugal mudado».

E apetece — ao tomarmos conhecimento dessas palavras sérias e responsáveis — reler o que se escreveu na Constituição da República:

«A reforma agrária é um dos instrumentos fundamentais para a construção da sociedade socialista e tem como objectivos:

a) Promover a melhoria da situação económica, social e cultural dos trabalhadores rurais e dos pequenos e médios agricultores pela transformação das estruturas fundiárias e pela transferência progressiva da posse útil da terra e dos meios de produção directamente utilizados na sua exploração para aqueles que a trabalham, como primeiro passo para a criação de novas relações de produção na agricultura; b) Aumentar a produção e a produtividade da agricultura, dotando-a das infra-estruturas e dos meios humanos, técnicos e financeiros adequados, tendentes a assegurar o melhor abastecimento do país, bem como o incremento da exportação; c) Criar as condições necessárias para atingir a igualdade efectiva dos que trabalham na agricultura com os demais trabalhadores e evitar que o sector agrícola seja desfavorecido nas relações de troca com os outros sectores.» (Art.º 96).

Pelo nosso lado continuamos a esperar que o Conselho da Revolução, como constitucionalmente lhe compete, e o sr. Presidente da República, como jurou, continuem a defender a Constituição, na sua letra, no seu espírito.

ATÉ AO FIM DO ANO

Amaro da Costa admite moção de censura ao Governo

Numa entrevista concedida a BBC e a transmitir esta noite na emissão em português daquela estação britânica de rádio, o vice-presidente do CDS, Adelino Amaro da Costa admite a possibilidade, para breve, de uma moção de censura ao actual Governo. Mais: Amaro da Costa admite que tal posição possa vir a ser compartilhada tanto pelo CDS e pelo PSD como pelo PCP. «Que mal poderá vir ao mundo e que consequências políticas poderão advir da circunstância de, por exemplo, o PSD, o CDS e o PCP eventualmente chegarem a um momento em que os três se ponham de acordo para dizerem que não gostam do PS no Governo?» — pergunta o vice-presidente do Partido do Centro.

Nas suas declarações à BBC, Amaro da Costa, faz o balanço do primeiro ano do Governo Constitucional, focando os actuais problemas políticos e económicos que o País enfrenta, assim como as perspectivas que se abrem, no plano da política interna e externa, em Portugal.

«A fase inicial do Governo socialista, isto é, a fase em que ele se podia permitir todos os dislates no tratamento para com os partidos da oposição, terminou — diz ainda Amaro da Costa. — A fase em que tudo eram facilidades, negociações oscilantes com este e com aquele outro, essa fase parece ter atingido o seu fim e com ele, portanto, chegou a seu termo a fase do Governo minoritário estrito tal como o Partido Socialista o concebeu e pôs em prática durante o seu primeiro ano. Até agora, e pensamos que até mesmo para o futuro, o Partido Socialista tem contado e contará, por parte do CDS, com uma atitude sempre responsável. O nosso partido não tomou qualquer decisão sobre a apresentação, por sua iniciativa, de moções de censura, nem deliberou sequer sobre o que poderia fazer no caso de qualquer moção de censura ser apresentada por outro partido. (...) Seja qual for o futuro, e o futuro aparece no imediato como excepcionalmente quente no plano político, a nossa atitude será sempre responsável, sempre construtiva, mesmo que, eventualmente, votemos em favor de uma moção de censura e, por essa mesma forma, contribuamos para a queda do Governo».

Amaro da Costa considera a possibilidade da moção de censura ao Governo e diz que «é possível e até mesmo provável que até ao fim do ano algum partido apresente um projecto ou uma proposta de moção de censura ao Governo».

PSD: NÃO A UM «ACORDO A QUATRO»

Entretanto, o PSD reuniu ontem em Lisboa a sua Comissão Permanente para os Assuntos Governativos. A designação eufemiza a expressão «gabinete sombra» utilizada por alguns jornais (entre eles o «DL», mas não antes de o «Expresso» o ter feito). Não existe «gabinete sombra» — apurou o «Diário de Notícias». Existe no entanto a referida comissão, embora não estatutariamente definida, e com a competência de discutir os assuntos que se identificam com a própria designação, funcionando todavia como órgão consultivo. O presidente da comissão é Francisco Sá Carneiro. A reunião de ontem não produziu nenhum comunicado. Pode no entanto calcular-se que o que esteve em discussão prende-se com as questões gerais (de estratégia) que ocupam os órgãos do PSD neste momento.

Trata-se, resumidamente, da posição do PSD no contexto interpartidário e nomeadamente perante o PS e as propostas deste no sentido de um acordo para o futuro. Já tinha havido uma reunião do Comité Permanente da Comissão Política este fim-de-semana, e amanhã reune a Comissão Política. Daqui não resultará, no entanto, nenhuma definitiva tomada de posição, que se aguarda para a reunião do Conselho Nacional da organização a realizar a 14 e 15 de Outubro em Bragança.

Entretanto, o «Jornal de Notícias» na sua edição de hoje diz que o PSD não encara a hipótese de um «acordo a quatro». O «JN» cita fontes dignas de crédito.

O «acordo a quatro» — que serviria de apoio ao PS para a prossecução da sua política governativa — implicaria, além do PS e do PSD, o CDS e o PCP. Ao «acordo a quatro» e às suas (poucas ou algumas) possibilidades já o «Expresso» se referia no último sábado chamando-lhe «compromisso histórico (à italiana)».

Ministros árabes votam resolução contra relações de Lisboa com Israel

Ministros árabes dos Negócios Estrangeiros que terminam, hoje no Cairo, uma ampla conferência, deverão adoptar uma posição comum em relação à decisão do Governo português de estabelecer relações diplomáticas com o estado sionista de Israel — revelou na capital egípcia o secretário-geral da Liga Árabe Mahmoud Riad.

Segundo Riad, os ministros discutiram a questão a noite passada, devendo hoje apreciar uma proposta de resolução sobre o assunto. A agência Reuter, citando «fontes bem informadas da Liga» acrescenta que se espera que a resolução exprima preocupação sobre a decisão de Lisboa «numa altura em que Israel continua com a sua agressão contra territórios árabes».

Recorde-se que os ministros decidiram pedir às Nações Unidas para solicitar a todos os estados membros que suspendam auxílio militar e económico a Israel. Esta conferência, a decorrer desde sábado no Cairo, estabeleceu que a paz apenas poderia ser conseguida se Israel retirasse de todos os territórios árabes ocupados, a seguir a 5 de Junho de 1967, incluindo o leste de Jerusalém.

Rodolfo Crespo em Paris e Copenhaga

Segue amanhã para Paris e Copenhaga o deputado socialista Rodolfo Crespo, que naquelas duas cidades vai participar em reuniões de parlamentares europeus.

Em Paris, Rodolfo Crespo tomará parte nos trabalhos da Comissão dos Assuntos Sociais do Conselho da Europa, preparatória da assembleia a realizar em Estrasburgo de 5 a 12 de Outubro. Em Copenhaga, no dia 12, o deputado socialista assistirá a um encontro dos países membros do Mercado Comum, onde vai ser concertada a posição da CEE para a Assembleia da União Interparlamentar que terá lugar em Sófia, Bulgária, de 20 a 30 do corrente.

"Rude Pravo" compara Mitterrand a Soares

«Mitterrand, outro Soares?» — é a questão posta em título pelo jornal checoslovaco «Rude Pravo», ao analisar na sua edição de ontem a atitude do PS francês sobre a actualização do Programa Comum.

Comparando o líder do PS francês com o chefe do Governo português, o «Rude Pravo» escreve que «a política dos socialistas franceses não se diferencia muito do que estamos a ser testemunhas em Portugal», e acrescenta: «Não é por simples acaso que os franceses seguem atentamente a situação portuguesa ou o Governo de Soares, solidário em palavras com o socialismo, mas que de facto serve os interesses do capitalismo português e estrangeiro».

«Aliás» — prossegue o jornal checo — «40 por cento dos socialistas franceses não rejeitam a eventualidade da formação de um governo socialista sem a participação dos comunistas, até no quadro do Programa Comum».

«As tomadas de posição do PSF» — refere ainda o «Rude Pravo» — «visam satisfazer a direita e as classes pequeno-burguesas. Resta saber se a política do PS será aceite pelos milhões de franceses».

Noticiário breve

ALEGRE ESTA NOITE NA TELEVISÃO

O secretário de Estado adjunto do Primeiro-Ministro para os Assuntos Políticos estará esta noite na RTP comparecendo no programa «Mosaico» para ser entrevistado.

Manuel Alegre transmitirá aos telespectadores as suas impressões da viagem recente a Luanda e ao Maputo, onde teve encontros com os presidentes Agostinho Neto e Samora Machel. O programa «Mosaico» será transmitido às 21 e 30, no primeiro canal.

NOVO EMBAIXADOR DA VENEZUELA

É esperado amanhã em Lisboa o novo embaixador da Venezuela em Portugal Luis Rodriguez Malaspinas, que assumirá a chefia da delegação diplomática do seu país, logo que entregue as suas cartas credenciais ao Presidente da República general Ramalho Eanes.

VINHO PARA COSTA DO MARFIM

Um carregamento de vinho de dois milhões e 200 mil litros partiu de Aveiro com destino à Costa do Marfim, um dos países africanos que neste momento mais vinho português consome.

BULGÁRIA

A Associação Portugal-Bulgária comemora na sexta-feira, pelas 18 e 30 na sua sede o 33.º aniversário da revolução socialista búlgara.

EMPRÉSTIMOS

O «Diário da República» publicou ontem dois diplomas da Assembleia da República que autorizam o Governo a contrair dois empréstimos, no valor de um milhão e meio e de 628 mil contos respectivamente. O primeiro é do Conselho da Europa. O de 628 mil contos é da RFA e destina-se a estradas rurais.

MOBÍLIAS USADAS

Salas jantar e quartos desde 7900$00, rústicas, modernas. Século XVII. Queen Anne. D. Maria. roupeiros, estantes, jogos de maples, sofás-camas. etc.

RUA LUÍS PINTO MOITINHO, 7 R/C. ESQ. (defronte igreja dos Anjos)

TEM FALTA DE ESPAÇO EM SUA CASA?

DÊ-NOS UMA SIMPLES IDEIA OU DESENHO, POIS NÓS EXECUTAMOS MÓVEIS DE TODOS OS MODELOS E MEDIDAS.

REQUINTE — MÓVEIS E ESTOFOS (FÁBRICA PRÓPRIA)

AV. ALMIRANTE REIS, 110 — TEL. 82 28 91

(Defronte da Cervejaria Portugália)

post-scriptum

Será possível?

Não tenho tempo para ouvir rádio nem para ver televisão. Considero-me, neste aspecto, um homem feliz.

Com esforço, poderia talvez arranjar uns minutos para tal, mas sei que se o fizesse, seria mais um, dos muitos portugueses a sofrer de insónias, provocadas pela forçosa meditação a que seria obrigado, pensando na «valiosa» colaboração que estes órgãos estão prestando para a valorização, em todos os campos, do Povo Português forma ideal para atingirmos a meta apontada pela Constituição.

Logo, reconsiderando, também neste aspecto, não sou um homem feliz.

Recordo aqui, e a propósito, uma frase que ouvi e que não resisto a mencionar: dizia alguém que «eles não se importam que a Constituição aponte para o Socialismo, o que é necessário é que ela não acerte».

O motivo que me leva, pela primeira vez, ao correr da pena ao vosso jornal e a conseguir arranjar os tais minutos, é o seguinte: comentavam hoje, algures na cidade, dois amigos, uma crónica (penso que tenha sido isso), posta no ar através da Rádio Renascença (Emissora Católica Portuguesa) e dita por um «senhor» de nome Américo Leite Rosa, em que, referindo-se ao acidente ocorrido há dias em Moçambique, que vitimou um dos Homens de Abril, Ramiro Correia, assim como a mulher e o filho, terminava nestes termos, segundo ouvi um deles afirmar: «o mar encarregou-se de fazer justiça».

Foi possível ter-se ouvido isto? O mar roubar a vida a um dos militares mais queridos do Povo Trabalhador, terá sido justiça? A sua mulher? Exemplo para as mulheres. Ou, mais grave ainda a justiça teria sido feita a uma criança de 4 anos?

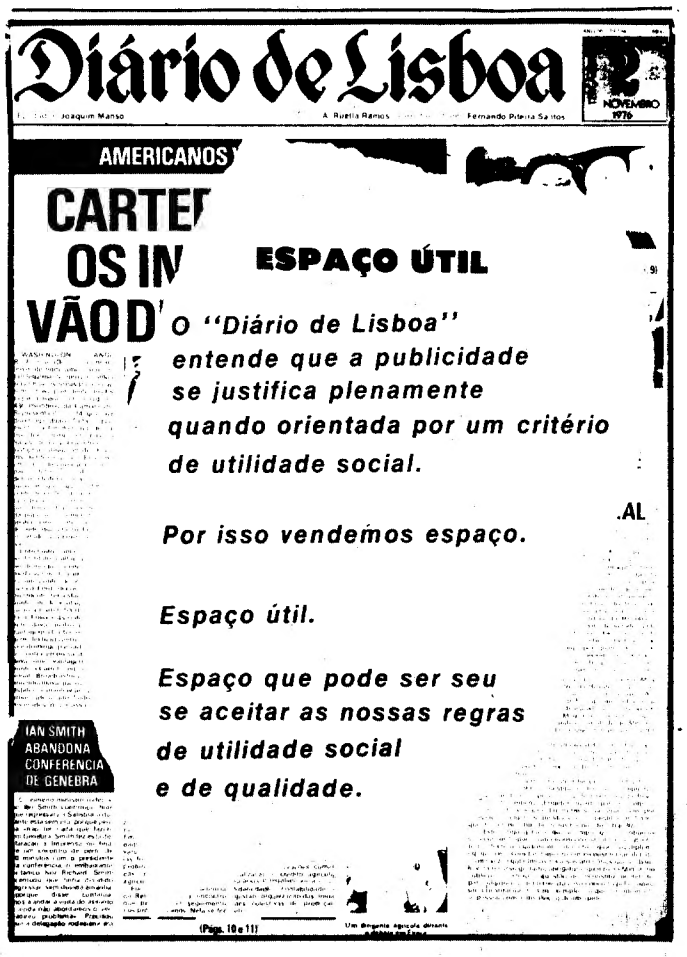
Que pretendem estes «senhores» quando largam blasfémias desta natureza? Terá isto sido dito a um microfone? Será verdade? Como é possível tal acontecer — Em Portugal — Agosto de 1977 — Será possível?

Henrique Q. da Silva — LARANJEIRO

Prédio perigoso na Estrada de Benfica

Sou um assíduo leitor do vosso prestigioso jornal e de há longos anos, e por isso eu entendi que era ao vosso jornal que eu deveria fazer este apelo até porque já escrevi ao sr. presidente da Câmara de Lisboa ao sr. director-geral da Saúde, tenho avisado a polícia da área e escrevi também ao sr. comandante da Secção de Trânsito... mas até hoje tudo continua na mesma. A todas estas entidades diz respeito o meu apelo que se deve ao seguinte facto: existe na Estrada de Benfica, cruzamento da Av. Gomes Pereira com a Av. do Uruguai, um velho e imundo prédio, já meio derrubado que é mais um montelhão de lixo e outras sujidades e que se torna perigoso para o trânsito (pois existe um tapume feito com tábuas velhas e imundas) e para a saúde, pois o local serve de retrete pública. Penso que esta carta merece a vossa atenção assim como espero, servirá para alertar as autoridades competentes.

A. Costa Mendes — LISBOA


Diário de Lisboa

AMERICANOS

CARTE
OS IN
VÃO D

ESPAÇO ÚTIL

O "Diário de Lisboa" entende que a publicidade se justifica plenamente quando orientada por um critério de utilidade social.

Por isso vendemos espaço.

Espaço útil.

Espaço que pode ser seu se aceitar as nossas regras de utilidade social e de qualidade.

IAN SMITH ABANDONA CONFERÊNCIA DE GENEBRA

.AL

GABRIELA (II)

ISABEL DA NÓBREGA

. Alinhei algumas reflexões acerca da nula reacção do público face às personagens de Jorge Amado diariamente presentes na televisão. Expliquei o que entendia por nula reacção. E insisto. Lamento que as pessoas se recusem deliberadamente a pensar. Mesmo quando a tal solicitadas. (Mesmo com o moderno aguilhão do audiovisual, tido como podendo fazê-las avançar meio caminho). E que mais atraente solicitação do que o desdobrar desses quadros de uma cidade de província dos anos 20, com todos os seus habitantes em cena, representativos das diversas classes, personagens que continuam frescas — na carne, osso, e espírito — em qualquer cidade de província de quealquer país latino, **ainda hoje?**

Que mais agradável exercício de inteligência se nos poderia oferecer do que os romanceados pedaços do quotidiano de vários estratos de uma população, cenas em que o menor movimento interior, lá nas pregas mais obscuras de cada um daqueles seres, é pelo autor tão iluminado como o são, na película, as ruas de Ilhéus à luz crua e dura do meio-dia.

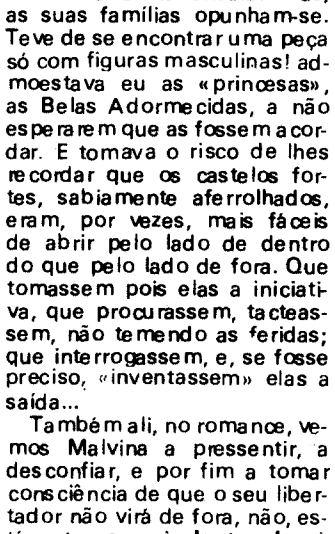
Disse exercício de inteligência porque na verdade, é a nossa atenção que nos é requerida e não a nossa sentimentalidade, a nossa comoção, nossas bóias ou muletas sempre garantidas, sempre em nós prontas a virem à tona por dá cá aquela palha.

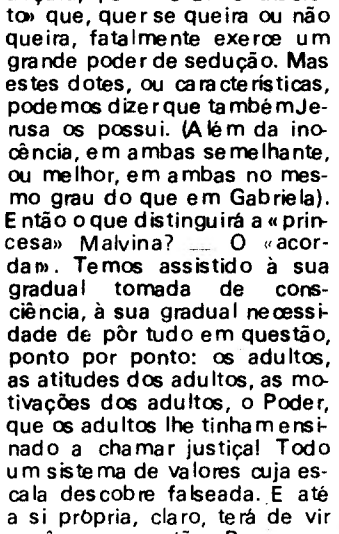
Ora não é «palha», justamente, o que os autores nos apresentam, não é a palha de uma fotonovela o que a «Gabriela» nos traz.

No primeiro artigo espero ter deixado claro aquilo que me choca. Não com certeza o entusiasmo pela (altíssima) qualidade da representação. Todos os adjectivos são poucos para tão raro conjunto de actores. Nem sequer a forma repetitiva do embevecimento. É, sim, o tal vazio que lhe sucede e que parecia não dever suceder-lhe. (É o falar-se muito de «Gabriela» e não se discutir «Gabriela». Usam-se exclamações, não se trocam ideias). Facto que, a meu ver, só pode ter duas explicações, ambas lamentáveis: a ausência total de instrumentos críticos que servem para reflectir, comparar, concluir, aprender, duvidar — e tornar a reflectir, comparar, etc., etc; ou então a demissão voluntária de qualquer capacidade crítica e de apreensão da realidade. Fica-se, a maioria dos espectadores, pela atitude beatífica e passiva de quem olha sem **ver**, de quem se recusa a pensar, a pôr ali, no que olha, qualquer coisa de seu. Do seu ser desperto. Não. De «motor desligado», planam, sujeitos apenas às sensações. Saberão eles, essa maioria de espectadores, dar nomes ao que está à vista mas não foi «nomeado»? Saberão dizer paternalismo, conservadorismo, prepotência, corrupção, outra vez corrupção, degradação, arrogância, generosidade, muitas vezes generosidade, mas também ambição, avidez, cobiça, intriga, e doçura, e revolta, e coragem, e pureza, e inocência?

AS MENINAS

Os castelos medievais continuam a ter o seu contraponto em muitas vivendas urbanas de claras fachadas e em muito florido chalé rústico, vinte e cinco anos entrados no século XX,





como vinte anos à beira do século XXI. Refiro-me especificamente à preocupação de «resguardo» das suas princesas. O fosso e a ponte levadiça não serão imediatamente visíveis, mas estão lá, e funcionam. Rápida, bem oleada, uma. Bem estagnado, o outro.

Num artigo qualquer de há quase dez anos, intitulado, parece-me, «Permanência do Dragão» (e motivado pela impossibilidade de as funcionárias de um banco, interessadas em cultura, fazerem parte da peça que o Grupo Amador desse banco ia ensaiar mas, as suas famílias opunham-se. Teve de se encontrar uma peça só com figuras masculinas! admoestava eu as «princesas», as Belas Adormecidas, a não esperarem que as fossem acordar. E tomava o risco de lhes recordar que os castelos fortes, sabiamente aferrolhados, eram, por vezes, mais fáceis de abrir pelo lado de dentro do que pelo lado de fora. Que tomassem pois elas a iniciativa, que procurassem, tacteassem, não temendo as feridas; que interrogassem, e, se fosse preciso, «inventassem» elas a saída...

Também ali, no romance, vemos Malvina a pressentir, a desconfiar, e por fim a tomar consciência de que o seu libertador não virá de fora, não, está antes **em si, dentro de si,** como o declara à tímida, (timorata) Jerusa.

Algumas (poucas?) espectadores jovens — e não precisam pertencer à alta ou média burguesia, e o seu castelo pode bem ser modesta casa — estarão talvez a rever-se, a reconhecerem-se na Malvina. Estarão talvez a debater-se ainda no mesmo conflito gerado pela mesma cuidadosa confusão: a que institui que os mais puros e devotados sentimentos filiais só na verdade assim serão entendidos se se acatar de uma assentada os mesmos valores que os progenitores acatam, ou ajudaram a estabelecer, se senão puserem questão o sistema estabelecido, a ordem das coisas (a ordem que convém aos pais das ditas princesas), se as Meninas não se obstinarem em tentar a triagem entre «tradição», alimento e reforço da identidade de cada povo, e convenções, preconceitos, manutenção de privilégios — elementos, esses de corrosão e de entrave ao desenvolvimento e progresso das sociedades.

Mas voltemos a Malvina. Esta figura a todos prende pela beleza (a beleza, é uma a «gazua». Princípio injusto, mas verdadeiro), pela vivacidade e doçura, pelo «charme discreto» que, quer se queira ou não queira, fatalmente exerce um grande poder de sedução. Mas estes dotes, ou características, podemos dizer que também Jerusa os possui. (Além da inocência, em ambas semelhante, ou melhor, em ambas no mesmo grau do que em Gabriela). Então o que distinguirá a «princesa» Malvina? — O «acordar». Temos assistido à sua gradual tomada de consciência, à sua gradual necessidade de pôr tudo em questão, ponto por ponto: os adultos, as atitudes dos adultos, as motivações dos adultos, o Poder, que os adultos lhe tinham ensinado a chamar justiça! Todo um sistema de valores cuja escala descobre falseada. E até a si própria, claro, terá de vir a pôr em questão. Por agora começa a sentir-se responsável. E assume as atitudes correspondentes.

Ora se em ambas as «princesas» a pureza de coração é a mesma, o que distingue Malvina é a opção que instintivamente a levava a agir em nome do que, antes, pressentia apenas ser a verdadeira justiça, e agora, cada vez mais claramente se lhe revela como tal. Enquanto Jerusa continua passiva. E quando reage é por motivos **pessoais**, directamente relacionados com o «príncipe» que lhe desperta o coração.

Mas desengane-se o leitor. Eu não estou simplesmente a enunciar as qualidades de Malvina (embora julgue valer a pena traduzi-las, para benefício dos distraídos). Não. O meu propósito é mais ambicioso.

Talvez que a autenticidade seja a sinceridade posta em movimento. Enquanto a sinceridade pode ser estática, a autenticidade revela-se em movimento. («Em situação». Daí a veemência de Malvina. Nas palavras. Nos actos. A autenticidade conduz à veemência, conduz ao confronto — conduz à contestação.

E eu queria obrigar o leitor a reconhecer a estrutura mental de uma figura que o seduz primeiramente pela boniteza (pelo sorriso ora cândido ora malicioso, pela franja quase perversa, pelo pôr-de-cabeça de lado, como as pombas, pela ingenuidade da gola dos vestidos, por aqueles vestidos de seda ou de gaze que esvoaçam, adejam, afagam, esbatem, envolvem, sublinham, enfeitam, além de vestir...) Queria levá-lo a reconhecer o valor de uma assumpção que se processa ali à sua frente. A que tem o privilégio de assistir e não pode, não deve, ignorar.

E mais — quereria que... quando deparasse com a Malvina que há na sua família, na sua vizinhança, na sua aula, no seu escritório, fábrica, empresa, no seu prédio, dentro da sua casa, soubesse reconhecê-la. Talvez ela nada deva à boniteza nem use franja nem belos vestidos. Talvez use aos domingos, mantilha. Talvez vista todos os dias, blue-jeans.

Mas, sabendo reconhecê-la, e, já que um fascínio igual dessa feita não actuará —, é diferente, é difícil, por vezes penoso, o convívio real, o embate, com quem saia das (nossas) normas... — obrigue-se leitor, a uma distanciação que o ajude a aceitá-la. Ainda que com estranheza ou discordância.

Parece-me ser o que aquela Malvina, para lá do «charme» de um sorriso de lado, cabeça à banda, olhar intenso, está a fazer por si; parece-me ser o que todos aqueles personagens esperam de si: terminada a série da «Gabriela», que você não se limite a exclamar: «Que pena ter acabado! Era tão bonito!» — mas se tenha tornado, de certo modo, noutra pessoa. Mais inteligente. Mais esclarecida. Melhor.

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Chamusca em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-HEAA), a que se refere o processo 8/60 156, arquivo 18, para o estabelecimento no concelho de Chamusca, de uma linha aérea a 30 kV, com 560 metros, do poste n.º 60 da linha Semideiro-Chamusca, ao posto de transformação da Agro-Pecuária de Cangulo.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 26 de Agosto de 1977.

Pel'O Engenheiro Chefe
Angelino Pires dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37 e na Secretaria da Câmara Municipal do concelho de Salvaterra de Magos em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-HEAA), a que se refere o processo 8/60 126, arquivo 18, para o estabelecimento no concelho de Salvaterra de Magos, de uma linha aérea a 30 kV, com 1117 metros, do poste n.º 50 da linha para a Quinta de Escaroupim, ao posto de transformação to, em 26 de Agosto de 1977. caroupim.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de licenciamento, em 2 de Agosto de 1977.

Pel'O Engenheiro Chefe
A. Pires dos Santos

PUB.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DAS INDÚSTRIAS DE CELULOSE, PAPEL, CARTONAGEM E AFINS-ZONA SUL

SEDE: Rua Silva Carvalho, 184, 1.º-Dt.º — LISBOA-2 — Tel. 683793

MOÇÃO

Os Delegados e Dirigentes Sindicais reunidos em 2 de Setembro de 1977, tendo conhecimento da repressão utilizada contra os trabalhadores da Cooperativa 22 de Julho, decidem:

1 — Manifestar o seu repúdio pela utilização repressiva de forças militares e militarizadas contra os trabalhadores que defendem legitimamente as conquistas adquiridas.
2 — Alertar os órgãos de soberania contra este estilo de actuação por parte do MAP e dessas forças militarizadas, em tudo semelhante aos métodos da polícia de choque fascista que colide frontalmente com o regime democrático que a Constituição consagra.
3 — Reafirmar a sua posição face à Lei da Contra-Reforma Agrária, porque quando uma lei é democrática e realista não é necessária a repressão para que os trabalhadores a aceitem.
4 — Solidarizar-se com os trabalhadores da UCP 22 de Julho, bem como com todos os trabalhadores rurais que lutam pelo pão, pela justiça pela terra que trabalham, consoante estipula a Lei Fundamental do nosso País.

A LUTA CONTINUA!
UNIDOS VENCEREMOS!
UNIDADE, E VIGILÂNCIA

PELA DIRECÇÃO

F. Vermelho

DE FÉRIAS COM O Diário de Lisboa

Aceitam-se assinaturas de férias pelo período mínimo de 10 dias, ao preço de 6$00 por exemplar

NÃO SE ENVIAM RECIBOS À COBRANÇA

NO REGRESSO DO PERU

Medeiros Ferreira sublinha interesse da América Latina por Portugal

«Os países da América seguem com grande interesse as posições de Portugal e estão interessados num estreitamento cada vez maior das relações com o nosso país» — declarou Medeiros Ferreira, ministro dos Negócios Estrangeiros, ao regressar, ontem à tarde, de uma visita ao Peru e à Venezuela.

O chefe da diplomacia portuguesa foi recebido pelo presidente peruano, Moralez Bermudez, a quem convidou a visitar Portugal, convite esse transmitido em nome do general Ramalho Eanes. Na Venezuela, Medeiros Ferreira teve conversações com o presidente Andrés Perez, que lhe renovou o desejo de ver o general Ramalho Eanes, Presidente da República Portuguesa, deslocar-se àquele país da América Latina. Esta visita, aliás, será retribuição da que Perez fez o ano passado a Lisboa.

Medeiros Ferreira proferiu em Lima, capital do Peru, uma conferência num instituto militar, em que abordou a evolução política portuguesa nos últimos anos. Segundo disse, ao chegar ao Aeroporto de Lisboa, encontrou grande curiosidade por parte da assistência em saber pormenores da transferência do poder militar para os civis operada em Portugal.

A sua deslocação ao Peru — acentuou — foi especialmente significativa, por se tratar de «um país prestigiado junto do «Grupo dos 77», e que tem vindo a desenvolver intensa actividade internacional, quer na ONU, quer no «diálogo Norte-Sul», o qual tem um papel decisivo na criação de uma nova ordem económica internacional, que Portugal também está interessado em promover.

Louvado o subchefe da PSP que prendeu três "Corrécios"

O comandante-geral da Polícia de Segurança Pública acaba de louvar dois agentes por terem detido um traficante de droga e três portadores ilegais de espingardas automáticas «G-3», estes últimos do grupo do Corrécio, de Braga.

Um é o guarda M. J. Figueiras, de serviço em Lagos que deteve um desertor, traficando liamba, não obstante se encontrar em convalescença de um dedo fracturado.

O outro louvado é o subchefe H. A. Moura, de Braga que contribuiu de maneira decisiva para a captura de três elementos do bando do Corrécio. Transcrevemos parte do louvor a este agente exactamente a descrição factual da captura dos três «corrécios»:

«Encontrando-se de ronda à área da cidade, no carro patrulha, ao aperceber-se de que parte da quadrilha do «Eduardo Corrécio» se fazia transportar num carro de matrícula estrangeira e por ter sérios receios de que esses elementos se preparavam para cometer algum crime, pois até constava que andavam armados com uma espingarda automática «G-3», tomou a condução da viatura patrulha, por recear que o motorista não tivesse o sangue-frio suficiente para perseguir a viatura suspeita. Emboscando-se, aguardou que os suspeitos aparecessem e, ao vê-los deixou-os entrar num local em que fosse fácil fazer-lhe frente. Quando isso aconteceu, o subchefe Moura com o maior sangue-frio, próprio de homens de rija têmpera, forjados no perigo, investiu contra a viatura suspeita trancando-lhe o caminho possível. Vendo-se imobilizados, os suspeitos atrapalharam-se ao mesmo tempo que o subchefe H. Moura saía da viatura da Polícia de «G-3» em punho pronto a fazer face a qualquer emergência. Nesta altura, por uma das portas contrárias ao lado onde se encontrava, saíam dois indivíduos em correria e em direcção a um grupo de pessoas que se encontrava próximo, não obstante serem 03h.00 da madrugada. Os restantes, em número de três, ficam em respeito dentro da viatura e com a ajuda de dois guardas que trazia consigo o subchefe Moura identifica-os vindo a confirmar a sua suspeita de que os fugitivos eram o Eduardo e o seu irmão Abel. Dentro da viatura encontrava-se a espingarda «G-3» de que suspeitava e outros objectos que foram apreendidos, bem como os suspeitos capturados.»

Manuel Geraldo

Manuel Geraldo representado em Inglaterra

... grupo inglês «The Young Vic Jodyam Theater» vai levar à cena no início da próxima temporada (provavelmente já em Novembro), a peça «Em Bizango de Bizangongo», da autoria do nosso camarada de Redacção Manuel Geraldo, cuja acção decorre em Angola nos fins da década de sessenta, abordando o problema da participação da juventude portuguesa na guerra colonial.

A peça será encenada por Dustin Vaughan, que já afirmou ir aceitar a colaboração musical de jovens compositores portugueses (fala-se em Sérgio Godinho e José Mário Branco) e angolanos (Rui Mingas é um dos nomes apontados), estando também previsto o recurso à utilização de «slides» e de imagens filmadas que permitam ilustrar cenas reais do conflito que, ao longo de catorze anos, colocou em confronto o regime colonialista de Salazar e Caetano e os movimentos de libertação de Angola, Guiné e Moçambique.

Seixas Santos reconduzido como presidente do IPC

O ministro de Estado prof. Henrique de Barros, homologou a nomeação de uma nova comissão administrativa para o Instituto Português de Cinema (IPC), proposta por David Mourão Ferreira, secretário de Estado da Cultura.

Alberto Seixas Santos e Duarte Barroso, que já pertenciam à anterior comissão, são agora respectivamente o presidente da comissão administrativa e o representante da Secretaria de Estado da Cultura na mesma. Luís Couto, o terceiro elemento desta nova comissão, representará nesta o Sindicato dos Trabalhadores de Cinema.

Esta comissão, que será o último órgão provisório de gerência do Instituto Português de Cinema, deverá apresentar até final de Dezembro ao secretário de Estado da Cultura o projecto de reestruturação do IPC.

Maldonado Gonelha na Figueira da Foz

O ministro do Trabalho, Maldonado Gonelha, encontra-se hoje na Figueira da Foz, onde foi para inaugurar as XIV Jornadas Médicas e o III Colóquio Luso-Espanhol de Medicina no Trabalho, que começaram naquela cidade esta manhã.

Para a oportunidade, estava anunciado um discurso do titular português do Trabalho.

Maldonado Gonelha deve deslocar-se ainda hoje a Coimbra, onde fica para um encontro com o governador civil, com quem analisará problemas referentes ao sector do trabalho no âmbito distrital.

Em S. PEDRO DE MUEL o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no CAFÉ CENTRAL

NO FIM DE 1976

Estatísticas provam reanimação da vida comercial no Norte

Decresce o montante das letras protestadas e baixa o valor total das hipotecas registadas enquanto sobe, espectacularmente, o valor dos prédios desipotecados e de outras transacções imobiliárias. Estes dados — conjugados com outros agora fornecidos pela delegação do Porto do Instituto Nacional de Estatística — mostram que, pelo menos a nível nortenho, se reanima a vida comercial e volta a acelerar a circulação da moeda.

Segundo o volume «Estatísticas monetárias e financeiras» de 1976 publicado pela delegação do Porto do INE, de 1975 para 1976, subiu de 19 por cento o valor do efeitos comerciais descontados (total de 124.234.038 contos, no ano passado) e baixaram, em 40 por cento, os protestos dos mesmos efeitos comerciais. No Porto foram constituídas 536 sociedades com capital social de 331.406 contos, o que significa aumento de 10 por cento no relativo ao capital social.

No que concerne a prédios transaccionados no todo ou em parte, em 1976, o seu valor atingiu, no distrito do Porto, 3.195.195 contos, donde se deduz, em relação a 1975, uma variação positiva de 15,5 por cento.

Por seu turno o valor dos prédios hipotecados em 1976 — 2.374.422 contos — sofreu um decréscimo de 13,4 por cento face ao valor tomado em 1975, enquanto o valor dos prédios desonerados de hipotecas — 1.007.447 contos — subiu 33,8 por cento.

Ainda relativamente a 1975, os créditos hipotecários concedidos e os valores das quitações de dívidas (totais e parciais) garantidos por hipotecas revelam, em 1976, diminuições, respectivamente, de 31,4 e de 22,6 por cento.

DIALÉCTICA DA GUERRA E DA PAZ

ESTUDOS

DE **JOAQUIM RIBEIRO SIMÕES**

Estudos críticos sobre Clausewitz, Tchakhotine, Raymond Aron, Toynbee, Fourastié, Gurvitch, Lévi-Strauss, Foucault e Marcuse.

CDL Distribuição à venda nas livrarias — Preço 130$00

MAIS DINHEIRO DA PREVIDÊNCIA PARA PAGAR ÀS FARMÁCIAS

.As farmácias vão receber 350 mil contos para satisfação de dívidas atrasadas da Previdência sendo a verba mais elevada a entregar aos estabelecimentos do distrito de Lisboa no montante de 110 milhões de escudos.

A verba de três centenas e meia de milhares de contos foi posta à disposição dos Serviços Médico-Sociais pelo Instituto de Gestão Financeira da Secretaria de Estado de Segurança Social para ser distribuida pelas farmácias do continente com as seguintes totais, relatifos a cada distrito: Aveiro, 24762 contos; Beja, 5503; Braga, 29 796; Bragança, 3 600; Castelo Branco, 3 010; Coimbra, 20 806; Évora, 106; Faro, 16 521; Guarda, 2 269; Leiria, 16 718; Lisboa, 110 899; Portalegre, 7 178; Porto, 62 083; Santarém, 25 743; Setúbal, 8 599; Viana do Castelo, 3 143 e Viseu, 9 255.

Professores primários contestam decreto do MEIC

. O Decreto-Lei n.º 265/77 do MEIC é contestado pelos professores primários pelo facto de extinguir diversos lugares de colocação e anular o concurso de agregados, pondo em perigo centenas de postos de trabalho.

Vários professores primários vindos de diversos pontos do País, reunidos em Aveiro, decidiram enviar ao MEIC uma exposição que reivindica que, aos docentes enquadrados na referida categoria, não sejam retirados os anos de serviço anteriores ao exame de Estado, devido à gradução profissional. Foi igualmente defendida a redução do número de alunos por classe.

Presentemente, existem no distrito de Aveiro mais de mil candidatos para cerca de 230 vagas. Além disso, o diploma em questão graduou os diversos escalões de classe de modo que os professores a leccionar desde o início do ano escolar, independentemente do concurso ou nomeação, não têm a recondução assegurada no ano seguinte.

PROJECTO ROQUE LINO

Conselho de Imprensa alerta Assembleia da Republica

. O Conselho de Imprensa, em comunicado ontem divulgado denunciou o facto de «mais uma vez não ter sido ouvido, em nítida infracção à lei da Imprensa» sobre a reestruturação recentemente anunciada pelo secretário de Estado da Comunicação Social, Roque Lino e deliberou «em face do total desprezo a que continua a ser votado pelo Governo» alertar a Assembleia da República e «exigir do Governo o rigoroso cumprimento da lei».

O comunicado do Conselho de Imprensa salienta o facto de «tal como já sucedera com os chamados projectos Correia Jesuino, Almeida Santos e Manuel Alegre, um órgão ao qual, por lei, compete ser consultado sobre a política de informação não ter sido auscultado acerca das medidas que implicam, além da criação de algumas comissões interministeriais, o desaparecimento de dois jornais diários e três semanários, a transformação de um matutino em vespertino, a adopção de um novo estatuto para um outro vespertino, etc.».

Por outro lado, e referindo-se à reestruturação anunciada pelo secretário de Estado da Comunicação Social, o comunicado do CI considera o mesma como «uma alegada reestruturação que implicará centenas de despedimentos e que não concretiza o que, constitucionalmente, está estabelecido, quanto à autonomia dos órgãos de informação estatizados».

TRABALHADORES DA EPNC TOMAM POSIÇÃO

Entretanto, os delegados sectoriais e sindicais das três zonas constituintes da EPNC-«Diário de Notícias»; Anuário Comercial e «Capital» — reunidos ontem, com a respectiva Comissão de Trabalhadores, para análise da situação decorrente das últimas medidas governamentais para a Informação afirmara, tendo em conta as notícias que têm vindo a público acerca da situação financeira da EPNC, repudiarem as afirmações feitas pelo secretário de Estado da Comunicação Social e por alguns órgãos de imprensa diária, as quais carecem de fundamento.

Consideram ainda os delegados sectoriais e sindicais da EPNC, bem como a Comissão de Trabalhadores daquela Empresa, que «tais notícias, não suficientemente esclarecidas, podem conduzir a um divisionismo no seio dos trabalhadores que teremos que evitar».

Trabalhadores do "Século" processam a Secretaria de Estado da Informação

. Os trabalhadores do «Século» reunidos em plenário — com um total de 150 presenças, segundo informação da ANOP — decidiram processar a Secretaria de Estado da Comunicação Social, na sequência desta ter ordenado o encerramento da empresa. Mais apelaram para a solidariedade dos trabalhadores dos órgãos de Informação estatizados, propondo reuniões sectoriais até à próxima sexta-feira. Até lá os trabalhadores do «Século» convocaram uma conferência de Imprensa, para amanhã, quarta-feira às 9 e 30 no Sindicato dos Trabalhadores da Imprensa.

A acção contra a Secretaria de Estado será precedida de um estudo jurídico sobre o encerramento da empresa e alegadas violações de contratos colectivos de trabalho por parte dos gestores públicos.

Foi também apontada «a necessidade de avançar organizativamente com a luta unitária de todos os trabalhadores do sector, coordenando a luta com o Secretariado Coordenador dos Trabalhadores da Informação Estatizada». Foi resolvido ainda recomendar ao Secretariado Coordenador a convocação de uma conferência sobre a situação no sector e de um plenário geral dos trabalhadores da Imprensa estatizada, a efectuar até ao fim da terceira semana de Setembro.

HOTELARIA

Greves serão marcadas no dia 10

. Um plenário de trabalhadores do sector hoteleiro que se realizará no Porto no próximo dia 10, deverá decidir as datas das paralisações propostas pela Comissão Coordenadora da luta pelo cumprimento do ACT.

As paralisações deverão verificar-se ainda durante a primeira quinzena de Setembro, sendo a proposta submetida a discussão nos vários plenários regionais de trabalhadores que decorrerão por todo o país, de 9 a 13. A proposta, aprovada por unanimidade na reunião de todos os sindicatos do sector, na passado dia 29, aponta para a greve geral de 8 horas diárias, divididas em períodos de 4 horas, entre as 11 e as 15 e as 18 e 30 e as 22 e 30, em todas as empresas que não estejam a cumprir o ACT/PRT. Nas empresas onde o ACT estiver a ser cumprido, os trabalhadores farão uma paralisação simbólica, por solidariedade, de 15 minutos, às 11 horas do primeiro dia de greve. Dois dias depois do segundo dia de greve, efectuar-se-á nova reunião geral de sindicatos para decidir qual a forma de a luta continuar.

As empresas em falta quanto ao cumprimento do contrato pertencem ao sector privado. A percentagem das empresas que cumprem o ACT/PRT é, no Algarve, de 90 por cento, no centro e sul, 50 por cento e 15 por cento no Norte do país.

«ESPERANÇA» E «CENTENÁRIO»

Entretanto, algumas lutas pelo cumprimento do ACT têm sido desenvolvidas pelos trabalhadores de hotelaria a nível de empresa. No hotel Esperança, de Setúbal, se até às 24 horas de hoje a entidade patronal não ceder ao cumprimento da Portaria os 82 trabalhadores do hotel voltarão a paralisar amanhã, durante duas horas, numa forma de luta que deverá culminar na greve total no próximo dia 13. Esta decisão foi confirmada após reunião que os representantes dos trabalhadores tiveram com a entidade patronal, à qual deram um prazo de 48 horas para rever as suas posições. Dos dois gerentes do hotel Esperança, José Rodrigues Horta e José Luís da Silva, o segundo e mais antigo na gerência do hotel não quer ceder às reivindicações dos trabalhadores enquanto o primeiro, que assumiu aquelas funções em Junho último, reconhece que as reivindicações dos trabalhadores são justas e devem ser satisfeitas.

Por seu turno, os 5 trabalhadores do restaurante Centenário, de Faro, anularam a greve marcada para ontem, porque após reunião com a entidade patronal no passado sábado, ambas as partes chegaram a acordo quanto ao cumprimento da Portaria.

LUÍS PEDRO MENDONÇA

GNR apoiou ontem regresso do "patrão"

. Dois representantes da entidade patronal lograram entrar ontem na «Luís Pedro Mendonça», depois de terem solicitado o apoio de uma força da GNR, que para o efeito se deslocou ao local. Exibindo uma procuração assinada pelo patrão, os dois indivíduos retiraram-se após meia hora, os escritórios, prometendo voltar hoje. Até ao fim da manhã tal não se verificara no entanto.

A presença dos representantes do patronato naquela empresa tinha sido precedida, às oito da manhã de ontem, por um plenário a fim de ser comunicada aos trabalhadores uma decisão do Ministério da Indústria e Tecnologia, no sentido de que a reentrada da entidade patronal se fizesse até ao dia de ontem.

Apesar desta decisão do MIT, os trabalhadores continuam, porém, a recusar o diálogo ou a devolução ao patronato ou a quem quer que o represente. Os trabalhadores, que se têm manifestado abertos a diversos tipos de solução, pensam que a solução preferível para a «Luís Pedro Mendonça» é a integração nos CTT/TLP.

A actual situação nesta empresa de que depende na quase totalidade a rede telefónica nacional, é de molde a causar uma certa preocupação, pela possibilidade de se registar alguma grave avaria, que não poderia ser remediada por não haver com quê, pois esgotam-se rapidamente os «stocks» de material fabricado pela «LP Mendonça».

As forças da GNR que ontem compareceram naquela unidade industrial declararam nada ter com os problemas concretos da empresa, mas negaram aos trabalhadores o direito de impedirem a entrada aos representantes da entidade patronal.

TAP

Moção "secreta" de pilotos entregue ao Governo

. O Sindicato dos Pilotos da Aviação Civil, confirmando a actuação elitista de que tem sido acusado por vários sectores de trabalhadores da TAP, aprovou na semana passada uma moção, em assembleia geral de sócios, que não deu a conhecer aos restantes trabalhadores da companhia e entregou directamente no Ministério dos Transportes e Comunicações.

Segundo fonte fidedigna, a moção assume carácter de ultimato pois os pilotos dão ao Governo um prazo até ao próximo dia 10 para satisfazer as suas reivindicações, e, no caso de não serem satisfeitas, tomarão medidas. Os pilotos reafirmam na moção, que não aceitam o presidente do Conselho de Gerência como interlocutor nas negociações do ACT; reivindicam o regresso do comandante Hugo Damásio ao posto de director das Operações de Voo (de que se demitiu durante a greve do zêlo dos pilotos) e requerem uma fiscalização ao exercício do Conselho de Gerência, o qual prevê para este ano um prejuízo de 300 mil contos, enquanto o Sindicato dos Pilotos a indica para esse prejuízo a verba de 800 mil contos. Comentam trabalhadores da TAP esta reinvindicação do Sindicato dos Pilotos que antes da interrupção das negociações do ACT reivindicava aumentos de ordenados para os seus associados muito elevados para a situação económico-financeira da TAP, enquanto por outro lado diz saber que o prejuízo do exercício do CG da companhia para este ano é quase três vezes superior ao indicado pelo Conselho de Gerência.

Os trabalhadores da companhia vêem com bastante apreensão este comportamento do Sindicato dos Pilotos da Aviação Civil que não divulgou uma moção contendo reivindicações cuja satisfação afectará todo o pessoal da empresa, receando também que as medidas adequadas que a Direcção daquele Sindicato tomará se as reivindicações não forem atendidas, venha do mesmo modo a afectar os trabalhadores da TAP. Esta actuação entretanto, parece visar a criação de condições que permitam às forças não interessadas na TAP nacionalizada declará-la como empresa em crise.

GTH
GRUPO TEATRO HOJE
TEATRO DA GRAÇA
Tr. S. Vicente, 11 - 875626
a comédia
A ESTALAJADEIRA
de Goldoni
Diariamente às 21.30 h.
TARDES... Sábados às 16 h.
Domingos, só às 18h. Folga às 2.ªs Feiras

NO
CENTRO DO LIVRO E DO DISCO
Podes encontrar
● NOVOS LIVROS ● NOVOS DISCOS ● NOVAS CASSETTES ● NOVIDADES EM BUGIGANGAS ● POSTERS ● ARTESANATO ● SELOS ● MEDALHÍSTICA ● A TÔMBOLA MAIS ALEGRE DA FESTA ● A GRANDE CAMPANHA «PONTO POR PONTO» ● SESSÕES DE AUTÓGRAFOS POR ESCRITORES E MÚSICOS PRESENTES ● E MUITAS OUTRAS SURPRESAS
NÃO FALTES

na Festa do Avante!
o Centro do Livro e do Disco espera por ti

O MAIOR ESPECTÁCULO DO ANO

A GRANDE FESTA DO POVO

ADÓQUE
ADRIANO CORREIA DE OLIVEIRA
ARY DOS SANTOS
A BARRACA
OS BONECREIROS
CARLOS DO CARMO
CARLOS MENDES

CARLOS MONIZ/MARIA DO AMPARO
CARLOS PAREDES
COOP. DE TEATRO POPULAR ALMADA
ESMERALDA AMOEDO
FERNANDO FARINHA
FERNANDO TORDO
GRUPO 4

A VIDA, A LUTA E O TRABALHO DO PORTUGAL NOVO
A REVOLUÇÃO PORTUGUESA E A LUTA DOS POVOS
PELA LIBERDADE E INDEPENDÊNCIA
NA FESTA DO AVANTE!

100.000 METROS QUADRADOS DE FESTA!

700 ARTISTAS EM 10 PALCOS!

ARTISTAS E GRUPOS DE PORTUGAL, INGLATERRA, URSS, IRLANDA, BULGÁRIA, GRÉCIA, ITÁLIA, CHECOSLOVÁQUIA, ESPANHA, POLÓNIA, RDA, HUNGRIA, AMÉRICA, ÁFRICA

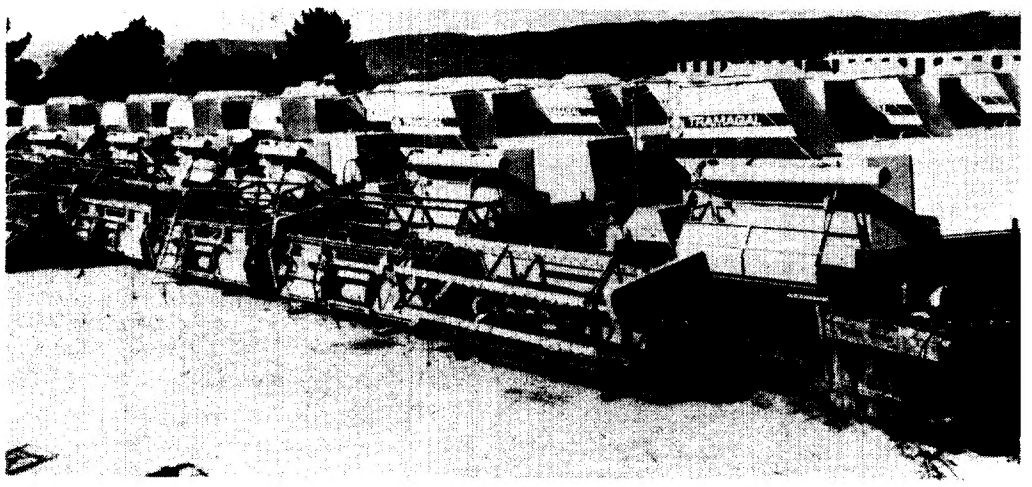
EXPOSIÇÕES, COLÓQUIOS E DEBATES ● TEATRO
CINEMA ● MÚSICA ● CIRCO ● DIAPORAMA GIGANTE
GRANDE EXPOSIÇÃO DE ARTES PLÁSTICAS ● XADREZ
ARTE E CULTURA ● CIDADE DO LIVRO E DO DISCO
FADO ● ARTESANATO ● DIVERTIMENTOS
RESTAURANTES/COMES E BEBES ● BAILES ● FOLCLORE
PROVAS DESPORTIVAS ● TÔMBOLAS

CIDADE INTERNACIONAL

FESTA DO Avante!

VALE DO JAMOR
9 · 10 · 11 de Setembro

Metalúrgica Duarte Ferreira



Ceifeiras-debulhadoras produzidas no Tramagal

O caso dos anunciados despedimentos na Metalúrgica Duarte Ferreira, grave em si mesmo num País onde existem centenas de milhares de pessoas na situação de desemprego, assume uma importância muito maior quando se tem conhecimento do que poderia representar aquela empresa — a maior do ramo das metalúrgicas ligeiras — particularmente no que respeita à substituição de importações.

De facto, esta empresa, que durante a guerra colonial esteve essencialmente virada para o fabrico de camiões militares destinados ao exército, tem uma larga tradição no domínio da maquinaria agrícola. O facto levou os trabalhadores a encararem o «retorno às origens» como uma possível saída para a crise, e por isso apresentaram, na devida altura, os respectivos planos aos departamentos governamentais competentes.

O interesse desses projectos na economia nacional é por demais evidente: desde a fabricação de ceifeiras-debulhadoras, com uma progressiva incorporação de mão-de-obra nacional, até à construção do camião português, em colaboração com outras empresas do ramo metalúrgico e automóvel, havia uma série de projectos apresentados em devido tempo, que nunca mereceram uma resposta.

Em contrapartida, para resolução do problema levantado pelo abandono do fabrico de camiões «Berliet» destinados à guerra colonial, o Governo resolve agora iniciar um processo de despedimentos em massa, ao mesmo tempo que admite a hipótese de, no futuro, vir a aproveitar alguns dos planos entretanto apresentados pelas organizações de trabalhadores da Metalúrgica Duarte Ferreira.

Nestes como noutros casos de empresas «em crise», não é a primeira vez que se procura iniciar a discussão pública das saídas possíveis. No entanto, nunca o Governo, através dos gabinetes responsáveis, iniciou um processo de discussão dos problemas, particularmente com os trabalhadores, com vista a, de acordo com a Constituição da República, encontrar um consenso.

Assim, em 11 de Março de 1977, publicávamos no nosso jornal um trabalho sobre esta empresa do ramo metalúrgico, dando voz à respectiva Comissão de Trabalhadores. Aí se afirmava que «inventam-se mil estudos consecutivos para demorar a solução para a M.D.F. e dos seus projectos fundamentais».

E acrescentava-se: «A ruina-se a empresa placidamente, por comodismo, fraqueza ou incapacidade do Governo». E tal veio, tudo o indica, a acontecer efectivamente. A tal ponto que durante o mês de Agosto, vieram a público as notícias em que se admite a hipótese de despedimentos colectivos, para enriquecer os «armazéns de despedidos», na ordem dos 1500 operários. A ordem há-de vir do Ministério da Indústria e Tecnologia.

QUANDO?

A «Solução» para o caso da Metalúrgica Duarte Ferreira deverá sobrevir, tudo o indica, quando terminar oficialmente as suas funções a actual Comissão Administrativa, no próximo dia 15. Então, muito provavelmente, serão anunciadas oficialmente as medidas que «sanearão» financeira e economicamente aquela unidade fabril.

Contudo, face ao que tem acontecido noutros sectores e noutras empresas, muitos trabalhadores interrogam-se sobre o que representará de facto a solução preconizada pelo Governo. Representa o fim da M.D.F. ou apenas o armazenamento de mão-de-obra para, mais tarde, em «fase de multinacionais» (Renault, ou outras...), serem devidamente exploradas em nova fase de recuperação (e deixa-se à consideração: económica ou capitalista?).

Abordemos ainda a hipótese resultante da mais recente reunião do Conselho de Ministros, em que se prevê a fabricação de peças de automóveis no nosso País, a par da montagem. De facto, no caso dos camiões, que também constribuem substancialmente para o défice da nossa balança de pagamentos, os trabalhadores da M.D.F. já apresentaram alternativas.

Os planos apresentados envolviam, entre outras hipóteses, a possibilidade de ser fabricado um camião nacional, também neste caso com uma elevada incorporação portuguesa. Nesse projecto eram incluídas fábricas como a de material de guerra de Braço de Prata, que poderia ficar encarregada da fabricação das caixas de velocidades, a FAP (Fábrica de Automóveis de Portugal), de Aveiro, que deveria ficar encarregada da montagem, a Eduardo Ferreirinha e Irmãos (E.F.I.), que entretanto foi desintervencionada e a própria M.D.F.

Mas nem tudo terminava aí: na antiga linha de montagem de camiões militares, em Abril de 1977, estavam a ser montadas ceifeiras-debulhadoras, a um ritmo de quatro unidades por dia, que poderiam, se a tal se dispusesse o Governo, incorporar progressivamente mais produção nacional e substituir, consequentemente, as importações nesse e noutros campos, evitando o derrame de divisas.

Os projectos deveriam, ainda, incluir as enfardadeiras, onde as importações atingem somas razoáveis, passando pelas escaroladoras e outras máquinas agrícolas essenciais para o País, mas de cuja importação nós continuamos dependentes.

SALDOS

CASA

SÉRGIO SAMPAIO

Dias 6-7-8-9

Metalúrgica Duarte Ferreira

Quando 1500 despedimentos representam um atentado à economia nacional

AS IMPORTAÇÕES

As importações, neste caso também abrangendo os tractores, que poderiam igualmente ser fabricados em Portugal, seriam consideravelmente diminuídas no caso de se enveredar pela fabricação em Portugal. Claro que é um campo onde estão em jogo diversos interesses, diferentes compromissos.

Vejamos o caso da ceifeira-debulhadora, em que se poderia, só com a fabricação da M.D.F., abastecer o mercado português. No entanto, durante o ano corrente foram importados quase quatro centenas de máquinas, dificultando a diversos níveis os projectos da Metalúrgica Duarte Ferreira, chegando ao não pagamento, no estrangeiro, da licença, cujo contrato tinha sido supervisionado pelo Governo português.

Visaria, unicamente, este comportamento da parte do Governo, a defesa de todo um ramo que vivia da comercialização de máquinas agrícolas? Pusemos a questão. Responderam-nos na CT da M.D.F.: «Não, nós não estávamos interessados em vender directamente as nossas máquinas, ainda porque tal se evidenciou contraproducente».

Aqui surge a questão: porquê continuar a importar, quando era completamente viável começar a fabricar, com uma progressiva incorporação nacional? Que interesses estão, de facto, em jogo?

. Tudo indica que os motivos profundos de tal comportamento são compromissos internacionais, tanto mais que o modelo adoptado pela Metalúrgica Duarte Ferreira foi considerado pela Estação Agronómica Nacional como aquele que está mais de acordo com as condições portuguesas. O mesmo se passa no campo das enfardadeiras, por exemplo.

No caso do camião nacional, tomemos outro exemplo, tudo indicava um bom futuro para o projecto apresentado pelos trabalhadores da M.D.F. Assim, encontrava-se saída para problemas de quatro empresas, simultaneamente, desde a Fábrica de Material de Guerra de Braço de Prata, bem apetrechada mas sem utilidade total depois do fim da guerra, até à Eduardo Ferreirinha e Irmãos, na altura intervencionada, com uma certa experiência de fabricação de motores, particularmente para as motobombas.

Talvez a pressa de fabricar material de guerra para exportar em favor de determinados regimes, ou a necessidade de desintervencionar cuja febre ficou bem patente, ou o compromisso de importar mesmo aquiloque nós podíamos fabricar, esteja por detrás disto tudo. Mas ninguém até agora explicou...

M.D.F. NÚMEROS E IMPORTÂNCIA

A importância da maior empresa do ramo de metalurgia ligeira parece, pois, evidente. Mas tal torna-se mais flagrante se analisarmos, ainda, o que significa a Metalúrgica na terra (freguesia, concelho, distrito) onde se situa. (E recorde-se que o Presidente da República não visitou a maior unidade do distrito de Santarém, apesar de convidado, quando recentemente ali se deslocou...).

Vejamos uma resolução do Conselho de Ministros (a n.º 19/77, de 20 de Dezembro de 1976); «... As análises feitas confirmam que a empresa não poderá subsistir sem reconversão; a cessação da actividade da empresa não interessa a ninguém; a reconversão proposta, pelo contrário, é interessante sob muitos aspectos (assegura postos de trabalho, dinamiza a actividade económica regional e nacional, contribui para o equilíbrio da balança de divisas). E ainda: «Tem-se como certo que a reconversão não se fará senão com uma actuação coordenada do Estado, da empresa, da banca e um grande empenhamento dos trabalhadores da Metalúrgica Duarte Ferreira...».

De facto, a Metalúrgica Duarte Ferreira é a mais importante empresa do distrito de Santarém, dela dependendo milhares de famílias e consequentemente, centenas de pequenos e médios comerciantes, industriais e outros.

A sua principal fabricação incide sobre as alfaias e máquinas agrícolas, equipamento de extracção de azeite, veículos de transporte pesado, componentes e peças de substituição para a indústria automóvel, material de tracção ferroviário, indústria cerâmica, de construção civil, etc., e de produtos esmaltados (fogões e louça). Além disso possui licenças para montagem e fabricação de diversas marcas internacionais, entre as quais estão incluídas as de tractores, ceifeiras-debulhadoras, enfardadeiras, etc.: Berliet, Titan, Braud, Bonnier, John Deere. Isto, para exemplo.

A intervenção do Estado na Metalúrgica Duarte Ferreira foi decidida em 19 de Dezembro de 1974, atendendo ao número de trabalhadores que emprega(va), à importância regional da empresa, ao seu potencial técnico, ao equipamento instalado, à situação particularmente grave, nos aspectos financeiro, de economia global e relações internas de trabalho.

A situação financeira, na altura da intervenção era altamente deficitária com a agravante da empresa estar tecnicamente falida, ainda com o senão de não ter produto, por haver perdido o camião militar, que ocupava cerca de 80 por cento da sua actividade.

EIS QUE SURGE A ALTERNATIVA

Mas tudo isto sofre uma ruptura quando, no mês passado, de súbito, os trabalhadores da Metalúrgica Duarte Ferreira lançam o alarme porque, durante uma reunião com Nandim de Carvalho, adjunto do ministro da Indústria e Tecnologia, tomaram conhecimento de que se preparava o despedimento de 60 por cento do pessoal.

Isso resultava da aprovação pelo MIT de uma proposta, nos termos da qual a manutenção da empresa deveria passar «por medidas que têm de doer», o que significava «armazenar» um milhar e meio de trabalhadores.

Claro que tudo isto se relaciona com uma política mais vasta do Governo que deverá atingir igualmente outras empresas em idêntica situação. Mais concretamente, aparecem aqui as facilidades dadas para os despedimentos, ao abrigo do «Pacote 2», quando uma empresa é declarada em crise.

Para Nandim de Carvalho, um engenheiro recentemente regressado das ex-colónias, a solução para uma empresa como a M.D.F. seria, portanto, a transformação em empresa de capital misto, para logo a seguir ser declarada em crise.

Os trabalhadores consideram que uma proposta deste tipo «é um crime». Tanto mais que, durante muito tempo apresentaram claras propostas alternativas e nunca lhes foi dada qualquer resposta. E enquanto vêm os trabalhadores pagando pelos desiquilíbrios, percebem que são assim desperdiçadas oportunidades. Porquê, é uma interrogação permanente.

AINDA FUNCIONA

Entretanto, a Metalúrgica Duarte Ferreira, depois de um mês de férias, continua o seu funcionamento «não normal», porque, ainda, como se viu, não foram aproveitados todos os seus recursos, que incluem por exemplo a fundição.

Mas, neste momento, são apontados embarques de encomendas para Angola e Moçambique. Aí é curioso notar como poderia incrementar-se uma «saída» para uma empresa e tal se não faz, à semelhança do que acontece em tantos outros casos de indústrias em dificuldade, das conservas aos vidros.

Claro que, nestas circunstâncias, uma empresa como a Metalúrgica Duarte Ferreira acumula prejuízos e mais não pode fazer. O problema agora está em saber quem é o responsável por uma tal situação: um Governo que tem evitado encontrar uma saída, ou os trabalhadores que se têm socorrido de todas as hipóteses, propondo soluções concretas?

. A questão tem ainda a ver com o planeamento económico regional, pois a queda de uma empresa destas dimensões tem repercussões incalculáveis.

Tentanto avaliar dos prejuízos que certamente advirão para a região, contactámos entre outros, com o presidente da Junta de Freguesia, do Tramagal, onde se situa a fábrica da M.D.F. e de cujas povoações limítrofes vem essencialmente, a mão-de-obra. Também trabalhador da MDF, aquela «personalidade» entendeu nada ter a dizer na sua condição de trabalhador da empresa, por razões que se ligam com o facto de ter pertencido à primeira CT e com «golpismos», como nos disse,

Por outro lado, como presidente da Junta de Freguesia, «só depois de ter consultado os outros membros». Quando por lá passámos, não havia ninguém.

A importância de todo o processo apenas se acentua com exemplos destes. Por isso vale a pena chamar a atenção para ele.

Não aos despedimentos

. Como noticiámos em devido tempo, os trabalhadores da MDF estiveram reunidos, na semana passada, em dois plenários efectuados em Lisboa e no Tramagal. Então decidiram não aceitar um despedimento que seja, «ainda que manhosamente lhe chamem o que quiserem». Mais acordaram que «não permitirão que qualquer chefia, a qualquer nível, colabore com a «pidesca» escolha dos trabalhadores a despedir».

O documento final dessas duas reuniões assinala, ainda, que «o despedimento dos 1500 trabalhadores, como de 900, equivale a um boicote à economia nacional, na plena acepção do termo, uma vez que tal impediria a continuação da produção do material de gama tradicional necessário ao dia-a-dia do País».

Em síntese, aí se assinala também a proposta de reconversão apresentada ao Governo: fabrico nacional de tractores, camiões e máquinas agrícolas, com a criação, três anos após o lançamento dos projectos de 300 ou 400 novos postos de trabalho; possibilidade de uma facturação anual da ordem do milhão e quatrocentos mil contos, mais 650 mil contos da gama tradicional; um milhão de contos de poupança de divisas.

Uma curiosidade: os trabalhadores da MDF habituaram-se «a ver os projectos da sua empresa servirem de bandeira eleitoral do Governo e do seu próprio programa, aprovado na Assembleia da República (como já anteriormente no VI Governo, Pinheiro de Azevedo havia feito numa alocução transmitida pela RTP), óbvio reconhecimento público da validade que continham».

ÚLTIMOS DIAS DE SALDOS
NO FIM, AINDA MELHOR DO QUE NO PRINCÍPIO...
AINDA PODE APROVEITAR!
VEJA ESTES EXEMPLOS EXTRAORDINÁRIOS

NAS 15 LOJAS DOS armazéns do CONDE BARÃO

- CHIFON estampado 1.15 largo, padrões de sonho 29$50
- TOALHAS de mesa em Terylene, 1.50 largo, 50$00
- MEIAS NYLON p/ senhora, mas boas meias 5$00
- CASEMIRAS de Terylene. São modernas, 1.50 largo, 50$00
- PRONTO A VESTIR, confecções de nível e de qualidade, descontos até 50%
- SHANTUNG para cortinados de grande nível, 3.00 largo, 149$50
- TOALHAS DE ROSTO. Lindas cores, 29$50
- COLCHÕES DE MOLAS para casal, garantia de 11 anos, 1650$00
- ALCATIFAS de pêlo alto da mais famosa marca. Preço do mercado 300$00. Nosso preço, 175$00 m2
- COLCHÕES de espuma, são ingleses e... não fica com os pés de fora! 755$00
- LENÇÓIS de flanela, com riscas, 1,80 largo, 98$00
- CAMISAS para homem, são modernas, valem 400$—125$
- PANO DE LENÇOL em Terylene. Não há melhor, são preços incríveis! 1,80 largo, 79$50 — 2,00 largo, 89$50

AGORA O SEU DINHEIRO VALE O DOBRO
COMPRE AINDA SALDOS
EM TODA A ORGANIZAÇÃO DOS armazéns do CONDE BARÃO

UM DEPOIMENTO DE ULPIANO NASCIMENTO

O "Plano": da realidade econó à necessidade da unidade de

O Portugal real de hoje é bem diferente do Portugal de ontem: hoje o País reduziu-se em espaço e em todos os volumes produtivos e distributivos. Cresceram a população e o consumo de bens alimentares e outros. O desequilíbrio crónico existente entre a produção e o consumo agravou-se subitamente, obrigando a importar mais, mas sem contrapartida nas exportações. Estas reduziram-se relativamente, piorando ainda mais o «deficit» da balança comercial, com a consequente sangri a das reservas do Banco Central, resultado acumulado do esforço dos nossos trabalhadores.

. capital emigrou ou retraiu-se, as poupanças são entezouradas improdutivamente, aguardando melhor oportunidade, melhores lucros e juros, fazendo baixar o investimento global e reduzindo consequentemente a actividade económica do País a níveis perigosos, gerando desemprego e inflação numa clara tendência para a crise.

Este um problema.

Outro problema entretanto surgiu, agravando o anterior: a desvalorização do escudo que hoje regista já em relação a 1975 uma diminuição do seu poder de compra da ordem dos 45 por cento, efeito próprio dos incentivos e do mecanismo capitalista. Alto preço que se é obrigado a pagar quando se recorre ao crédito estrangeiro nas condições particulares em que foi feito, sem poder de negociação, em nome da recuperação económica nacional, com real sacrifício das gerações futuras e dos trabalhadores de hoje, em holocausto ao poder estabelecido e à recuperação capitalista. Só em 1976 a dívida externa portuguesa media-se já pelos 100 milhões de contos, ou seja, cerca de 28 por cento do Produto Interno Bruto, e em 1978, estima-se, alcançará 250 milhões. Percentagens estas, que significam uma séria ameaça à independência nacional e, particularmente, porque aquela só provém de um lado, do mundo capitalista.

Também na Europa o mundo real de hoje se afasta do mundo de ontem. A recessão económica mundial capitalista de 1973/1974 prossegue nos seus delírios incontroláveis a lançar o pânico e a insegurança por todo o lado: no domínio monetário, na energia e combustíveis, no mercado do trabalho, nos preços, nas relações económicas entre o Norte e o Sul (países ricos, industrializados, e países pobres, fornecedores de matéria-prima), na defesa dos recursos não renováveis e vivos do mar, etc, de consequências imprevisíveis, mas que jogam sempre, no mundo chamado Ocidental, contra aqueles que trabalham.

Efeitos inerentes ao processo de transformação da sociedade dos homens ou da vida e morte do sistema capitalista, de que nos falam os últimos relatórios do Club de Roma e das Nações Unidas, este pela pena do prémio Nobel da economia W. Leontiev.

Lá como cá, o desemprego grassa e a inflação corroe a estrutura e os mecanismos económicos e o tecido social da ordem estabelecida; fenómenos que nascem e de desenvolvem indiferentes àqueles que se esforçam, utilizando todo o género de expedientes, para manter o sistema de pé.

O Mercado Comum, por exemplo, que absorvia os nossos excedentes de mão-de-obra — produto da incapacidade do regime fascista anterior — fechou praticamente as portas à emigração e tem planos, como o Plano Barre, no caso da França, para recambear os trabalhadores estrangeiros aos países de origem, criando nesses países — também capitalistas — tremendas dificuldades para as suas próprias economias, já afectadas por elevadas taxas de desemprego e inflação, problemas estes que requerem medecinas específicas, mas que no contexto daquele sistema, se opõem e anulam entre si.

É nestas condições e perspectivas, com estes exemplos vivos e inquietantes, que a governação portuguesa vai retomar o modelo — o sistema capitalista — banido pelo 25 de Abril.

ALGUMAS INTERROGAÇÕES

Mas qual a ciência que aconselhou recuperar uma economia como a portuguesa, através do modelo capitalista, nas críticas condições em que este sistema se encontra, e no tempo histórico que vive Portugal, afogado em problemas e contradições, sob a pressão das necessidades de uma população adicional de 7 por cento, sem fundos, desequilibrada como nunca no âmbito da produção e consumo, da importação e exportação, da despesa e receita, com a sua moeda depreciada, com uma taxa de desemprego que roça pelos 15 por cento e uma inflação que alcança, pelo menos, os 30 por cento de crescimento?

Desvalorização que a única vantagem que apresentava para nós, animar as exportações e o turismo, acaba agora, com a desvalorização da peseta em 25 por cento, da vizinha Espanha — concorrente nestas áreas — de perder grande parte dessa vantagem.

Qual a base científica e técnica que levou a desviar a sociedade portuguesa do seu caminho, das suas soluções originais, para recorrer de novo àquele velho sistema, o qual precisamente acabara de sofrer duro revez pela sua acção exploradora, literalmente odiado em todo o País, pelas desigualdades criadas, pelo atraso e pobreza generalizada que produziu e pela repressão sistemática que usou para se manter no poder?

Quais os motivos que levaram a tomar esta decisão, contrariando uma opção eminentemente popular e uma tendência histórica?

Fazendo e desfazendo, criando ociosidade, desgastando-se em avanços e recuos, em hesitações e confusões, pagando por isso elevados custos sociais, para se cair afinal na desacreditada e ultrapassada solução capitalista, aliás de difícil consumação nas condições reais existentes, pelas características parasitárias do nosso empresário, pela importância determinante do sector público, nacionalizado e cooperativo, pela força sindical e dos trabalhadores, pela impossibilidade de recorrer à emigração e de poder assim exportar as tensões sociais, pela ausência de colónias para explorar, pelo quadro normativo constitucional vigente e, principalmente, pela vontade da maioria dos portugueses, fartos de pobreza e de injustiça.

Não foi certamente a crise económica do país que determinou esta reviravolta na conjuntura da sociedade, porque a sociedade portuguesa vai continuar na crise — porque o capitalismo está em crise — ou então, o que é o mesmo, vai ficar amarrado a qualquer «Plano Marshall» com a inevitável internacionalização dos problemas portugueses e a sua gradual desnacionalização.

As causas desta decisão fundamentam-se exclusivamente em motivos de ordem política, de política de classe, porque, por motivos de ciência económica jamais se poderia justificar esta tão custosa e difícil reconversão, para a qual o uso da força não deixou já de ser evocado.

OUTROS TEMPOS

Em 1975, durante a governação do general Vasco Gonçalves, apesar de tudo e da guerrilha desgastante que se lhe moveu, caminhava-se para soluções de emprego, a inflação regressava a níveis toleráveis, os salários mantinham o poder de compra, as importações estabilizavam, o escudo conservava a paridade em relação às moedas fortes, começava-se a intervir no sector comercial, trabalhava-se então muito seriamente na eliminação do intermediário parasitário, contra a especulação e na estabilização dos preços, o sector produtivo era lançado, em particular na recuperação do sector primário, e as relações com os países africanos de expressão portuguesa retomavam a actividade, que tendia a crescer em todas as áreas da cooperação.

Voltados para os nossos próprios recursos e potencialidades, com a «prata da casa» e o crédito que nos era devido por respeito internacional, iniciava-se assim o grande projecto histórico de transição para o socialismo, com dignidade, patrioticamente, mas por certo contrariando uma minoria, a classe privilegiada, que limitada nos seus apetites e riqueza, ser rebelaria, fazendo tudo para não perder e continuar a dominar.

O clima de austeridade nasceu assim e instalou-se assim em Portugal, geral, sem imposições, coerentemente com a política económica então em curso, como se impunha.

Não se viam nessa altura, por exemplo, transitar pelas ruas e nas estradas carros de luxo, nem o roncar dos bólides dirigidos pelos «meninos bem»; as casas de modas e as «boutiques» servidas de roupas importadas para vestir elites burguesas ou a promoção burguesa, fecharam-se ou converteram-se noutras actividades; as «boîtes» e as festas mundanas desapareceram discretamente. A «sociedade de consumo» e a ostentação, em 1975, sofreram um grande golpe. A publicidade sobre produtos estrangeiros na T. V., Rádio e na Imprensa e a sua venda sumiram-se como por encanto.

Notava-se nesse período um certo pudor de exibir riqueza e ostentar poder.

As rendas de casa deixaram de subir. As comissões de moradores tomaram de repente consciência do que era a interajuda; os vizinhos passaram a conviver e a conhecer-se; levaram-se a efeito melhorias locais (água, creches, escolas, etc.). Na província este fenómeno repete-se, verificando-se aqui e ali a abertura de caminhos, obras de saneamento, escolas, creches, etc.

O ano de 1975, apesar de tudo, constituiu uma autêntica e grande festa nacional da humildade, de cooperação entre os homens e de criatividade. Ficará na história.

As transformações iniciadas e as condições de vida e os níveis de consumo que estas ofereciam a todos os portugueses, indistintamente, era a pura negação do modo de vida que a *direita*, a grande burguesia queria e por ela pugnava.

Como poderia esta gente viver uma vida social simples — que as circunstâncias da transição social e da recuperação económica exigiam — conviver cristamente com o seu semelhante trabalhador e ela própria trabalhar?

A sociedade nova que surgia no horizonte das realidades e enchia de esperança os homens de boa vontade, seria a morte certa do privilégio e da opressão, da tal minoria que compõe a *direita*.

O ANTIPLANO

Depois do clima de austeridade que se viveu no V Governo Provisório, resultado de certos condicionalismos, coerentes com as transformações então em curso, o País retomou o processo do velho sistema capitalista.

As medidas que se tomaram a partir do VI Governo Provisório, no âmbito das correcções sociais no trânsito para a Sociedade Nova, limitaram-se a actuar sobre alguns problemas conjunturais, sobre efeitos, medidas que não procuravam mudar, neste caso, tipicamente capitalistas, no âmbito fiscal, do crédito concedido indiscriminadamente ao sector privado, da política de preços, do aliciamento das poupanças portuguesas no estrangeiro, em particular dos emigrantes, e sobretudo facilidades outorgadas ao capital estrangeiro.

Medidas que se orientaram coerentemente para a recuperação capitalista, fomentando-se altos preços, altos lucros, elevadas taxas de juros, comissões, negociatas, etc.

Mas o pior não estava nisto. O pior foram as medidas tomadas — essas sim com incidência sobre a estrutura e as instituições económicas — que tendiam a destruir as conquistas da Revolução, como as Leis da delimitação dos sectores público e privado, da reforma agrária, do arrendamento rural, das indemnizações, dos investimentos estrangeiros, da contenção dos salários, dos despedimentos, etc.

É evidente que no conjunto esta política não conduziu ao aumento da produção, à redução de consumos e à contenção dos «déficits» da balança de pagamentos. Pelo contrário, a produção estabilizou a baixo nível, os consumos aumentaram irresponsavelmente e as importações também, ao mesmo tempo que o País se endividou, enquanto o desemprego cresceu, a pequena burguesia e os trabalhadores apertaram o cinto e a grande burguesia respirou fundo e se entregou ao seu labor de arrecadar lucros e acumular rique-

BOMBA EM LISBOA

CAMISAS (todos os números) . . . 150$00
CALÇAS (branco, creme e azul) . . 200$00
SAIAS (branco, creme e azul) . . . 245$00
VESTIDOS (branco, creme e azul) . 450$00
BLUSÕES (branco, creme e azul) . . 250$00
T. SHIRTS . . . . . 85$00

... MAS HÁ MAIS

VENHA VER PARA CRER

TOP ROSS ROSSIO, 85 — LISBOA

MADEIRA
viagens semanais de
JUNHO a OUTUBRO
em voos especiais TAP
desde 3 710$00
bons hoteis, visitas, transfers
guia permanente, etc...
NÃO PERCA TEMPO INSCREVA-SE já!
preços especiais para grupos
Av. Liberdade 233
Tel. 536121
Europeia

...ómica portuguesa ...esquerda

...za, tranquilamente.

A motivação que está na origem do Plano de Emergência, agora anunciado, não se deve ao reconhecimento de qualquer erro de conduta de política económica. Não. O Plano de Emergência reflecte, de harmonia com os novos arranjos e alianças políticas, a institucionalização dos correspondentes comportamentos económicos, a fim de consolidar e radicalizar a tendência capitalista nos negócios do País, começando por eliminar a disciplina do incómodo Plano a Médio Prazo — ele próprio de emergência, pois desde o 25 de Abril que se vive nessas condições —, e substituí-lo, permitindo assim acelerar a nova política económica, em nome da salvação nacional.

O Plano de Emergência surge, pois» na lógica dos acontecimentos, pragmaticamente, como o Anti-Plano do Plano a Médio Prazo (que deveria ter sido aprovado em Maio último). Plano que abre assim o caminho e oficializa a nova política económica que se apoia em todo o género de desigualdades.

Voltamos à época, tristemente recordada, de «socializar os encargos e individualizar os lucros».

O CHOQUE DO PLANO A MÉDIO PRAZO COM A REALIDADE

Voltemos ao Plano a Médio Prazo.

Um plano de desenvolvimento é, sobretudo, um instrumento político de intervenção no quadro socioeconómico de um país ou região.

Nos termos da Constituição da República, um plano é a organização económica e social para a construção de um sistema socialista, através da transformação das relações de produção e da acumulação capitalista (art.º 91).

Neste contexto, portanto, um plano deveria garantir o desenvolvimento harmonioso dos sectores e regiões, a eficiente utilização das forças produtivas, a justa repartição individual e regional do produto nacional a coordenação da política económica com a política social, educacional e cultural.

Outro aspecto.

O Programa do Governo, cumprindo o que dispõe sobre a matéria a Constituição (art.º 195), compromete-se a apresentar até 15 de Novembro de 1976 o projecto do Plano de 1977, integrando o Orçamento Geral do Estado; até 15 de Maio de 1977 o projecto do Plano a Médio Prazo de 1977/80; e até 15 de Outubro de 1977 o projecto do Plano a Longo Prazo, definindo o horizonte dos anos 80.

Deste calendário só a data que se refere ao Plano de 1977, foi observada, embora a sua execução esteja atrasada e precariamente realizado.

O Plano a Médio Prazo ainda não foi apreciado na Assembleia da República e o Plano a Longo Prazo não o será tão pouco, porque o mês de Outubro será ocupado com a apreciação e discussão do Plano a Médio Prazo, mas aí sob uma óptica nova de emergência, com carácter de salvação nacional (Plano de Emergência).

Tal significa que vão cessar os compromissos da planificação com a Consituição da República.

O calendário do Governo só muito parcialmente foi cumprido, porque a elaboração de um plano e muito mais a sua aprovação é incompatível com a instabilidade política, com as jogadas políticas, com uma *direita* que não reconhece qualquer mérito àquele instrumento racional de administração e de desenvolvimento económico. Para a *direita* um plano nos termos como define a nossa Constituição, subordinando toda a actividade económica aos interesses nacionais e sociais e subtraíndo os centros de decisão às influências de grupos de poder e aos interesses particulares constitui para aquela um sério perigo.

E tais interesses e influências acabaram por afectar os poderes estabelecidos, conduzindo estes a abandonar o planeamento com espírito constitucional ou pelo menos, minimizá-lo na sua acção interventora, tratando os grandes problemas económicos e históricos com medidas de ordem conjuntural.

Nem que as soluções deste tipo possam parar a crise definida na primeira parte deste artigo, em que os problemas estruturais abundam e se chocam com profundos desequilíbrios e carências, enquanto se marginaliza a única força verdadeiramente nacional capaz de produzir riqueza — o trabalho — em benefício de um capital tradicionalmente voltado para o lucro.

O caso da Lei das «Grandes Opções» da política económica e social do Plano que sendo básica e determinante na organização da economia portuguesa e imperativa no processo de transição para a Sociedade Nova e de recuperação económica, a sua apreciação na Assembleia tem sido protelada sucessivamente e substituída por outras que, uma vez em vigor, vão limitar a sua acção. Recorde-se também, no âmbito do Executivo, o que se tem passado com o financiamento do sector público, este submetido sistematicamente a um processo de desmoralização e e de descrédito, ou com a organização e funcionamento dos Conselhos Nacionais de Rendimentos e Preços e do Palno, que se encontram parados, ou ainda a falta de diálogo com os trabalhadores que, nos termos da Constituição (art.3 55 e 94) deveria processar-se desde as bases.

O Plano a Médio Prazo, agora, ameaçado, não podia ter futuro nas condições actuais, em plena mutação.

Atrás, foi posta em evidência essa mudança forçada sobre as condições socioeconomicas decorrentes da Revolução de 25 de Abril. Essa mudança que representa na prática profunda viragem ao sentido daquela Revolução, iria dificultar necessariamente a execução de um plano de transição como este, utilizado precisamente para transformar um sistema de produção que a *direita* quer agora vitalizar: o capitalismo esgotado do nosso tempo.

Devemos salientar de que o grande problema que se levanta para nós à volta do Plano, não está dentro dele. O grande problema, o problema de fundo, como acabamos de ver com o lançamento do Plano de Emergência, encontra-se fora do Plano. Está em todas as forças económicas e sobretudo políticas que o envolvem, sobre as quais se pretendia intervir. Forças que — repetimos — foram objecto de grandes alterações, com forte guinada para a *direita* e, tão rapidamente, que reduziu bastante o eventual poder interventor daquele na economia nacional, correndo por isso o risco de cair no vazio ou na inutilidade.

O «social» do Plano não iria certamente aguentar o choque com a realidade: primeiro, porque o sistema aonde vai operar é impulsionado por interesses e estímulos de lucro e de domínio de uma classe em recuperação que dificilmente tolerará qualquer subordinação ao Plano; segundo, porque a irracionalidade do sistema capitalista, corroído sobretudo pela inflação e pelos problemas monetários, não se sujeitaria também à disciplina do Plano embora este compreenda uma parte imperativa (o sector público); terceiro, porque o quadro normativo e os centros de decisão, quer internos quer situados no exterior, que condicionam o campo onde o Plano iria mover-se, desviaram-se ou ter-se-ão oposto ao rumo apontado pela Constituição que o conformou.

ESFORÇO CAPITALISTA

Na Assembleia da República, produto de chocantes manobras e arranjos partidários, que nada têm a ver com o verdadeiro jogo democrático, entrou-se no caminho aberto das concessões, desviando-se o sentido do 25 de Abril, tirando à *esquerda* para dar à *direita*.

O Executivo, por outro lado, seguindo no mesmo caminho, excede-se em actos de direita, contribuindo, pela via administrativa, para reduzir o significado das conquistas da Revolução e, nalguns casos, esvaziando os princípios da Constituição do seu conteúdo social, como tem ocorrido frequentemente em relação ao sector nacionalizado, intervencionado e na área da reforma agrária, no ensino e no trabalho e na própria gestão governamental cujas administrações e quadros, nomeados a partir de 1976, pensam e procedem em termos e sob uma óptica capitalista.

No âmbito das relações internacionais também os compromissos tornados traduzem entendimentos muito estreitos com a *direita internacional*, dos quais, coerentemente, resultaram volumosos empréstimos, a desvalorização do escudo, a subida de preços, e a promoção da iniciativa privada em detrimento do sector público, num nítido processo de integração capitalista regional, que vai chocar-se com a nossa Constituição (art.º 9).

É evidente que, deste modo, não seria preciso um plano tão intencionalmente elaborado e determinante, embora a situação de crise por que o país atravessa o exigisse. Apenas seria preciso um plano indicativo, global, de modelo adoptado geralmente pelos países industrializados, em que o sector privado influencia e comanda a actividade económica nacional, por intermédio do próprio aparelho de Estado.

Com efeito, o agravamento do custo de vida da crise económica, para além de não ter tido adequado tratamento nacional firme, tem sido tecnicamente precário em muitas áreas. A terapêutica aplicada produziu efeitos muito parciais e designados que favoreceram principalmente uma classe, aquela que defende a chamada iniciativa privada, a iniciativa que em Portugal conduz direitinho à exploração do homem pelo homem.

Dá-se pressa a medidas e disposições que aceleram e favorecem aquela recuperação em nítido contraste com outras fundamentais, que são demoradas, porque se integram e podiam reforçar o processo da tansformação para o socialismo.

O conhecimento dos níveis de rendimentos e preços, evolução e controlo destes, seria essencial assegurar na consecução de uma política anti-inflacionária, de combate às desigualdades económicas e injustiças sociais, iniciada pela Revolução. Tal informação, indispensável para apoiar a decisão económica, seria desejável que estivesse disponível desde há muito, a fim de estabelecer a justa distribuição dos rendimentos, adequados níveis de preços, uns e outros totalmente soltos a partir de 1976, e criar um verdadeiro clima de austeridade, necessário à restauração da economia nacional.

Não esqueçamos que os rendimentos de capital atingem hoje escandalosos benefícios, enquanto os salários experimentam fortes limitações no seu poder aquisitivo, por estarem congelados, isto numa altura em que os preços sobem até às nuvens.

Agora, compreende-se melhor a falta de definição, em termos programáticos, de objectivos a longo prazo para identificar no tempo a reprodutividade dos projectos e o sentido dos seus efeitos na sociedade e os compromissos do Plano em relação ao processo posterior de transformação para o socialismo. Só assim se poderá conceber um plano com a função específica, constitucional, de reduzir o espaço e o poder capitalista e conquistar por sua vez espaço e poder socialista.

Agora se entende melhor também a necessidade dos trabalhadores participarem na elaboração daquele Plano, afinal um projecto que fundamentalmente lhes diz respeito. Tal participação proporcionaria ao Plano o sentir e o conhecimento dos interesses daqueles no quadro social, cujo peso real não pode ser ignorado, e poderia actuar como eventual força correctora do Plano e reajustamento deste na evolução da economia nacional, permitindo estabelecer, automaticamente, um eficaz e integrado *pacto social*, de que agora tanto se fala.

Pacto social que seria o resultado de uma adesão e participação espontânea e responsável por parte dos trabalhadores na reconstrução e transformação social do País. Integração consciente das forças do trabalho na orgânica das relações de produção, restabelecendo-se definitivamente um regime de confiança e de compreensão entre aqueles e o Governo.

AS «GRANDES OPÇÕES»

Aqueles objectivos orientadores e condicionantes, referidos na Constituição estão reflectidos na proposta de Lei das Grandes Opções do Plano 1977/80, e assegurados na sua projecção a longo prazo no caminho da Sociedade Nova.

É realmente este Plano, tanto pela sua intenção como pela sua organização geral estaria em condições de poder produzir resultados ajustáveis a esses objectivos e contribuir para servir as necessidades históricas da transformação da sociedade portuguesa, tal como propõe a Constituição. Mas, para isso acontecer, seria necessário que a realidade social e económica e as condições políticas de há dois anos atrás se mativessem ainda hoje vivas, com toda a sua força transformadora e criativa.

O desnível entre a produção e o consumo internos é, no caso português, gravíssimo. Este desnível só poderá ser eliminado se a produção nacional aumentar e os consumos declinarem, em particular os não essenciais de origem estrangeira. A oferta nacional deve tanto quanto possível cobrir a procura interna, esta agravada principalmente com o crescimento da população, falta de investimento, existência significativa da capacidade instalada ociosa e de importações, as quais, em muitos casos, desfomentam a já débil indústria nacional.

O aumento da produção, por outra parte, só será possível gradualmente o que obrigaria a manter certo nível de importações, enquanto essa produção não pudesse responder às necessidades da procura interna. Isto partindo do princípio de não se querer afectar o modo de vida da burguesia e os seus altos consumos.

Nível de consumos este que, para todos aqueles que o defendem, na actual situação em que se encontra o país, não passa de uma bandeira política — de política de classe — porque reduzindo-se o poder de compra dos salários ficaria a grande maioria da população automaticamente privada de certos consumos, enquanto somente uma minoria privilegiada continuaria a usufruir altos consumos, resultado das remunerações ao factor capital serem não só protegidas como estimuladas, a pretexto de fomentar o investimento, o empreendimento.

Mas a livre empresa no país não tem tradição. O empresário — repetimos — só com raras excepções se arriscava. Não tinha necessidade disso, embora vivesse na mediocridade tecnológica. O Estado garantia-lhe trabalho a baixo salário, matéria-prima e créditos baratos e o desemprego era resolvido mediante a emigração, para onde se lançaram cerca de um milhão e meio de trabalhadores portugueses.

Mas para importar — dizíamos nós — seria necessário adquirir capacidade de compra nacional que o país não dispõe nesta altura, em virtufe das suas reduzidas exportações e porque as reservas do Banco Central estão no fim. Por outro lado, o movimento de invisíveis é insuficiente para compensar os défices da balança comercial que se apresentam cada vez maiores. Daí, o recurso maciço aos empréstimos estrangeiros, executados nem sempre com cuidado, sem que o público tenha qualquer conhecimento da sua aplicação e reprodutividade. Caiu-se sobretudo na importação ávida de bens de consumo e de luxo, sem se cuidar também de diversificar a proveniência dos mesmos, de acordo com uma política de independência nacional.

É claro que uma política motivada para aumentar e diversificar a produção conduziria a dois resultados positivos, em áreas que mais afligem o país e envolvem problemas sociais: a) diminuir o desemprego e b) melhorar a balança de pagamentos.

Esta óptica de acção do Plano embora com certa incidência sobre a conjuntura, é perfeitamente justificável do ponto de vista constitucional.

Com efeito, semelhante orientação desencadearia um processo que levaria ao aumento da produção, substituição de importações e também ao incremento das exportações.

Mas, aqui, outro perigo: aumentando a produção mas mantida a relação remuneradora entre o capital e o trabalho, em desfavor deste último, surge a tal alquimia que transforma a recuperação económica nacional numa recuperação capitalista, de classe, como se tem vindo a verificar com aumento de consumos, em detrimento das classes trabalhadoras e da pequena burguesia efectivo populacional largamente maioritário, que suportara indirectamente esses consumos, geralmente provenientes do estrangeiro, para a qual a Constituição da República e o próprio Governo e o Plano a Médio Prazo apontam:

Estar-se-ia, assim, a contribuir para agravar as desigualdades já referidas afastando-se o povo da realização do seu grande projecto: a Sociedade Nova.

Suárez quer apoio do PSOE para contornar a crise

. Numa reunião que durou duas horas e quinze minutos, o primeiro-ministro espanhol, Adolfo Suárez, tentou ontem negociar um acordo com Felipe Gonzalez, secretário-geral do PSOE, na oposição, para que os socialistas venham a apoiar o seu Governo minoritário, enquanto busca soluções para resolver os problemas económicos mais urgentes, que, neste momento, afligem o país. À saída do encontro, Felipe Gonzalez, diria que entre os assuntos tratados se incluiram sugestões de políticos e órgãos de Comunicação Social para um Governo de coligação. Quanto à sua resposta, disse: «Bem, em princípio, a ideia do partido no poder, ou no máximo, representante do poder, é não. «Aliás, Felipe Gonzalez, em declarações anteriores, já havia deixado claro que o PSOE não entraria em coligações nem aceitaria servir de «convidado» no Governo dos centristas da UCD, agora em crise. «As exigências do nosso próprio programa económico praticamente excluem a possibilidade de uma coligação», afirma sempre que este assunto é abordado.

Entretanto, ontem a agência CIFRA, informava que Adolfo Suárez, poderia oferecer aos socialistas um pacto constitucional que descreveu como «uma espécie de cessar-fogo», nos termos do qual o PSOE, em troca de concessões, desistiria de pressionar o Governo até uma nova Constituição ter sido redigida. Aparentemente, este dado pode estar confirmado em outro momento, das declarações de Gonzalez, à saída do encontro com o primeiro-ministro: Suárez já elaborou um plano para gerir o país até o Parlamento ter aprovado uma constituição que substitua a actual, remanescente dos tempos de Franco.

O certo é que, em todas as suas declarações, Gonzalez não exclui a possibilidade de uma «neutralidade socialista» na Espanha, a par do precedente aberto em Itália, onde o poderoso PCI sustenta no Poder o minoritário Governo democrata-cristão.

Por outro lado, o ministro britânico dos Negócios Estrangeiros, David Owen, encontra-se hoje com Adolfo Suárez, e com o rei Juan Carlos, quando se comenta que a Espanha poderia estar disposta a negociar o fim da disputa sobre Gibraltar. Como «rebuçado», Owen prometeu que a Grã-Bretanha fará «tudo o que for possível» para que a Espanha ingresse, o mais rapidamente na CEE.

Finalmente, Dolores Ibarruri, «La Pasionária», foi ontem submetida a uma intervenção cirúrgica no coração, como preparativo para a inserção de um «Pacemaker». Dolores, com 81 anos, sofreu várias pequenas crises cardíacas durante a semana passada e a decisão de inserir o «Pacemaker» foi tomada para evitar um ataque cariaco maciço.

TELEX TELEX TELEX TELE

. BRASIL — O cardeal de São Paulo, Paulo Evaristo Arns, defendeu a restauração do Estado de direito no Brasil, propondo uma saída honrosa para os militares que devem converter-se num poder moderador. O cardeal fez estas declarações numa cerimónia realizada perante altos oficiais do exército e autoridades civis. Enquanto isto, o presidente do Sindicato dos Metalúgicos, Luis da Silva, que representa 120 mil trabalhadores, pediu ao Governo que estabelecesse o diálogo para evitar que uma greve paralise a indústria automobilística vital para o Brasil.

FRANÇA — Os três partidos da coligação governamental francesa anunciaram um acordo para se apresentarem às próximas eleições gerais de Março, com um manifesto conjunto. Deste modo, procuram alcançar uma vantagem táctica sobre a esquerda unida (em posição de nítido favoritismo), no seio da qual se desenvolve uma viva polémica entre comunistas e socialistas.

EUA — Os dirigentes da Comissão Senatorial que investiga as actividades do secretário norte-americano do Orçamento, Robert Lance, advertiram o presidente Carter de que descobriram novos casos «de natureza tão grave» que Lance deverá demitir-se. Entretanto, um comando neo-nazi, ostentando braçadeiras com a cruz suástica, atacou um bar de negros em Charlotte (Carolina do Norte), matando uma pessoa e ferindo seis. Um dos agressores matou-se em seguida. Finalmente, foi revelado que na Universidade de Denver (Colorado) a CIA levou a cabo experiências sobre o comportamento humano.

MÉDIO ORIENTE — O secretário-geral da ONU, Kirt Waldheim, que se encontra de visita à URSS, debateu ontem com o ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Andrei Gromyko, as perspectivas de paz no Médio Oriente e nomeadamente as hipóteses de reatamento da conferência de Genebra. Enquanto isto, o governo de Israel lança mais achas para a fogueira: cria um novo colonato na Cisjordânia e afirma, pela boca de Menahem Begin, que os EUA concordaram em impedir a participação da OLP (Organização de Libertação da Palestina) nas conversações de paz para o Médio Oriente, enquanto Israel assim o entender. Esta surpreendente declaração foi feita numa entrevista ao jornal francês «France-Soir». Por fim, um alto funcionário da OLP, Zohair Mohsen, declarou em Beirute que o Egipto e a Arábia Saudita se conluiaram com os EUA contra os interesses dos povos árabes.

TITO — O presidente jugoslavo, marechal Tito, declarou num banquete em Xangai, que as suas conversações com o presidente do PC chinês, Hua Kuo-Feng, conduzirão à melhoria de relações e cooperação entre os dois países.

UGANDA — Um tribunal militar ugandês condenou ontem 12 pessoas à morte, sob a acusação de terem entrado numa conjura para derrubar o regime de Idi Amin.

KEKKONEN — O presidente Uhro Kekkonen da Finlândia chega hoje a Berlim, capital da República Democrática Alemã, para uma visita oficial de três dias àquele país. Espera-se que seja dado um acolhimento muito caloroso ao visitante.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina e Reuter

Dirigente patronal raptado na RFA

. O chanceler oeste-alemão Helmut Schmidt reuniu-se durante uma hora e meia com os seus ministros do Interior, Werner Maihofer, e da Justiça, Hans Jochen Vogel, na noite de ontem para hoje em Bona, para tratar do rapto do presidente do Patronato oeste-alemão, Schleyer.

As autoridades oeste-alemãs continuam a manter um silêncio total à volta do inquérito a este atentado. Parece que a Polícia e o Ministério Público Federal pretendem não desvendar as suas cartas aos membros do comando, que raptou Schleyer e abateu os seus três guarda-costas e o motorista.

Um interlocutor anónimo, que afirmou pertencer à «Fracção Exército Vermelho», organismo do grupo de estrema-esquerda Baader-Meinhof, reivindicou ontem a responsabilidade do rapto em chamada telefónica feita para os escritórios locais da agência noticiosa alemã DPA. O desconhecido acrescentou que o próximo atentado seria dirigido contra um dirigente dos serviços de energia da RFA.

Entretanto, o diário «Bild Zeitung» recebeu também um telefonema de um desconhecido, que afirmou que o seu «Comité de Acção» executará Schleyer, caso os membros do grupo Baader-Meinhof, detidos em Estugarda, não sejam restituídos à liberdade.

Brasil: Habeas Corpus pedido com sangue

Em consequência das investigações sobre as torturas que sofreu um operário da construção civil, Jorge Vieira, soube-se que dois presos fizeram chegar a um juiz uma dramática petição de «Habeas Corpus», escrita com sangue.

Jorge Vieira está hospitalizado em Belo Horizonte com a coluna vertebral partida e os órgãos genitais inutilizados pelas torturas que sofreu na Polícia.

As investigações, determinadas pelo governador do Estado, para apurar os responsáveis por esta brutalidade, descobriram que outros dois presos comuns, que estavam encarcerados há 80 dias sem ser apresentados à «Justiça», enviaram ao juiz, através de um companheiro de cela, um pedido de «Habeas Corpus» escrito com sangue no papel de um maço de cigarros. O detido que levou o pedido, escondeu o papel dentro da boca para escapar à vigilância policial.

O facto aconteceu há um ano, mas só foi conhecido ontem. Na época o juiz determinou a apresentação imediata dos dois presos recebendo como resposta que «haviam desaparecido».

Os dois presos, que provavelmente já foram assassinados na prisão, haviam sido detidos numa acção policial de rotina.

ÁFRICA, QUESTÃO QUENTE

Bomba atómica recolher obrigatório diplomacia frustrada

. «É evidente que Vorster tenciona utilizar a arma atómica contra a África independente e os movimentos de libertação nacional do Sul da África» — afirmou Lúcio Lara, secretário do Comité Central do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), ao falar num comício efectuado no Cunene. «Mas (acrescentou) a História ensina-nos que os povos que lutam por uma causa justa são invencíveis. A história do nosso povo na luta contra a intervenção imperialista, assim como a luta corajosa dos patriotas do Zimbabwe da Namíbia e da África do Sul constituem um vivo testemunho desta afirmação».

Em Lusaca, por sua vez, o presidente da Zâmbia, Kenneth Kaunda, pediu hoje ao Ocidente e aos principais produtores mundiais de petróleo que imponham a proibição aos fornecimentos de combustíveis à Rodésia. Kaunda pormenorizou que os mais recentes planos de paz anglo-americanos para a Rodésia se malograrão caso não sejam congelados os fornecimentos de petróleo ao regime do primeiro-ministro, Ian Smith. Esta condenação da Rodésia, propósito de um país da «Linha da Frente» que sempre tem verberado aquele regime, mostra-se, agora, de maneira pertinente, depois de Salisbúria ter ordenado o bombardeamento de pequenas localidades zambianas. Aliás, devido a tal procedimento, Lusaca e outras cidades cumprem, desde há três dias, um rigoroso recolher obrigatório.

Finalmente, o presidente do Senegal, Leopoldo Senghor, declarou ter desistido das suas tentativas para conduzir um diálogo com o Governo da África do Sul. Palavras de Senghor: «Renunciei a quaisquer formas de contacto com John Vorster (primeiro-ministro sul-africano) e com os seus amigos políticos». Observadores há que afirmam que esta decisão por parte de um moderado deixa a África do Sul cada vez mais isolada. Outros observadores, porém, afirmam que Senghor «não quis complicações».

No ALGUEIRÃO o DIÁRIO DE LISBOA está à venda na TABACARIA MIMO

MOBILIÁRIO E MÁQUINAS
PARA ESCRITÓRIOS;
MÓVEIS E UTENSÍLIOS PARA LOJAS, BOITES, RESIDÊNCIAS, ETC. IMPORTANTE
LEILÃO
SÓ AMANHÃ das 15 às 20 horas
venderemos pela maior oferta e sem base de licitação, toda a montagem de 2 importantíssimas firmas, por cessação de actividade, nas nossas instalações da
AVENIDA CASAL-RIBEIRO, 17 - B
Mobiliário metálico e madeira para escritórios de categoria; máquinas e utensílios de escritório; móveis e utensílios e máquinas para loias, boites, etc., e ainda recheio de residência com mobiliário, electrodomésticos, loiças, vidros, metais e utilidades respectivas.
EXPOSIÇÃO AMANHÃ das 10 às 13 horas
SOC. DE LEILÕES AV. DUQUE DE LOULÉ Nº 1 Telfs PPC (9 Linhas) 532929 51478 532446 AFRAFILHOS, Lda

teatro do bairro alto
2 SALAS 2 ESPECTACULOS
teatro do bairro alto

teatro da Cornucópia
Casimiro e Carolina de Odön von Horváth
3.º MÊS
Todas as noites às 21 e 30
Sábados às 18 e 21 e 30
Domingos só às 18
Subsídio da SEC

os comicos
APRESENTAM
A GUARDA
DE
BENIAMINO
JOPPOLO
Todas as noites às 21.30
Domingos às 18
Subsidiados pela SEC

ANÚNCIO
CONCURSO N.º 3-1757/77
Fornecimento de Máquinas Automáticas de Revelação de películas Radiográficas para os Hospitais Civis de Lisboa.
Recebem-se as propostas até às 9.30 horas do dia 14 de Outubro próximo, para o mencionado concurso.
Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições (Campo dos Mártires da Pátria, 91), todos os dias úteis das 9 às 11.30 e das 14 às 16 horas e aos sábados das 9 às 12 horas, as respectivas condições.
Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em 25 de Agosto de 1977.
O CHEFE DO SERVIÇO
a) **Alexandre Pinheiro**

Canal da Crítica

Por MÁRIO CASTRIM

PITUM HÁ SÓ UM, AQUELE E MAIS NENHUM

..Talvez poucas sessões da *ornélia*, como a de ontem, se adaptassem tanto a uma séria meditação sobre o carácter, a mensagem , o significado e os efeitos do concurso.

Isto porque, em certos aspectos, o juri se resolveu pela voz de Sttau Monteiro, a estabelecer discussão não já com os concorrentes mas com os telespectadores. Evidentemente que o povo português, neste momento, tem questões muito mais graves a resolver, tem mais que fazer do que entrar em certo tipo de discussões. Mas a verdade é que a *ornélia* existe, a Cornélia possui a popularidade que todos sabem — há que viver com a Televisão, que temos, discuti-la, destrui-la.

Isto se espera que os concorrentes principalmente façam: que *destruam* esta televisão que, como a sua congénere de antes do 25 de Abril, está fazendo cair sobre o essencial da realidade portuguesa, uma pesada cortina electrónica.

Destruir é tão necessário como construir. É indispensável, como muito bem sublinhou Sttau Monteiro, é saber o que se destrói, o que se constrói. Assentemos num ponto: a legitimidade de destruir a mediocridade ou a ruindade. E as «peças» em regra proporcionadas aos concorrentes não merecem outra coisa. E às vezes até saem beneficiadas porque saem *outra coisa* — caso de Fernando Assis Pacheco, Pitum e o da última representação de ontem.

As intervenções de Pitum, relativamente à história dos bonecos, são verdadeiras lições da arte de destruir o acaso, o desacerto, a futilidade. Elas contêm em si o rigor do conteúdo e da interpretação que as transformam numa poderosa arma. Um profissional, aliás, não faria melhor. Com a presença de «Pitum» acontece na TV o «profissionalismo» da inteligência.

Por isso, o espectáculo ontem voltou a chamar-se «Pitum». O humor a seriedade, a seta com seu curare — tudo aconteceu. Felizmente para a *Cornélia*. Felizmente para a Televisão que nos aparece com a sua verdadeira face a haver de fazer sorrir e fazer pensar.

Os três companheiros do «podio» participaram igualmente numa cena de intervenção brutal das forças policiais. Disse-se — por causa das moscas...que era uma cena do «antigamente». A Polícia se calhar também vai protestar, também vai dizer que e que e que. Particularmente vai dizer que. Mas os recentes acontecimentos em Évora, aí estão para demonstrar que mudam os governos mas que infelizmente certos hábitos permanecem...

OUTRA VEZ A QUADRA

Quanto ao mais, digamos que o juri a vários niveis se vai desengonçando, alternando aspectos educativos, com outros, francamente negativos, desorientadores da opinião pública.

Umas vezes dão pontos pela *intenção;* outras, que a intenção não conta. Umas vezes, que o tema foi tratado sem a necessária amplitude, outras vezes, que o trataram com amplitude, demasiada. Umas vezes, elogiam francamente a mediocridade, mais gritante; outras vezes, criticam a ausência de qualidade que só poderia exigir-se ao nível dos profissionais.

Umas vezes, desvalorizam ao nível dos 9, 10, 11 e 12 quadras bem feitas, intervenientes, com um sabor popular evidentíssimo como esta:

A malta está sem vintém
e os ministros sorridentes.
Como nós, não há ninguém:
empenhados, mas contentes...

Ninguém, no juri, entendeu que a interpretação lhe retirou o carácter de aparente ambiguidade — ambiguidade aliás tão habitual na maneira popular de dizer, e eu apresentaria, se necessário, centenas de exemplos.

Acontece, até que algumas vezes, se desvaloriza uma prova, porque ela não foi muito bem executada — como sucedeu ontem, por parte de Maria João, no teatro mimava o cinema silencioso. A mesma Maria João que tem pontuado altíssimo danças cuja execução deixa muito a desejar mas atendendo ao facto de pertencerem aos nossos muitos folclores.

Estes e outros aspectos podem despertar nos concorrentes uma sensação de insegurança. Está claro, que não pode pedir-se ao juri que meça tudo pela mesma bitola. Mas pode exigir-se-lhe que assente numa plataforma mínima. Se um elemento do juri, por exemplo, considera que o concorrente andou mal, que prestou uma prova medíocre — e no fim lhe prega com um 10 — alguma coisa está errada na sua cabeça, pois num máximo de 15, à nota correspondente à mediocridade, não seria nunca um 10...

Já se disse, e os responsáveis do concurso acertam nisso, que ele enferma de vários males, infelizmente irremovíveis por razões burocráticas. Alguns não o são, contudo.

Para já, refira-se o tema. Evidentemente que se se propõe a *Vaidade*, ou a *Ambição*, ou a *Ternura* para serem tratados em 2 minutos, já se está a colocar o concorrente numa situação melindrosa: ou se cai numa fatia mínima do bolo, ou se pretende comer o bolo todo. No primeiro caso, o pobre é

Continua na pág 14

Hoje

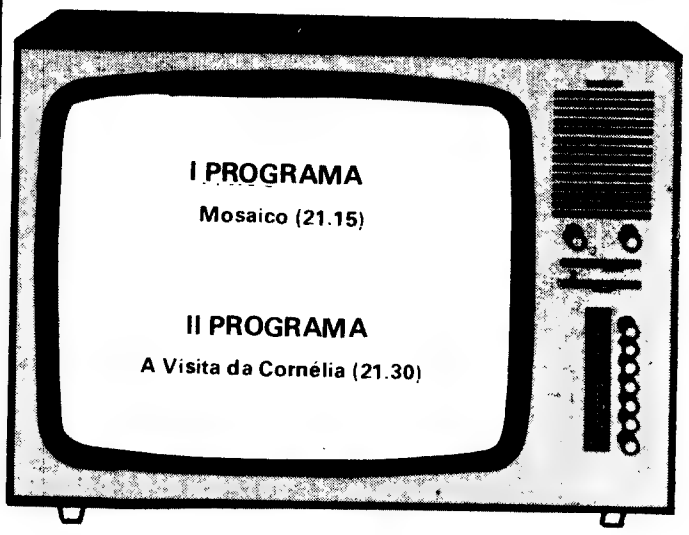
Uma cena de Gabriela

I PROGRAMA

18.30 **Abertura e Telejornal** 1.ª edição
18.35 **Bonecos** — «Os Sonhos»
18.50 **1, 2, 3... é a Tua Vez**
19.25 **Ligeiríssimo** — «Musical Açores 77». Apresentação de Duarte Nuno. Produção Fernando Penalva.
20.00 **Telejornal** 2.ª edição
20.25 **Gabriela** — Baseado na obra de Jorge Amado. «Gabriela, Cravo e Canela».
21.10 **Boletim Meteorológico**
21.15 **Mosaico** — Dificientes motores e nova lei de arrendamento de prédios urbanos, são os temas que irão ser focados
23.00 **Telejornal** 3.ª edição
23.15 **Fecho.**

II PROGRAMA

21.00 **Abertura**
21.02 **Telejornal** — 2.ª edição.
21.30 **A Visita da Cornélia** — Repetição do dia anterior.
23.35 **Fecho.**



Amanhã

I PROGRAMA

..... **18.30**: Abertura e Telejornal — 1.ª edição. **18.35**: Dobra e Desdobra «O Pinguim» **19.00**: Abre-te Sésamo **19.30**: Caminhos do futuro. **20.00**: Telejornal — 2.ª edição **20.30**: Gabriela. **21.10**: Boletim Meteorológico. **21.15**: Os Inseparáveis filmes de grande metragem. **22.30**: Telejornal — 3.ª edição. **23.10** Fecho

II PROGRAMA

... **21.00**: Abertura e Telejornal **21.35**: Gabriela **22.10**: As Fantásticas aventuras da Nave Orion. **23.10**: Fecho

TUDOR
BATERIAS · PILHAS

Academia Almadense
Telefone 2752127

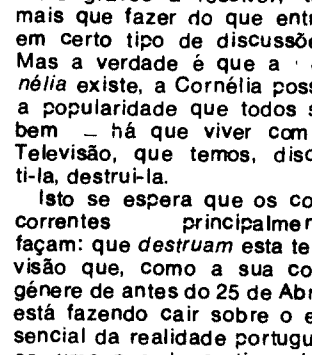
VIANA
Novo fado de Cacilheiro

DULCE
Homenagem a António Aleixo

Atira o Barrete ao Ar!
com
VIANA — DULCE — DORA
e pela 1.ª vez neste género
ROGÉRIO PAULO
Sensacional ÊXITO da Cooperativa Teatro Popular de ALMADA
Às 21.30 — Aos domingos também às 16 horas
BILHETES NA ABEP

AS CONFUSÕES DO NICHOLSON

30 000 PESSOAS JÁ VIRAM
Ó CALINAS CALA A BOCA!
UMA REVISTA
DE VIVER A RIR!...
UM ÊXITO JÁ EM 2.º MÊS
VENHA VOCÊ VER TAMBÉM
ERMELINDA DUARTE ● FRANCISCO NICHOLSON
HENRIQUE VIANA ● MAGDA ● MARIA TAVARES
E AINDA
FÁTIMA VELOSO ● FERNANDO OLIVEIRA ● MARIA N'ZAMBI ● VASCONCELOS VIANA ● VIRGÍLIO CASTELO
ADÓQUE teatro
NO MARTIM MONIZ
TODAS AS NOITES (20.30/22.45)
MATINÉES AOS DOMINGOS
Telefone 874476 FOLGA ÀS SEGUNDAS-FEIRAS



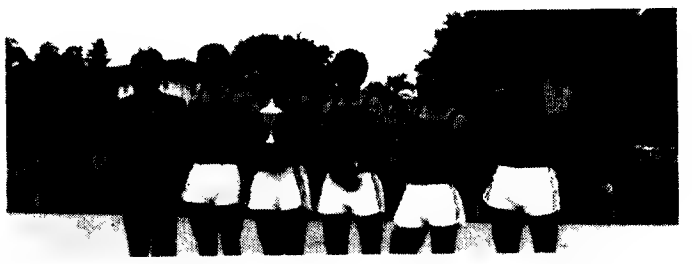
IRENE ISIDRO
7 MESES EM CENA NO TEATRO LAURA ALVES NA RUA DA PALMA
TEL. 864756
TODAS AS NOITES ÀS 21,30
MATINÉES: DOMINGOS ÀS 16 h
ÀS 2.as FEIRAS NÃO HÁ ESPECTÁCULO
UMA COMÉDIA DE José Vilhena
CALCINHAS AMARELAS
com
IRENE ISIDRO
BARROSO LOPES
MANUELA MARIA
LUIZ HORTA
CARLOS MIGUEL
TEREZA ZILOC
MARIA JOÃO
PAULA LIMÃO
80.000
ESPECTADORES JÁ VIRAM ESTAS CALCINHAS!

TEATRO DA COMUNA
Pç. Espanha (Metro Palhavã)
A BARRACA
Com: Fernanda Lapa, Jorge Gonçalves, José M. Osório, Luís Lello, Manuel Marcelino, Maria Céu Guerra, Mário Viegas, Paula Guedes, Júlio Pereira, Sheila Charlesworth
(m/13 anos)
BARRACA CONTA TIRADENTES
encenador: A. Boal
3.º A SÁBADO: 21h 15
(marcações pelo tele 762624)

CINEMA DO PALÁCIO FOZ
RESTAURADORES
Ciclo.: «Fantástico Moderno» — 1. série
Filme : «COBRAS VENENOSAS»
Realização : Bernard Kowalski
Sessões : 15.15, 18.15 e 21.15 horas
Bilhetes : Esc. 10$00
Iniciativa da Direcção Geral da Acção Cultural

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS - CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RADIO TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRATIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 88 27 86 - 89 98 26
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Maceu, 8

Fátima quer fazer desporto



A turma de corta-mato do Centro Paroquial de Fátima, que é campeã nacional da modalidade, na categoria de juvenis: o prof. Ramos (orientador), João Martinho, Henrique Jorge, António Joaquim, António Marques e Jorge Santos. Outro bom atleta (Rafael Marques) já foi conquistado por um «grande» da capital...

. O Centro Paroquial de Fátima é uma agremiação desportiva e cultural da vila de Fátima: 10 anos de existência, um amadorismo todo feito da dedicação e do entusiasmo dos seus 200 associados, muito especialmente do jovem padre António Pereira, que tem pago duramente o preço da incompreensão de vários sectores pela obra planeada. Ele fala da colectividade:

. — *Temos um campo para futebol, iluminado, com balneários dotados de água e luz. Queremos murar o recinto, construir sanitários, bilheteiras e posto médico. Tal e qual como pretendemos um campo para basquetebol e voleibol: já gastámos mais de 100 contos, estamos socorrendo-nos de mão-de-obra e de materiais oferecidos, mas precisamos de pedir apoios às entidades oficiais. E elas, infelizmente, não correspondem.*

ficialmente, recebemos apenas uma doação de 20 contos da DGD: isso, como se pode ver, não chega a nada. Necessitamos de material para a prática do basquetebol e do andebol, queríamos arrancar com um rinque polivalente (equipado para andebol, patinagem, basquetebol, voleibol, badminton e possibilidade para adaptação ao miniandebol, ao minibasquetebol e outras modalidades). Igualmente temos o sonho de fazer pistas para saltos, de molde a incrementarmos mais disciplinas do Atletismo: mas, são precisos 400 contos e, como já disse, a DGD deu-nos apenas 20...

O Centro Paroquial de Fátima tem como presidente João de Matos, para quem António Pereira tem palavras de muito apreço. *Tem sido um grande colaborador da nossa obra. Mas é como digo: fora destas paredes, há uma grande falta de vista para o que pretendemos aqui fazer. Veja só: a Câmara Municipal de Vila Nova de Ourém, depois de ver todos os nossos planos, acabou por dizer que só podia participar com dois contos. É claro que nem os fomos levantar...*

Enfim: vivemos de boas vontades. E não repousamos: queremos adquirir terrenos anexos ao nosso campo (tarefa para uns 300 contos) e material desportivo, para além do exigido para a prática do futebol (temos apenas duas balizas de andebol e uma rede para voleibol, oferta do «Juvendo», de Tomar). E, no entanto, o Centro tem larga actividade em futebol (senior, na 1.ª divisão de Santarém; junior, juvenil e iniciado. Nesta categoria fomos campeões da zona, disputando os últimos nacionais) e em atletismo (que é nossa base de acção, a orgulhar-nos já um título de campeão nacional de juvenis, em corta-mato, prémio ganho no Algarve). O principal impulsionador do nosso Atletismo é o prof. Ramos, que tem a seu cargo mais de 200 praticantes.

O Centro Paroquial de Fátima concentra no seu campo, todos os sábados, as crianças das escolas da localidade, para praticarem ginástica e desporto. Queríamos arrancar com outras disciplinas atléticas (casos do basquetebol e hóquei em patins) mas não encontramos um mínimo de interesse oficial pelo nosso clube. Somos perfeitamente amadores, vivemos do nosso trabalho e da dedicação dos nossos associados: é assim que queremos ser entendidos mas, infelizmente, somos mal olhados.

O padre António Pereira salienta:

. — *Gostávamos de repetir o título de Atletismo, para o que contamos com uma equipa de muitas possibilidades. Pensamos que não seria muito difícil chegar à 3.ª divisão futebolística: até eu, como «ponta-de-lança» do nosso «team», faço uma perninha... Mas, quem ouve a nossa voz?*

. Daí a confissão ao «DL», para que o nosso jornal seja o eco de um clube «suigeneris», que tem aspirações e coragem:

. — *Já movimentámos cerca* de 120 atletas futebolistas, *num torneio para estudantes e trabalhadores da hotelaria. Temos o Núcleo de Atletismo inscrito na Associação de Desportos de Coimbra: 60 rapazes correm pelo nosso Centro, para além de duas centenas que se encontram em fase embrionária de preparação. E, assinalando que Fátima tem cerca de 900 alunos do ensino secundário e perto de 500 no primário, é fácil notar a vastidão do nosso campo de prospecção e auxílio desportivo. Mas, é como afirmo: precisamos, urgentemente, de material e dinheiro. Queremos um parque desportivo: os projectos já estão feitos e somente carecem de uma luz verde para se tornarem realidade.*

Até 1975, o Desporto em Fátima era meramente de carácter competitivo. Porém, o padre António Pereira, o prof. Ramos, João de Matos e outros homens de acção, decidiram trabalhar num projecto feito de ousadia: desporto para massas (aberto a escolas primárias e secundárias, trabalhadores e grupos amadores), desporto polivalente (futebol, atletismo, basquetebol, hóquei em patins e andebol). Para isso, apresentavam as estruturas mínimas: um campo de jogos e terreno com facilidade de aquisição imediata (para construção de pistas e caixas de saltos, mais de um rinque polivalente, de eventual cobertura, portanto com facilidade de ser adaptado a ginásio). As freguesias de Fátima, Santa Catarina e S. Mamede, desde que houvessem transportes assegurados e um monitor à disposição, tinham as portas abertas.

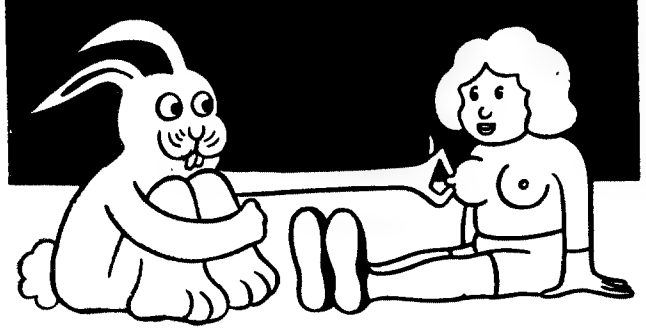
Entraves? A insuficiência dos meios de que dispomos, a falta de óptica da DGD para a obra que desejamos erguer, o nulo interesse da Câmara e da Junta da Freguesia, a respeito do movimento desportivo em Fátima. Estamos praticamente marginalizados: mas, quer queiram ou não, ninguém nos faz desistir de bradar num pequeno deserto — diz António Pereira, o padre virado para a frente, que é o goleador-mor do «onze» futebolístico do Centro Paroquial de Fátima.

atenção à nova programação do
CINEMA CASTIL
ESTREIA HOJE, Às 21.30
NO ANO DO SENHOR
NAO ACONSELHAVEL A MENORES DE 13 ANOS
um filme de LUIGI MAGNI

CLAUDIA CARDINALE · NINO MANFREDI
UGO TOGNAZZI · ENRICO MARIA SALERNO
ROBERT HOSSEIN · RENAUD VERLEY
BRITT EKLAND · ALBERTO SORDI
a seguir:
EXORCISTA II · O HEREGE
com RICHARD BURTON
brevemente
NASCE UMA ESTRELA
com BARBRA STREISAND
FASTMANCOLOR DOPERFILME

DOPERFILME
AMANHÃ ÀS 21.30 H. estúdio
duas notáveis interpretações!
Robert Redford
Natalie Wood

O ESTRANHO MUNDO DE DAISY CLOVER
(Inside Daisy Clover)
um filme de Robert Mulligan
PANAVISION TECHNICOLOR NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS

CALORES FRANCESES
LE CHAUD LAPIN
BERNARD MENEZ DANIEL GEGGALDI

QUANDO O CALOR DESPERTA OS INSTINTOS
EASTMANCOLOR
estúdio 444
ESTREIA HOJE ÀS 21,45 H.
NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 17 ANOS DOPERFILME

Filmes Lusomundo
Uma grande obra literária tratada por um dos mais talentosos realizadores da actualidade,
PETER BOGDANOVICH

Daisy Miller
com CYBILL SHEPHERD
BARRY BROWN MILDRED NATWICK
EILEEN BRENNAN DUILIO DEL PRETE
e CLORIS LEACHMAN
ARGUMENTO DE FREDERIC RAPHAEL
BASEADO NA OBRA DE HENRY JAMES
PRODUÇÃO E REALIZAÇÃO DE PETER BOGDANOVICH
COLORIDO
7.ª SEMANA! ninas
Não aconselhável a menores de 13 anos
«DAISY MILLER», o romance de Henry James, o filme de Peter Bogdanovich em edição ARCÁDIA

Dois médicos no futebol do União de Leiria

Pelos vistos, o União de Leiria tem muitas aspirações de trepar até ao escalão superior: depois de recrutar o «internacional» dr. Manuel António (que, também, será médico da colectividade) assegurou o concurso de outro antigo defensor da selecção, igualmente licenciado em Medicina (o dr. Mário Campos, vindo do Académico conimbricense).

AVEIRO PROCURA

No comando do futebol aveirense, Fernando Cabrita pretende mais um reforço para o Beira-Mar: o setubalense Sabu está na agenda.

COLÓNIA ESPIADO

O técnico adjunto da equipa do F.C. do Porto (António Morais) desloca-se à Alemanha Federal para ver em acção a equipa do F.C. Koln. O F.C. do Porto defronta o Koln, no próximo dia 14, em Colónia, no jogo da primeira mão da «Taça das Taças». O segundo jogo será no Estádio das Antas no próximo dia 28.

EMBATES ANTECIPADOS

Quatro jogos do calendário da 2.ª jornada do nacional futebolístico maior, estão programados para sábados: Boavista-Marítimo (16 horas), Estoril-F.C. Porto (17), Vitória de Setúbal-Feirense e Benfica-Belenenses (às 21 e 30). Também haverá duelos respeitantes à eliminatória da «Taça de Portugal»: Prado-Penafiel (16 horas), Oriental-Luso (17, na Tapadinha), Batalha-Cartaxo e União de Coimbra-Lousanense (21), mais o Farense-Esperança de Lagos (21 e 30).

ESPINHO REFORÇA-SE

Móia, que já defendeu as cores do Cova da Piedade, Benfica e Estoril, regressou dos EUA para o Sporting de Espinho.

INICIADOS NA FIGUEIRA

A selecção de Coimbra foi a vencedora do «Torneio Internacional de Futebol de Iniciados» da Figueira da Foz, no qual participaram também as equipas do Naval do Sporting, e a francesa do Racing de Toulon.

Os resultados finais dos jogos disputados foram os seguintes: Sporting Clube de Portugal-Racing de Toulon, 0-1; Selecção de Coimbra-Naval, 2-1. A classificação final ficou assim estabelecida: 1.º Selecção de Coimbra; 2.º Naval; 3.º Racing de Toulon; 4.º Sporting.

PONTAPÉS EM SALÃO

Lá vai andando o torneio em futebol de salão organizado pelo Futebol Benfica. Últimos desfechos: Marretas, 16-Pink Floyd, 1; Jornal Novo, 4-Flor de Benfica, 6; Monte Pedral, 1-Disconto, 8; Rocia, 0-Águias de Portugal, 5; Os Phillys, 1-Tabaqueira, 1; Lindóia, 1-Juventude das Pedralvas, 1; Ovnis, 2-Sport 76, 8; Os Becas, 0-Jardim Falcão, 1 e SSCI Amadora, 2-Iluminante, 0.

Mais jogos desta competição: «Os Reis», 3-Juventude dos Olivais, 11; «Os Kapas», 1-Central do Campo Pequeno, 0; «Os Flechas», 0-«Os Amigos», 0 e Rua do Olival, 4-«Os Germanos», 0.

PORTUGUESES PARA JÁ

Mais futebolistas nascidos em ex-colónias declaram optar pela nacionalidade portuguesa: casos de Manaca (Sporting), José Maria (Belenenses), Arnaldo e Pavão (Barreirense).

SEDUÇÃO DOS DÓLARES

Os estusiastas do futebol na República Federal Alemã ficaram chocados com a notícia de que Gerd Mueller, o «herói» do Campeonato do Mundo de 1974, ficaria contente por alinhar ao lado de Franz Beckenbauer, na equipa do Cosmos de Nova Iorque. O jornal «Bild am Sonntag» revela que Mueller, apodado de «o bombardeiro» (devido aos golos que tem marcado), ficaria muito feliz por ocupar o lugar de Pelé na equipa norte-americana, quando o famoso «astro» brasileiro abandonar o futebol, este ano.

O periódico cita o «ponta de lança» (31 anos) como declarando «sim iria para os Estados Unidos jogar no Cosmos, sei que precisam de um novo astro, após a saída de Pelé. Por que não deverei ser eu?»

Muller acrescentou que gostaria de alinhar novamente ao lado de Franz Beckenbauer, cujo contrato com a equipa de Nova Iorque, no valor de quase três milhões de dólares (aproximadamente 114000 contos), causou uma tempestade de protestos na RFA em Maio último.

TOMAR PESCA

António Branco (19 anos), nascido na Figueira da Foz mas há 4 anos radicado nos «States», ingressou na turma de futebol do União de Tomar, por indicação de Florival que, igualmente, volta a defender as cores do clube de Vieirinha.

ÚLTIMO APRONTO

Esta noite (21 e 30), último apronto, no campo «Silva Nunes», das equipas do Cova da Piedade e do Oriental, que se confrontam em partida puramente particular.

PALMENSE: INSCRIÇÃO

O Sport Futebol Palmense anuncia estjrem abertas as inscrições para sócios e adeptos que pretendam representar o clube na categoria de seniores

Yazalde treina em Alvalade

Yazalde, ainda hoje uma saudade dos adeptos leoninos, voltou a Alvalade. Após uma (fraca) temporada entre os franceses do Olympique de Marselha, o «internacional» argentino, antigo «Bota de ouro», encontra-se em Lisboa, cuidando do preparo físico sob as ordens do técnico brasileiro Paulo Emílio, enquanto espera que se concretize a hipótese de regressar ao nosso futebol, onde quatro clubes estão vivamente interessados no seu concurso. Eis (à esquerda) o «ponteiro» sul-americano, ao lado do antigo parceiro Manuel Fernandes

COMO VÃO AS COISAS

ANDEBOL INTERNACIONAL

Na festa de homenagem aos andebolistas do Caramão da Ajuda, campeões nacionais do 2.º escalão e, portanto, novos primo-divisionários, participa uma equipa francesa, de Juraçon, que venceu (no domingo), por 24-23, a formação do Salvaterrense, de Salvaterra de Magos. O jogo Caramão-Juraçon processa-se esta noite (21 e 30), no pavilhão da Ajuda.

TOTOBOLA
Jogue connosco

Boavista-Marítimo	X
Espinho - Varzim	X
Portimonen.- Guimarães	1
Benfica - Belenenses	1
Académico - Sporting	2
Braga - Riopele	1
Setúbal - Feirense	1
Estoril - Porto	2
Sesimbra - Lus. Évora	X
Amora - Atlético	2
Seixal - CUF	2
U. Santarém - Marrazes	1
Peniche - Marinhense	1

ANICETO NATURALMENTE

Foi com a maior tranquilidade (cerca de 37 segundos de vantagem) que o sportinguista Aniceto Simões triunfou no «Grande Prémio de Atletismo», efectuado em Viseu.

SPORTING PROSSEGUE

O andebol sportinguista não abranda a sua gula: depois de ter obtido a colaboração de vários benfiquistas de recente data (João Gonçalves, Vasco Vasconcelos, José Luís e Miranda), tal como do ex-belenense Jorge, firma agora compromisso com o almadense Armindo.

BELENENSES DESMENTE

Em termos veementes, o presidendo belenense Agostinho Carolas desmente afirmações recentemente vindas a lume num matutino lisboeta a respeito de uma entrega de 5000 contos feita ao clube do Restelo por Manuel Bulhosa. Garante o responsável «azul»: *É pena não ser verdade, porque não houve até agora qualquer auxílio oficial ou particular. O que já se conseguiu e fez (aquisição de novos jogadores, ordenados e prémios em dia, na ordem dos 3400) foi fruto, apenas, do labor da actual direcção.*

PLANTAS MEDICINAIS
COSTA & PERALTA
sociedade de representações, lda
DEPARTAMENTO DIETOBIOLÓGICO

LISBOA — Rua Professor Sousa da Câmara, 195-A Tel. 654751
TERMINAL — Centro Comercial Rossio-4.º piso-loja 422
PORTO — Rua de Silva Tapada, 131 Tel. 493790
CHOPPING — Center Brasília - 3º piso - loja 10

LISTA DE CHÁS

Chá — Flor de malvas
Chá — Flor de Carqueija
Chá — Flor de Rosmaninho
Chá — Tília
Chá — Hipericão
Chá — S. Roberto
Chá — Pau d'Arco anticanceroso
Chán.º 1 — Albumina
Chán.º 2 — Amenorreia
Chán.º 3 — Anginas
Chán.º 4 — Anginas de peito
Chán.º 5 — Anorexia
Chán.º 6 — Asma, bronquite e gripes
Chán.º 7 — Asteriosclerose (tensão arterial alta-tensão nervosa)
Chán.º 8 — Colite
Chán.º 9 — Coração
Chán.º 10 — Diabetes
Chán.º 11 — Diarreias e enterites
Chán.º 12 — Eczemas (uso interno)
Chán.º 13 — Eczemas (Uso interno)
Chán.º 14 — Estômago
Chán.º 15 — Fígado e cálculos biliares
Chán.º 16 — Gota e reumatismo
Chán.º 17 — Hemorroidas (Uso interno)
Chán.º 18 — Hemorroidas (Uso externo)
Chán.º 19 — Hipotensão
Chán.º 20 — Icterícia e hepatites
Chán.º 21 — Insónias
Chán.º 22 — Tónico de nervos
Chán.º 23 — Obesidade
Chán.º 24 — Olhos
Chán.º 25 — Prisão de ventre
Chán.º 26 — Espécies vegetais para cálculos renais
Chán.º 27 — Purgante vegetal
Chán.º 28 — Rins, bexiga e colibacilo
Chán.º 29 — Sinusite
Chán.º 30 — Prostatite
Chán.º 31 — Tónico capilar
Chán.º 32 — Ureia
Chán.º 33 — Varizes
Chán.º 34 — Vermes intestinais
Chán.º 35 — Debilidade sexual
Chán.º 36 — Cabelos brancos
Chán.º 37 — Corrimentos vaginais
Chán.º 38 — Apendicite
Chán.º 39 — Hemorragias de qualquer origem
Chán.º 40 — Hidropsia (Barriga de água)
Chán.º 41 — Ténia
Chán.º 42 — Chá gripal
Chán.º 43 — Defumadouro
Chán.º 44 — Antialcoólico
Chán.º 45 — Antifumo

ENVIA-SE À COBRANÇA PARA QUALQUER PONTO DO PAÍS

Disconto
JÁ ESTAMOS EM
SALDOS

Rua Morais Soares, 43-A — LISBOA
Rua Francisco Metrass, 53-A — LISBOA
Av. D. Nuno Álvares Pereira, Lote 5-A — ALMADA

AGORA TAMBÉM EM ALGÉS

Rua Luís de Camões, 18-A
(Perto do Mercado)

REVOLUÇÃO OU REACÇÃO

Medalha sobre o general
VASCO GONÇALVES

ANVERSO

Modelo 80 mm
BRONZE
NUMERADAS
300$00

Pedidos ao
ATELIER BELO MARQUES
R. da Trindade, 5, 2.º-Dt.º
Telefone 371254 LISBOA

ALGETEL
ASSISTÊNCIA TÉCNICA
BOSCH E JUNKERS
ALTERAÇÃO DE NÚMEROS TELEFÓNICOS
A ALGETEL informa os seus clientes que os seus números de telefone foram alterados para:
2102832 2102848 2102862 2104076 2102853
Frigoríficos, máquinas de lavar roupa e louça
BOSCH e esquentadores JUNKERS

Otto queria 200 contos para treinar o Marítimo

. FUNCHAL, 6 — O treinador Otto Glória estaria hoje a treinar o Marítimo, se este clube madeirense lhe tivesse oferecido 200 contos por mês. A «novidade» é dada pelo próprio Otto, numa entrevista ao «Jornal da Madeira». Ele aproveita para contar: *tenho propriedades em Lisboa e não quero morrer sem lá voltar. Considero Portugal a minha segunda pátria.* Adianta «mister» Otto que *adora* a Madeira e que jamais esquecerá a recepção que aqui teve a sua «Portuguesa».

Voltando à hipótese, ventilada há tempos, de ser treinador do Marítimo, Otto Glória, que ganha actualmente 100 mil cruzeiros, admitiu que o Marítimo dificilmente lhe poderia pagar tanto mas, enfim, na altura teria aceite uma proposta que rondasse os 200 contos mensais.

DOIS REFORÇOS PARA O MARÍTIMO

Entretanto, a equipa do Marítimo recebe mais dois reforços: Ludomiro (brasileiro) e Harbie (dinamarquês), este ultimo à experiência. Trata-se do maior «goleador» da 2.ª divisão do seu país. Justamente para testar os novos jogadores, o Marítimo desenvolve contactos com equipas da 1.ª divisão, procurando realizar um desafio particular no próximo dia 14. A turma escolhida poderá ser o Vitória de Setúbal, o Guimarães ou o Varzim.

Em todo o caso, o Marítimo não poderá contar com o «reforço» Valter, que deverá manter-se inactivo por dois ou três meses em consequência de fractura num pé.

Taça do Brasil com 61 equipas

. O Campeonato Nacional de Futebol (Taça Brasil) de 1977, que se inicia em 15 de Outubro, contará com um total de 61 equipas.

Os novos participantes pertencem à Federação do Estado de São Paulo («15 de Novembro» de Piracicaba), do Estado do Rio de Janeiro (a definir), do Estado de Parana (a definir entre o Colorado e o Maringa, em três encontros), de Estado de Piaui (o River), e do Estado do Rio Grande do Sul deveria ser uma equipa da cidade de Pelotas, mas, como ainda não concluiu o seu estádio, entrará um clube da cidade de Caxias do Sul, o Juventude.

Isto foi decidido na reunião dos Presidentes das Federações realizada anteontem à noite na sede da Confederação Brasileira dos Desportos (CBD). Na reunião foi homologada a candidatura do almirante Heleno Nunes para a reeleição em Janeiro de 1979.

Canal da Crítica

Continuação da pág. 13

desvalorizado; é desvalorizado, no segundo.

Eu gostaria, por exemplo, de ver qualquer dos elementos do juri *explicar-se* sobre a *vaidade* em 2 minutos. Será algum deles tão vaidoso que julga conseguí-lo? Hum...

Vá, desçam à terra. À nossa terra, por exemplo. Tantos temas à espera de 2 minutos na televisão...Garanto-lhes que, a mim, para certos temas, nacionais me bastava um.

A mim e aos trabalhadores da Reforma Agrária, por exemplo. Se é que o Paulo Renato me desculpa a demagogia...

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava limpo o vento era fraco e havia bruma em alguns locais.

TEMPERATURAS EXTREMAS

RÉGUA
Máxima.....36°

FIGUEIRA DE CASTELO RODRIGO
Mínima.....13,6°

PREVISÃO GERAL ATE ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Continuação do tempo quente com céu limpo e vento fraco podendo soprar moderado de noroeste na faixa costeira ocidental.

TEMPERATURAS DO AR
09.00 H

PORTO	23°
P DOURADAS	23°
COIMBRA	21°
PORTALEGRE	25°
LISBOA	25°
SAGRES	23°
FARO	26°
PONTA DELGADA	19°
FUNCHAL	21°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
8.56	3,1 m	1.58	1,9 m
21.40	3,9 m	14.51	1,9 m
Dia 7			
10.20	3,1 m	3.22	1,8 m
23.04	3,0 m	17.27	1,8 m
Dia 8			
11.34	3,2 m	4.43	1,8 m
		17.27	1,7 m

ÂMANHÃ
NASCER AS 7.11
OCASO AS 19.58

DIA 13 DIA 20 DIA 27 DIA 5

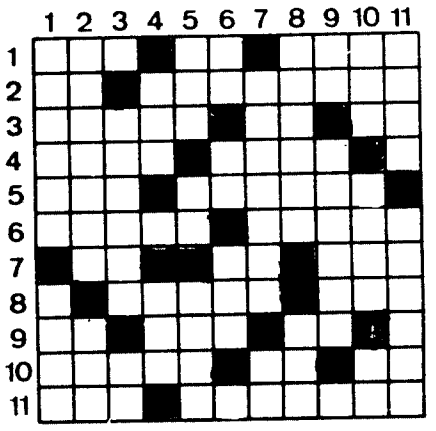
Palavras cruzadas

COM PROVERBIO

PROBLEMA N.º 11.833

HORIZONTAIS

1 Zombas. Basta. Guarda segredo.
2 Grande ribeira da Ásia Russa Preguiçar.
3 Óleo de amendoim preparado para calafetos (Macau). Suspiro. Sentidas Condolências.
4 Antigo medida para líquidos, entre os Judeus. Gostar muito de.
5 Arara Poisar no mar (o avião)
6 Triturar. Ilha do mar Jónio.
7 Nota musical. Interjeição de dor. Suspiros.
8 A alma. Falsas
9 Vossa Alteza. Sufixo que designa pequenez. Ruim. Tempo do verbo ser.
10 Filho de Perseu, avô de Hercules. Quinhentos e um em romano. Boro (s.q.)
11 Vai para fora Habitaras.



VERTICAIS

1 Furtar. Ovários dos peixes
2 Soluçaras. Fileira.
3 República da Europa meridional entre o Mediterrâneo os Alpes e o Adriático Cento e um em romano
4 Punhado Dêmios.
5 Tanto. Brisa. Peixe escômbrida do Algarve.
6 Prefixo de privação Amonio (s.q.). Apertamolhos
7 Apelido. Doutor.
8 Gerara. Dá mios.
9 Nesse lugar. Nivelava.
10 Pêlos de certos animais. Fronteira. Bário (s.q.).
11 Baú. Endurecidos.

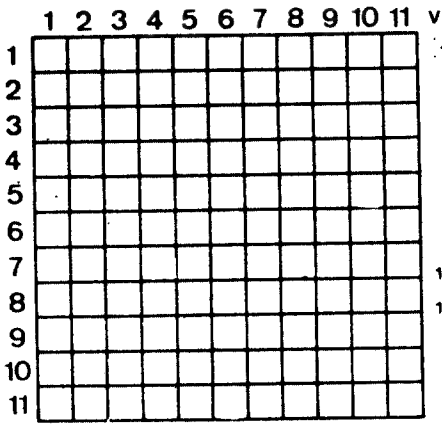
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7.894

HORIZONTAIS

1 Chapéu muito pequeno e ridículo (Fam). Serra do estado de Pernambuco.
2 Rio da Russia. Ninhos
3 Freguesia do concelho de Coimbra Crisóis.
4 Guarnecida de arames.
5 Costumes Cabo da costa de Portugal
6 Crómio (s.q.) Transpira Notamusical
7 Além. Versejar
8 Acudiram
9 Uma das Novas Hébridas, na Melanesia Dois mil e cem em romano
10 Costura Ilha do Pequeno Belt
11 Freguesia do concelho de Guimarães. Tostar.



VERTICAIS

1 Aquele que. Cálcio (s.q.). Vazia.
2 Cantão da Suiça. Pequeno pássaro dos campos. Sufixo que designa estado.
3 Palmeiras da Amazónia. Poente.
4 Brilhante. Apelido.
5 Cidade de Itália
6 Estacionarem.
8 Junta Manas.
9 Encolerizas Nome de frutos.
10 Corda de reboque. Rezam. Batráquio
11 Pronome demonstrativo. Érbio (s.q.) Mágoa.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11.832

HORIZONTAIS:
1 Velas. Urram
2 Emalo Moira
3 DAR Mad
4 Dori. Umas.
5 Ela. Cal. Mar.
6 Sa. Coras. Ia
7 Sãos. DUAS
8 CM I. Arm
9 Acai. Dais.
10 Botas. Marrã
11 Amassais. Ás.

VERTICAIS:
1 VERDES. Sabá
2 Em. Olas. COM
3 Ladra. Acata.
4 Alai. Camias.
5 Sór. Cosi. SS.
6 Bar.
7 UMA. Lada. Mi.
8 Ro. Surdas.
9 Rimam Amar.
10 Aramais. Ira.
11 MADURA. Asas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7.893

HORIZONTAIS:
1 Pêras. Mimar.
2 Elara. Amame.
3 Sãs. Re. Sem.
4 Rasca. Aa.
5 EC Os. Arar.
6 Aos. Sir. Io
7 Tirara. Apa.
8 Ur. Domina.
9 Riso Curo.
10 Ião. Ariolos.
11 MMMC. Amuara.

VERTICAIS:
1 Peste. Turim
2 Ela. Cairiam
3 Ras. Or Som.
4 Ar Rosado
5 Saras. Ro
6 És. Samora
7 Ma. Cai. Im.
8 Im. Arrancou.
9 Mas. Paula.
10 Amearia. Ror.
11 Rema. Rosa.

Provérbio: **DAR DUAS VERDES COM UMA MADURA**

MINISTÉRIO DOS TRANSPORTES E COMUNICAÇÕES

Administração dos Portos do Douro e Leixões

FORNECIMENTO DE 216 METROS DE CARRIL

Na sede da Administração dos Portos do Douro e Leixões, Palácio da Bolsa, cidade do Porto, perante a Comissão para esse fim nomeada, realizar-se-à no dia 26 de Outubro de 1977, pelas 15 horas, concurso público para adjudicação do fornecimento supracitado

O depósito provisório será de 4 500$00 (quatro mil e quinhentos escudos), a efectuar na Caixa-Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, na filial, agências ou delegações, podendo ser substituído por garantia bancária do mesmo valor.

O depósito definitivo será de 5% do montante da adjudicação.

O programa e condições do concurso estão patentes, todos os dias úteis, durante as horas normais do expediente, na Divisão de Secretariado da Direcção dos Serviços Administrativos e Financeiros desta Administração e na Secretaria-Geral do Ministério dos Transportes e Comunicações, em Lisboa.

A documentação a apresentar no concurs, salvo a guia de depósito provisório, não necessita de ser selada.

Administração dos Portos do Douro e Leixões, em 1 de Setembro de 1976.

O Presidente do Conselho de Administração

Alfredo H. de Oliveira Stoffel

AUMENTO DE CAPITAL DA SEARA NOVA

Informam-se todos os amigos que participaram na recente subscrição do aumento de capital da Seara Nova de que podem obter os recibos e/ou cautelas provisórias referentes às acções subscritas nos nossos serviços administrativos, R. Bernardo Lima, 42, r/c (das 9 às 13.30 e das 15 às 18 horas) a partir de 12 do corrente.

A administração da Seara Nova

astrólogo sidio
Resolve qualquer que seja o seu problema
Especialista em casos espirituais, amor ou negocios. Tel. 774343

Na FIGUEIRA DA FOZ o DIÁRIO DE LISBOA está à venda no CAFÉ REMO

FÉRIAS NA MADEIRA
1 SEMANA
PARTIDAS DIÁRIAS em aviões especialmente fretados a TAP de Junho a Outubro
Preços excepcionais desde **3.350$**
Condições especiais para noivos e grupos de JUNHO a OUTUBRO
INCLUINDO:
- Viagem em avião a jacto TAP
- Estadia no Hotel
- Transportes em terra
- Visita turística do Funchal
- Acompanhante abreu

Peça programa detalhado

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu
fundado em 1840
LISBOA Av da Liberdade 160 • Telef 371341
PORTO Av dos Aliados, 207 • Telef 37921
COIMBRA Rua da Sota 2 • Telefs 27011-2
FARO Rua Cons Bivar 65 • Telefs 25035/6
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

farmácias de serviço

LISBOA

Até às 22 horas

ALMADA, Rua Silva Carvalho, 136 (Tel. 681726)
BERNA, Av. Berna, 44-A (Tel. 773268)
BRASÍLIA, Av. Rio de Janeiro, 68-86-A (Tel. 722368)
CANTO, Estr. Laranjeiras, 202-B (Tel. 780841-788904)
CARDOTE, LDª, Av. Visconde Valmor, 28-A-C (Tel. 772291)
CENTRAL DO AREEIRO, Avenida de Paris, 2, 2-A (Tel. 720820)
CENTRAL FARMACÊUTICA, Rua Portas de St.º Antão, 88 (Tel. 321211)
Durão, Rua Garrett, 90-92. (Tel. 324166)
ELMA, Rua D. Maria Pia, 328-A (Tel. 686176)
HIGIENE, Rua Cidade Vila Cabral, Lote 43 (Olivais) (Tel. 310026)
IDEAL, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (Tel. 892803)
LÍDIA ALMEIDA, Calç. da Ajuda, 170 (Tel. 637318)
LYS, Rua da Esperança, 17-19 (Tel. 660913)
MARLUZ, Calç. da Picheleira, 140-B (Tel. 720703-728395)
MARTINS, LD.ª, Rua Fernão de Magalhães, 33 (Tel. 849448)
MONTE (do), Rua Senhora do Monte, 30-A-B (Tel. 867842)
MUNDIAL, Ld.ª, Largo D. Estefânia, 10 (Tel. 45578)
PATULEIA Herd, Alam. Linhas de Torres, 262-B (Tel. 790332)
PINTO, Rua Campolide, 11-A (Tel. 682610)
RIBEIRO E CASTRO, R Braamcamp, 25-C (Tel. 43409)
ROMA, Av. Roma, 85-B (Tel. 772466)
ROMANO BAPTISTA, Rua Passos Manuel, 6-10 (Tel. 570593)
SANTO AMARO, Rua Filinto Elísio, 29-A-B (Tel. 637070)
S. MIGUEL, P.ª Francisco de Morais, 1 (Tel. 771469)
SANTA CRUZ, Av. Gomes Pereira, 34-A (Tel. 704828)
SANTA LUZIA, Rua da Saudade, 2-B (Tel. 869831)
SOUSA MARTINS, Rua Sousa Martins, 52 (Tel. 553468)
ZIONAL, Rua Morais Soares, 56-C (Tel. 847708)

Permanente

CARDOTE, LD.ª, Av. Visconde Valmor, 28-A/C (Tel. 772291)
CENTRAL DO AREEIRO, Av. de Paris, 2-2A (Tel. 720820)
DURÃO, R Garrett, 90-92 (Tel 324166)
HIGIENE, Rua Cidade Vila Cabral, lote 43 (Olivais) (Tel. 310026)
CANTO, Est. das Laranjeiras, 202-B (Tel. 780841-788904)
MARTINS, Ldª, Rua Fernão de Magalhães, 33 (Tel. 899448)
SANTO AMARO, Rua Filinto Elísio, 29-A-B (Tel. 637070)
ZIONAL, Rua Morais Soares, 56-C (Tel. 847708)
PINTO, Rua de Campolide, 11-A (Tel. 682610)

NOTA: AS FARMÁCIAS QUE NÃO tão de serviço permanente encerram das 13 às 15 horas para almoço

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Cabrita, Tel. 2101486
ALCABIDECHE
Carvalho, Até às 21 horas
PORTO SALVO
Ferreira Bastos, Até às 21 horas
CAXIAS
Nova, R Bernadim Ribeiro, 1-A Tel. 242839 até às 24 e das 0 às 9 horas
CARCAVELOS
Central, até às 24 e das 0 às 9 horas
S. DOMINGOS DE RANA
Godinho da Silveira, Av Saboia, 29-B Tel 260085 Até às 21 horas
OEIRAS
Alcântara Guerreiro, P Residencial dr. Augusto de Castro, lote 10 Tel. 2430691 Até às 22 horas
NOVA OEIRAS
Leal, Até às 21 horas
PAREDE
Grincho, Av da República, 87 Tel 2471204 Até às 24 e das 0 às 9 horas
Junqueiro Mendes, Até às 21 horas
MURTAL
Primavera, R das Parreiras, 2 Tel. 2472278 até às 21 horas
AMOREIRA
Amoreira Telefones 262313/267314 Até às 22 horas
CASCAIS
A. Costa, R Freitas Reis, 24-C Tel 280214 Até às 21 horas
Cordeiro, Av Comb G. Guerra, 40 Tel 280170 Até às 24 e das 0 às 9 horas

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Campos, R Elias Garcia, 185. Tel. 930072. Permanente
S. Jorge, R Pedro Del Negro, 5-Reboleira Tel 938703. Até às 22 horas
DAMAIA
Damaia, P Alexandre Gusmão, 9-A Tel. 970523
QUELUZ
Serra e Pinto, Av D. António C Sá, 50-E Tel 957619
CACÉM
Araújo e Sá, Est. de Paço de Arcos, lote B-1 Tel 2940781
MEM MARTINS
Química, Est de Mem Martins, 285 Tel 2910012
MERCÊS
Claro Russo
RIO DE MOURO
Riomouro, Av Óscar Monteiro Torres, 8. Tel 2960194
SINTRA
Misericórdia, Vila Tel 2930391
COLARES
Abreja, Tel. 299088

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L Coronel Ramos da Costa, 10 Tel. 234137
ALHOS VEDROS
Gusmão, R Cândido dos Reis, 30 Tel 204020
ALMADA
Silva Júnior, Av. Frederico Ulrich 9-2.º Piso 2 Tel 2768030
BAIXA DA BANHEIRA
Teixeira, B.º de Moçambique, 84-B Tel 2040946
BARREIRO
Santa Marta, R dr Manuel Pacheco Nobre, 44-B tel 2072141
COVA DA PIEDADE
Castro Rodrigues, L 5 de Outubro, 62 Tel 270121
MOITA
União Moitense, Av dr. Teófilo Braga Tel. 239025
MONTIJO
Diogo, R Almirante Reis 50 Tel 2310032
SESIMBRA
Leão, Av da Liberdade, 13 Tel 2233471
SEIXAL
Soromenho, R Paiva Coelho, 38. Tel 2218560
COSTA DA CAPARICA
Higiénica, Av da República, 23 Tel 2400020

PORTO

GONDARÉM, Rua de Gondorem, 360 Foz
NOVA AVENIDA, Av. Fernão de Magalhães, 692 (Tel. 52250)
PINHEIRO MANSO, Rua S. João de Brito, 25, 29 (Tel. 60692)
SANTA TERESA, Praça Guilherme G. Fernandes, 100 (Tel. 315713)
ALVES, Praça do Exército Libertador, 62 (Tel. 60003)
BARROS, Rua do Loureiro, 104 (Tel. 315075)
CAMEIRA, Rua do Heroismo, 90 (Tel. 52583)
TERREIRO, Rua da Reboleira, 21 (Tel. 23576)

BOA HORA, Rua da Boa Hora, 80 (Tel. 28783)
CORREIA DE ARAÚJO, Rua de Santa Catarina, 259 (Tel. 25644)
SILVA PEREIRA, Rua de Costa Cabral, 293 (Tel. 480761)

COIMBRA

DONATO, Rua Ferreira Borges, 2-1 (Tel. 22603)

cinemas

ABC CINE

14,00, 16.30, 19.00, 21.30, 24 h.

SALA A
não acons. m/18 anos
2.ª semana
PRESIDIÁRIO
SALA B
6.ª semana
2 30. 14.30. 16.30 18.30 21 30 23 30
CARRIE
Int. a m. 18 anos
CENTRO COMERCIAL DE ALVALADE

ALVALADE

T 897480 — 15.30, 18.30, 21.30

Para todos
HEIDI

APOLO 70

Tel 763319 14 00 16 30, 19 00, 21 30

O filme musical do ano!
CAR WASH
Não acons a menores de 13 anos
4.ª Semana

Western
Hoje as 24.00h
Grupo C (14 anos)
DUELO DE FOGO

AVIS

Tel. 43163 — 15, 18.15 e 21 30

Não acons. a menores de 13 anos
OS GRANDES ALDRABÕES
o filme começa a projectar-se logo após o início da sessão

BERNA

Tel. 776098

14 00. 16 30. 19 00 e 21 30
2.ª semana
A CIDADE DOS ANJOS
de Robert Aldrich
Nao acons. m/18 anos
c/Burt Reynolds Catherine Deneuve e Ben Johnson

CINEARTE

Tel. 795093 14 00 16,30 19,00 21 30

Festival
«Irmãos Marx»
A CULPA FOI DO MACACO
Para todos

1 dia para cada filme

CASTIL

Tel. 530194 — 21 30

NO ANO DO SENHOR
de Luigi Magni

14.45, 17. 19
Para todos
A MAIS BELA DO MUNDO
c/ Gina Lollobrigida

CONDES

Tel. 322523 14 00, 16 30, 19 00 21 30

Não acons m/ 13 anos
MORRER DE AMAR
de Andre Cayatte
c/ Annie Girardot

EDEN

Tel 320768 14 00, 16 30, 19 00, 21 30

A SUPREMA VIOLÊNCIA DAS ARTES MARCIAIS
Grupo C (14 anos)
Bruce Lee e
O INVENCIVEL
de Raymond Chow

ESTÚDIO

Tel 535134 — 15 30. 18.30 e 21.30

Interd. M/18 anos
A REDENÇÃO DA CARNE
de François Jouffa
3.ª semana

ESTÚDIO 444

Tel 555134 — Estreia 21.45

Não acons. m/ 13 anos
CALORES FRANCESES
as 15, 17. 19
Não acons m/ 18 anos
UM AGENTE NA SOMBRA

IMPÉRIO

Tel 5551345 — 15 15 18.30 21 30

M/ 10 anos
um espectacular Western
Lex Barker em
ASSALTO AO FORTE
c/ Pierre Brice e Daliah Lavi

LONDRES

Tel. 801313 14.15, 16 30, 18.45, e 21.30

Int a m/ 18 anos
O GÉNIO DO MAL
c/ Gregory Peck

MUNDIAL

Tel. 538743 — 15 15, 18.30 e 21 30

n. ac. men. 18 anos
Tony Curtis em
«LEPKE» O ASSASSINO
e C/ Anjenette Coner Milton Berte

NIMAS

Tel. 574362 14,30, 16 45, 19 e 21 30

Não acons. men. 13 anos
DAISY MILLER
um filme de Peter Bogdanovich
c/ Cybill Shepherd Barry Brown

ODEON

Tel. 326283 — 15 15, 18 15 e 21 15

Não acons m/ 13 anos
JULIA
O filme exibe-se do início da sessão

PATHÉ

Tel. 321933 — 14 15, 17,45 e 21 30

Não acons men 13 anos
m/ 6.ª semana
JURAMENTO DE AMOR
c/ Roma Mahr e Feroz Khan
O filme exibe-se do início da sessão

POLITEAMA

Tel. 326305 — 14 15, 16 30, 19 e 21 30

Não acons men 18 anos
Bud Spencer e Terence Hill em
A COLINA DOS SARILHOS

RESTELO

Tel. 610275 — 21 30

Int a m/ 18 anos
LODO NA CIDADE

ROMA

Tel. 887778 — 15 30, 18 30 e 21 30

Não acons m/ 13 anos
CRIME PERFEITO
c/ Henry Fonda

ROXY

Tel. 48560 — 14 00 16 30-19 00 21 30

O filme indiano de maior êxito
3.ª semana
AMOR E JUSTIÇA
n. acos men 18 anos

S. JORGE

Tel 579144 — 15 15, 18 15, 21.30

2.ª Semana
Não acons m/ 13 anos
Richard Harris em
A VINGANÇA DO HOMEM CHAMADO CAVALO

TIVOLI

Tel. 570595 — 15 15, 18.30, 21 30

2.ª Semana
Elvis Presley em
«ELVIS SHOW»
de Denis Sanders
Para todos

O JOÃO V DAMAIA

97 1794 — 21 15

Não acons m/ 13 anos
DESAFIANDO O PERIGO

NOVO SERVIÇO
Você e o seu carro no mesmo comboio
Diariamente Lisboa-Porto-Lisboa
Caminhos de Ferro Portugueses

LISBOA/Teatros

QUARTETO
23.45 (18 anos)
«A Verdadeira História de Jack o Estripador»
VARIEDADES
21.30 (13 anos)
«Desculpa ó Caetano»
ADÓQUE
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Ó Calinas cala a Boca»
TEATRO BAIRRO ALTO
21.30 (13 anos)
«Casimiro e Carolina»
OS CÓMICOS
21.30 (13 anos)
«A Guarda»

LISBOA/Cinemas

VOX 21.15 (13 anos)
«Perigo Planetário»
MONUMENTAL
21.30 (14 anos)
«Amor sem Barreiras»
CINEARTE
21.30 (18 anos)
Tentáculos»
CINEBOLSO
21.30 (18 anos)
«Exibição»
PARIS
21.30 (18 anos)
«40º à sombra do lençol»
RESTELO
21.15 (18 anos)
«Lodo na Cidade»
OLÍMPIA
Sessões permanentes (18 anos)
«Laços Escaldantes»
CALEIDOSCÓPIO
21.30 (6 anos)
«Os Grandes Aldrabões»
PROMOTORA
21.15 (18 anos)
«O Amor começa à Meia-Noite»
CAPITÓLIO
21.00, 23.00 (18 anos)
«China Girl»
JARDIM
21.15 (18 anos)
«Noitadas de Paris»
LUMIAR
21.30 (18 anos)
«Machissimo»
COLISEU
21.30 (13 anos)
«Batalhão de Condenados 999»
EUROPA
21.00 (18 anos)
«Por um Punhado de Dólares»
ROYAL
21.15 (18 anos)
«Prazeres discretos da Alta Roda»
CINE AUDITÓRIO
21.30 (13 anso)
«O Homem do Diners Clube»

QUARTETO
Sala-1 21 15 (18 anos)
«O Caso Matei»
Sala-2 21 15 (18 anos)
«A Máscara»
Sala-3 21 e 23 (18 anos)
«Deus e o Diabo na Terra do Sol»
Sala 4 21.00 e 23.00 (18 anos)
«Verão 42»

LINHA DE CASCAIS

PAÇO DE ARCOS
Chaplina
21.15 (18 anos)
«A Beira do Fim»
PAREDE
Royal-Cine
21.15 (18 anos)
«Só as Borboletas São Livres»
ESTORIL
Casino
17 e 21.15 (18 anos)
«Escândalo em Família»
ESTORIL
Palácio
21.15 (6 anos)
«As Motos do Inferno»
CASCAIS
Oxford
21 30 (10 anos)
«Irmão contra Irmão»
CASCAIS
S. José
21 15 (13 anos)
«A Viagem ao Centro do Mundo

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Cinestúdio
21 30 (13 anos)
«O Casal»
AMADORA
Recreios Desportivos
21 15 (18 anos)
«Mulheres em Fúria»
AMADORA
Lido
21 15 (18 anos)
«A Voz do Sangue»
MEM MARTINS
Cine Chaby
21 15 (18 anos)
«Aventura na Estrada»
SINTRA
Carlos Manuel
21 15 (18 anos)
«A Minha Mulher Agrada-te.. Adoro a Tua»

OUTRA BANDA

TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (18 anos)
Prazer»

PORTO/Cinemas

JÚLIO DINIS
21.15 (18 anos)
«O Rally das Gozonas»
RIVOLI
21.15 (6 anos)
«A Grande Paródia»
ESTÚDIO FOCO
21 30 (6 anos)
«Sete Noivas para Sete Irmãos»
CARLOS ALBERTO
21.30 (18 anos)
«A Grande Caça ao Homem»
PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Cabaret»
ESTÚDIO
21 30 (18 anos)
«Golpe Baixo»
ESTÚDIO 400
21.30 (10 anos)
«Mulher Felina»
TRINDADE
21.30 (6 anos)
«A Última Loucura»
CHARLOT
21 30 (18 anos)
«Mocidade Rebelde»
COLISEU
21 15 (18 anos)
«O Espírita»
S. JOÃO
21 30 (18 anos)
«Lisztomania»
VALE FORMOSO
21 15 (13 anos)
«A Rainha do Amor»
BATALHA
21.30 (6 anos)
«Serenata a Chuva»
OLÍMPIA
21 30 (18 anos)
«A Força para um Homem»
ÁGUIA DE OURO
21.30 (13 anos)
«O Rebelde do Kansas»
ESTÚDIO FOCO
21 15 (18 anos)
«A semente do Diabo»

COIMBRA

SOUSA BASTOS
21.30 (18 anos)
«A Esposa Virgem»
S. TEOTÓNIO
21 15 (6 anos)
6.º Feszival Internacional de Cinema da Figueira da Foz
AVENIDA
21.15 (18 anos)
«Emanuelle Negra»
TIVOLI
21.15 (13 anos)
«Adolescência Pervertida»

rádio

1.º Programa

16.00: «Musmária»; **17.00**: «Música Portuguesa»; **18.00**: Separador; **18.10**: «Hoje respondemos por música» por António Vitorino de Almeida. Orquestras; **19.00**: «Poemas e poetas» Música Variada; **20.00**: «Jornal da Noite»; **20.30**: Melodias; **21.00**: 16.º episódio do folhetim «A Cidade e as Serras», de Eça de Queiroz numa adaptação de Odete de Saint Maurice; **21.20**: «Contraponto»; **24.00**: «Último Jornal»; **00.30**: Vozes na Noite; **01.00**: «Música na Noite»

2.º Programa

16.10 Música de piano: sonatas de Domenico Cimarosa; **16.40**: Música de Câmara; divertimento n.º 11 em ré maior, K. 251, de Mozart. Septeto em si bemol maior «Stor», de Franz Berwald; **17.35**: Canções italianas pelo tenor Beniamino Gigli: **18.05**: Música Sinfónica; abertura: «A Boneca de Nuremberga», de Adolphe Adam Sinfonia n.º 10, em mi menor op. 93, de Chostakovitch; **19.00**: Música Portuguesa; **20.00**: Obras de câmara: divertimento n.º2 em dó maior, de Haydn. Trio-divertimento, em mi bemol maior K. 563, de Mozart; **21.00**: Música sinfónica obras de Rimsky-Korsakoff Abertura «Noite de Maio» «Scheherazade» (suite), op 35; **22.00**: Canções obras de Schumann Canções de Grieg; **22.30**: «O Gosto pela Música» pelo dr João de Freitas Branco; **23.00**: Ópera: 1.º acto da opera «A Italiana em Argel», de Rossini; **00.05**: Música de Câmara; Concertos em dó maior, op 7 n.º 2, de Albinoni Septeto em mi bemol maior, op 20 de Beethoven; **01.00**: Fecho

3.º Programa-Nacional e Regional (290 m)

16.00: «Variante» (continuação); **16.10**: Casos ao acaso, por Orlando Dias Agudo (repetição); **16 20**: Discorrendo, por Mário Martins; **17.10**: Prevenção e saúde, pelo dr Sousa Pereira (repetição); **18.00**: «Contacto»; **18.20**: Títulos de 1.ª página; **18.30**: Actualidade: **18.45**: Fórmula 1; **19.05**: Teatro trágico, pelos Parodiantes de Lisboa; **19.25**: Tempo Citroen: **20.10**: Antologia; **20.30**: Pesquiza; **21.00**: A música e as vozes; **21.30**: «Quando o telefone toca»; **23.03** Novas de Alegria; **23.20**: «Nocturno», **24.00**: «Nocturno» (continuação); **00.15**: «Dia a dia com o passado»; **02.00**: Fecho

4.º Programa-Emissão total em Estereofonia

16.00: «Gong», realização de João David Nunes; **19.00**: «Em Órbita»; **20.00**: «Forum» realização de Jorge Lopes; **22.00**: «Auditório»; **00.00**: «Prisma» realização de Fernando Ouinas; **02.00**: Fecho

Radio Renascença

16.05: Sequência da Tarde: **18.08**: Apelos; **18.15**: Igreja em Notícia-Palavra do dia; **18.30**: Transmissão do Terço da Igreja de S. João de Brito; **19.00**: Programa da Liga dos Amigos da RR; **20.00**: Objectivo; **20.54**: Apelos; **21.05**: Pentagrama; **21.30**: Ao Encontro da Grande Música; **22.00**: Quando o telefone toca; **22.30**: Temas Vivos; **23.05**: Última Hora; **23.30**: Dicionário de Economia; **23.45**: Meditando no final actualidade internacional; Voz da América; **01.00**: Rotação; **02.00**: Fecho

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S A R L
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA 75
END TEL DIBOA TELEX 17363
LISBOA PORTUGAL

Manuel Alegre em Belém

. O secretário de Estado adjunto para os Assuntos Políticos, Manuel Alegre, vai esta tarde ao Palácio de Belém para ser recebido pelo Presidente da República.

A audiência é às 15 horas e servirá, pensa-se, para Manuel Alegre informar o general Ramalho Eanes dos resultados e de pormenores e aspectos relacionados com a sua recente visita a Moçambique e Angola.

Entretanto, o general Eanes recebeu esta manhã credenciais do embaixador do Paquistão em Lisboa.

PRT DO SECTOR TÊXTIL

"A pior depois do 25 de Abril"

. «Os sindicatos e os trabalhadores consideram esta Portaria de Regulamentação de Trabalho (PRT) como a pior que já saiu depois do 25 de Abril, pois não só desrespeita cláusulas anteriormente acordadas, como retira regalias e direitos já conquistados» — afirmou, ontem, em conferência de Imprensa realizada na Federação dos Sindicatos Têxteis, no Porto, a Comissão Negociadora Sindical (CNS) que representou os 300 mil trabalhadores do sector nas negociações do Contrato Colectivo de Trabalho Único e Vertical.

O CCTUV que foi negociado durante algum tempo apesar das limitações legais existentes e da obstinação patronal na recusa de direitos mínimos dos trabalhadores, deverá ser substituído por esta Portaria que vem regulamentar administrativamente os direitos e tabelas salariais da mais importante indústria transformadora nacional, que representa 30 por cento das exportações portuguesas.

Durante as negociações, embora se visse que «os patrões queriam retirar regalias já existentes», foi conseguido que uma Portaria estabelecesse que o contrato seria vertical. Naturalmente, a CNS insistiu para que regalias sectoriais fossem mantidas no contrato vertical, uniformizando pela bitola mais favorável aos trabalhadores. No entanto, ao ser recebida pelo secretário de Estado do Trabalho, a CNS, constatou, segundo foi afirmado ontem, que «na sua grande maioria, não foram contempladas as justas posições defendidas pelos representantes dos trabalhadores ao longo das reuniões da Comissão Técnica».

Pela Portaria que em breve será publicada, fica assim definida a vigência por 18 meses, enquanto os retroactivos do sector de malhas só terá efeitos a partir de Março de 1977 (tinha sido acordado 1 de Janeiro). Faculta-se ainda, ao patronato o pagamento dos retroactivos em 8 prestações mensais (o acordo previa 3 ou 6).

Além disso, não são abrangidas pela Portaria as 50 mil trabalhadoras externas — que trabalham em casa, com material fornecido pelas unidades industriais —, continua a ser possível admitir menores no trabalho e não é aplicável às ilhas a PRT agora elaborada.

15 feridos no choque do Rossio

Continuação da pág 1

dos feridos se encontra em estado grave, não se registando tão pouco qualquer caso de internamento.

O comboio era conduzido por Firmino João Spencer, um homem africano que, segundo o chefe dos maquinistas, nunca tivera antes a menor falha, sendo geralmente considerado um bom funcionário. Desta vez, porém, ele terá cometido um erro de cálculo na frenagem. Para este cálculo, o maquinista deve tomar em linha de conta o peso, a velocidade e o piso, sendo evidente que Firmino Spencer não considerou devidamente todos estes factores.

Passageiros que viajavam na carruagem próxima do maquinista contam que ele ainda gritou «segurem-se!», mas o comboio vinha, como habitualmente, super lotado, tornando-se inevitáveis algumas quedas e cabeçadas. Em desespero, o maquinista segurava a cabeça entre as mãos, quando alguns passageiros avançaram para ele, tentando uma punição física. Na circunstância, Firmino Spencer teve de confundir-se com a multidão para escapar aos mais furiosos.

Pela sua parte, o chefe dos maquinistas, António Gonçalves, disse-nos que os erros de cálculo de frenagem são frequentes e «se desta vez houve mais feridos foi porque todos os passageiros se preparavam já para descer».

Ponderadas as circunstâncias em que se deu o desastre, o chefe dos maquinistas assumiu a responsabilidade de permitir que o mesmo maquinista — Firmino João Spencer — prosseguisse o seu trabalho, conduzindo o comboi de volta a Sintra, já que o funcionário se achava apto para o efeito.

OS FERIDOS

Com diversas luxações, mas em todo o caso sem gravidade de maior, receberam tratamento no Hospital de S. José:

. Ana Maria Alves Coelho Almeida e Silva, 32 anos, Mem Martins, e suas filhas, Lara Clara Almeida e Silva, 4 anos, e Sandra Gisela Almeida e Silva de 6 anos; Maria de Fátima Silva Dias, 24 anos, Queluz; Luís Fernando Gaspar Lobo, 21 anos, Silvares (Fundão); Maria Celeste Lopes Ribeiro, 29 anos, Mercês; Ilda Martins Mendes, 35 anos, Lisboa; Maria Amélia Jesus da Cruz Luís, 51 anos, Amadora; Maria da Natividade Martins Abrantes Ramos, 27 anos, Queluz; Maria Fernanda Dias Assunção, 32 anos, Amadora, Isilda Martins Costa, 50 anos, Queluz, e seu filho João Carlos Costa silva de 9 anos; Maria da Conceição do Carmo Baptista, 29 anos, Amadora; Filomena da Conceição Matos, 32 anos, Rinchoa, e Maria Odete Barbosa, 33 anos, Queluz.

PRODUÇÃO AGRÍCOLA NO ALENTEJO

António Campos não se entende com os trabalhadores

. António Campos, secretário de Estado do Fomento Agrário, foi de abalada até ao Alentejo ver como vai a preparação das terras para as sementeiras, iniciando em Beja uma série de reuniões de trabalho com responsáveis pela produção agrícola nos distritos da Reforma Agrária.

Contudo, logo na primeira reunião a maior parte das direcções de unidades colectivas de produção abandonaram os trabalhos antes do final. Segundo um elemento do Secretariado das UCP do distrito de Beja, aquele membro do Governo «não procurou resolver os problemas dos trabalhadores nem deu a garantia de que as UCP recolherão o fruto das sementeiras que fizerem».

Um dirigente da «Flor do Alentejo», de Serpa, diria que «o secretário de Estado fugia sempre às perguntas que lhe faziamos e, em vez de responder, ameaçava-nos com a GNR se não cumprissemos a lei. Quando perguntámos que garantias poderíamos ter de que íamos colher aquilo que semássemos, o secretário de Estado pôs a hipótese de virmos a receber indemnizações se, entretanto, as terras fossem cedidas aos agrários. Nós repudiamos vigorosamente esta hipótese».

A propósito do abandono da reunião pelos trabalhadores, António Campos declarou a um matutino estatizado que os representantes das UCP «estavam mais interessados em discutir política do que resolver problemas relativos à produção» e que «a maior parte das UCP não estão interessadas em produzir no quadro da política agrícola em vigor».

VÃO ARMAR O CRRA?

O governador civil de Évora encara a hipótese de que alguns funcionários do CRRA do distrito sejam armados.

O pretexto seria as ameaças de morte recebidas ultimamente pelo subdirector do Centro Regional de Reforma Agrária de Évora, eng.º Guerra Costa, extensivas ao outro subdirector, eng.º José Pedrosa, proferidas pelo telefone por uma voz feminina que diz falar em nome de uma organização clandestina autodenominada «Rosa Vermelha».

Na região, a opinião pública está convicta de que se trata de atoardas, de manobras para agudizar ainda mais a situação de crise que se vive naquela zona de intervenção da Reforma Agrária.

VI FESTIVAL DA FIGUEIRA DA FOZ

O tédio que se instala

FIGUEIRA DA FOZ, 6 (por Jorge Leitão Ramos) . Para ficar, ou talvez não, o tédio chegou à Figueira da Foz. Tanto ou tão pouco, que no dia de ontem, foi ainda a ressaca da presença de Marguerite Duras que constituiu o centro das conversas nos intervalos das projecções. Rassaca que, aliás, teve mais a ver com o discurso oral daquela realizadora do que com o filme exibido. Entre os que, veementemente, acusavam de feroz reaccionarismo ou (o que é equivalente) de primário anticomunismo e aqueloutros que, defendendo, lamentavam as palavras da realizadora, as conversas tintaram-se dos mais matizados cambiantes. O que, afinal, só diz bem da prepotência que a sua personalidade veicula.

Foi, ainda, indirectamente, causado por Duras o outro momento vivo que ontem aqui se presenciou. Estando previsto para hoje o começo do Seminário com aquela realizadora (no qual se exibirão os filmes «Baxter, Vera Baxter», «Nathalie Granger» e «La Femme du Gange») programado para a sala do Grémio (de deficientíssimas condições acústicas), a organização do Festival propôs ao público que a sua efectivação fosse feita na sala do Casino, de manhã, erradicando assim os filmes portugueses para aquela sala secundária. Tal proposta seria objecto de violento repúdio por parte de alguns críticos portugueses e estrangeiros presentes que viram nessa intenção uma manifestação suplementar de marginalização do Cinema Português. Aliás ontem mesmo a projecção prevista de «O princípio da sabedoria» de António Macedo foi adiada, à última hora. Fora esta pontual agitação, o dia de ontem primou pela tonalidade cinzenta da indiferença. «A repentina solidão de Konrad Steiner» de Kurt Gloor (Suiça) foi o filme que melhor impressão deixou no público presente. Construído numa toada terna e calorosa, a película de Gloor subscitou porém algumas reservas sobretudo devidas a uma inexistente distanciação do tom sentimental generalizado e de insuficiências de análise. Falando dos problemas da terceira idade o filme originou um debate com o realizador, aliás mais centrado nesses problemas (em especial do caso português) que no filme propriamente dito.

Quanto à «A Sombra dos castelos», do francês Daniel Duval, resumiu-se a um bem humorado percurso em torno de alguns típicos e frágeis personagens semim arginais. Demasiado inocente no olhar e morno na acção o filme de Duval comprovou ainda uma vez a crise que atravessa o cinema em França.

Da Hungria veio «Requiem para um revolucionário» de Ferenc Grunwalsky. Primeira obra do seu autor, esta película sofre de um esquematismo pouco produtivo embora de evidentes boas intenções. Dela restou apenas uma concepção cuidada mas, mesmo assim, toldada por um certo carácter académico.

Entretanto e para os amantes de jazz, uma boa notícia: depois de atribulada viagem chegou enfim à Figueira da Foz uma selecção da colecção de filmes sobre jazz do americano John Baker, considerada uma das mais preciosas e completas existentes em todo o mundo. É em ritmo de Dixieland (augúrio de melhores dias?) que o Festival franqueia a sua 6.ª etapa.

"Coronel Ramiro" acertou à sétima

. Após sete tentativas para visitar Portugal, o actor Paulo Gracindo, «coronel Ramiro Bastos» na telenovela «Gabriela», desembarcou esta madrugada no aeroporto da Portela. Contou da sua vida (66 anos), da sua carreira (35 anos de teatro e rádio) e da sua alegria por «conhecer a terra dos bisavós».

Disse a propósito da personagem que interpreta na telenovela: «Tem um pouco de meu pai, que foi político, deputado, senador, prefeito, presidente, no norte do Brasil». E ainda: «A minha ideia é interpretar, um dia, «Os Maias» de Eça de Queiroz».

Paulo Gracindo, que está em Lisboa a convite da RTP, ficará entre nós uns dias.

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA EM AGOSTO: 44 200

Hoje 28 páginas

Nota a nota

NO AEROPORTO DO PORTO

Um senhor de antigamente pretende gratificar o empregado que o servia. Tinha pressa. Queria ser servido rapidamente. O empregado fez-lhe notar que a gratificação não o privilegiaria na execução do serviço.

Moral da história: há quem não se deixe comprar.

NA VILA FRONTEIRIÇA

Na agência de um banco pretende-se comprar uns milhares de pesetas. O empregado bancário declara não possuir pesetas, mas informa, atencioso, rasgando o sorriso, que não vale a pena comprar pesetas em Portugal e inscrevê-las, como é regulamentar no passaporte. Informa, solicito que, do outro lado da fronteira, qualquer loja trocará os escudos.

Moral da história: há funcionários bancários portugueses que prestam serviço à banca espanhola.

A MALA DE MEIA VIAGEM

Umas vezes partindo de Lisboa, outras do Porto, «Madame» faz viagens para Londres, Paris, Bruxelas. A bagagem com que parte nunca corresponde à bagagem que transporta no regresso.

Moral da história: há malas de viagem de ida-e-volta, e outras de meia viagem.

OS BURACOS DA LEI

Há pessoas que fazem sem qualquer justificação profissional muitas viagens ao estrangeiro apesar de existirem limitações, aparentemente severas, no que diz respeito aos gastos em divisas.

Moral da história: como o escudo tem um câmbio flutuante, existem alguns «sete mil escudos» com flutuadores. Nunca se afundam. Nunca acabam.

EXCLUSIVO

SUPLEMENTO

Síntese
da vida
internacional

Le Monde
Prensa Latina
Interpress
Novosti

N.º 31/77

Terça-Feira, 6 de Setembro de 1977

CHILE: A História do Golpe.
Uma entrevista com Altamirano.
Um casal heróico. Depoimento de Corvalan.
BRASIL: A Revolução das Igrejas (conclusão)
CHINA: Ainda o XI Congresso do P. Comunista

O «Exclusivo» desta semana é dedicado ao Chile, assinalando duas datas marcantes da história recente desse país latino-americano: o 4 de Setembro (aniversário da vitória eleitoral da Unidade Popular, que levou Salvador Allende ao poder) e o 11 de Setembro (data do golpe de Estado fascista que derrubou o Governo Constitucional). A neutralidade das Forças Armadas era um dos pilares em que assentava o êxito da experiência de transição pacífica e eleitoral para o socialismo no Chile. Para a garantir, Allende procurou escudar-se sempre no estrito respeito da legalidade. Contra ele, se erguia o aparelho de Estado, os tribunais, a informação, veículos dos interesses internos e externos postos em causa pelo governo Mesmo antes da confirmação de Salvador Allende como presidente do Chile, começaram em Santiago, Washington e Bona as manobras contra a soberania do povo chileno, livremente exercida através do voto. Quando, depois das eleições, foi evidente que por vias legais a direita não recuperaria o poder, foi desencadeado o golpe, um dos mais brutais da história latino-americana, com o qual se inaugurou um regime que só tem paralelo na Alemanha de Hitler. Uma vez mais ficou demonstrado que a direita só respeita a sua própria legalidade enquanto esta servir os seus interesses.

A HISTÓRIA DO GOLPE

Aparentemente tudo foi simples: as forças militares chilenas revoltaram-se contra o governo de Unidade Popular, encabeçado pelo presidente Allende e derrubaram-no.

Na realidade, a 11 de Setembro de 1973, as agências noticiosas AP e Prensa Latina, difundiam estes dois suncintos comunicados:

AP:

Por volta da 1 hora entra no porto de Valparaíso a unidade da marinha de guerra chilena que no dia anterior tinha saído desse porto para participar, como fora comunicado oficialmente, juntamente como as unidades de guerra dos Estados Unidos, na manobra da frota «Operation Unitas». O golpe estava em marcha. Às quatro horas, os regimentos de guarnição da província recebem a ordem do Ministério da Defesa para ocuparem as emissores de rádio e os edifícios do governo. Às seis, é posta de alerta a segunda divisão blindada de Santiago. Às 8.30 o comando militar movimenta tropas para a capital.

Prensa Latina:

Às 8.45 é bombardeada a emissora da UP Rádio Corporation.

Estabelece-se o combate generalizado. Às 11 horas os golpistas lançam o seu último. Mas Allende afirma que não se rende. Os aviões «Hawker-Hunter» lançam os primeiros foguetes sobre La Moneda. Toda a classe de armas começa a disparar sobre o palácio. Allende defende-se com uma metralhadora. Morre entre as 13.50 e as 14.15.

A LONGÍNQUA CONSPIRAÇÃO

Mas vistas com mais profundidade e latitude, as coisas não seriam assim tão simples. Não se tratava de mero «golpe militar» como aqueles que foram voga durante decénios nos países da América Latina e que, muitas vezes, nasceram da mera ambição pessoal de um generalesco ou duma instintiva erupção de cólera popular contra a tirania e o opróbio. Os acontecimentos que aqueles dois comunicados situam em Santiago do Chile na madrugada e manhã do dia 11, tinham raízes bem longínquas no tempo e no espaço. Pode-se dizer que o imperialismo começou a conspirar contra a República da Unidade Popular ainda antes de Allende ter ganho as eleições de 4 de Setembro de 1970. Hoje todos sabemos que se tratou de um plano urdido a longo prazo, programado à distância e realizado depois pelo fascismo externo e interno. Nesse plano, todas as armas, incluindo «as porcarias da CIA», foram soberanamente utilizadas. Na realidade, ficou mais uma vez provado que o fascismo, sendo a mais violenta das mentiras da história das ideologias, é, igualmente, o mais abjecto dos meios em torno de um fim político.

Durante a campanha eleitoral — no Verão de 1970 — os monopólios americanos, a CIA e o governo de Nixon intensificaram as suas maquinações no Chile. O objectivo era impedir a eleição de Allende. Nos finais desse Verão foram introduzidos no Chile 400 agentes daquela tenebrosa organização.

É assim que em colaboração com a ITT, a CIA desencadeia uma instigadora campanha anticomunista em quarenta rádio-emissoras e grande número de jornais reaccionários do Chile. Foram divulgadas graves ameaças: se Salvador Allende fosse eleito, o país não receberia créditos nem ajuda técnica dos Estados Unidos.

Frente à Comissão Investigadora dos Assuntos Estrangeiros do Senado dos EUA, Charles Mayer, ex-secretário americano para as questões da América Latina, que, mais tarde, sob pressão pública, teve de ocupar-se do «complot», defendeu «o direito da CIA» para encontrar «uma alternativa» para a acção no Chile, com o fim de impedir Allende de chegar ao poder.

Seria o consórcio International Telephone e Telegraph Co. (conhecido pela sigla ITT) quem forjaria o «complot». Lembremos que a ITT investira então no Chile mais de 200 milhões de dólares para explorações várias e que a sua latitude é tal que se encontra implantada em 90 países do Mundo onde explora quase meio de milhão de trabalhadores, tentando submeter (e conseguindo-o, muitas vezes) povos inteiros aos objectivos do seu poder e lucro. Mesmo um jornal norte-americano, o «Wall Street Journal», diria a 28 de Outubro de 1965, sobre multinacional. «A ITT é um mostro sedento que coloca as suas garras diante de tudo o que está ao seu alcance e prepara a todo o momento novos golpes». A influência política da ITT faz-se sentir até em governos de grande lastro. Em 1970, Geneen, seu director, conspirou no hotel Sheraton-Carlton, de Washington, com Wiliam Broe, especialista da CIA para a América Latina, contra os progressistas chilenos. Broe foi então informado de que a ITT estava disposta a colocar à disposição da CIA mais de um milhão de dólares para impedir um possível êxito de Allende nas eleições que se aproximavam. Datado de 1 de Outubro de 1971, após a vitória urnas da Unidade Popular, a ITT entregou, através de Merriam, chefe do «bureau» de Washington, um plano de medidas gerais à Casa Branca para a preparação de um golpe de Estado e um golpe militar. Era o seu célebre programa de 18 pontos, que tanta influência haveria de ter no destino do povo chileno.

Salvador Allende, a 4 de Dezembro de 1972, acusaria diante

da ONU: «Acuso perante a consciência do Mundo a ITT de pretender provocar na minha pátria a guerra civil. Isto é o que nós qualificamos de intervenção imperialista».

Na «caçada» à Unidade Popular, uniram-se logo outros consórcios e bancos, não apenas norte-americanos, como também alemães ocidentais. No interior do Chile, as forças fascistas, com relevo para a organização neo-nazi «Pátria e Liberdade» onde avultavam homens do regime hitleriano ali refugiados, procuravam travar a triunfal caminhada do povo chileno para o sicialismo. Servindo-se das mais sujas mentiras nos orgãos de informação ao seu dispor — e eram vários — faziam uma autênctica manobra de intoxicação da opinião pùblica contra Allende e a Unidade Popular. A reacção chilena organizava as chamadas «marchas da fome», nas quais só tomavam parte as «damas» da alta sociedade. Os comerciantes golpistas direitistas, donos de lojas e negócios, faziam desaparecer dos depósitos as mercadorias de primeira necessidade e fomentavam o mercado negro.

E TUDO ISTO PORQUÊ?

A grande burguesia chilena e a parte da população influenciada por ela, passaram milhões de divisas para fora do país e prosseguiram sabotando a sua vida económica. Os principais dirigentes direitistas tinham posições ainda influentes: maioria no Congresso Nacional, a maior parte dos orgãos de Comunicação Social na mão e também uma boa maquia na economia, na justiça, no aparelho administrativo e de Estado. De acordo com o periódico alemão «Frankfurter Allgemeine Zeitung», de 3 de Setembro de 73, Eduardo Frei, chefe da Democracia Cristã teria afirmado nessa data: «Definitivamente deve pòr-se fim à Unidade Popular». Entretanto, os ganadeiros reaccionários matavam o seu gado, vendiam-no no exterior depois de esquartejado e abandonavam as suas terras. Enormes manadas foram levadas para fora do país. Finalmente, em Agosto de 73, a maioria direitista do Parlamento declarou «inconstitucional» o governo democraticamente eleito e confirmado no mês de Março daquele ano pelo povo. A oligarquia chilena transferiu para o exterior, entre 1971 e 1973, pelo menos 680 milhões de dólares, através da fuga e do contrabando de divisas. Os camionistas (proprietários) lançam a sua conhecida greve em aliança com o capital monopolista e a CIA. Duraria 47 dias, provocando danos quase irreparáveis à já frágil economia do país. Os dirigentes foram preparados nos Estados Unidos, donde aliás veio o dinheiro com que foi possível aos proprietários pagar durante mais de mês e meio aos seus 50 mil trabalhadores. Porém, a história dos atentados contra o governo popular de Allende era muito mais longa. Vejamos algumas das acções reaccionárias: 15 de Março de 1971: ataque com explosivos contra o presidente Allende; ainda em 71, «Plano Março», descoberto a tempo e que previa actos de sabotagem na indústria do cobre, ataques e actos de terrorismo contra os políticos da UP, assim como provocações fronteiriças com os vizinhos do Chile; assassínio do antigo ministro do Interior e vice-presidente do governo social-democrata de Frei, Perez Zujovic, para impedir qualquer aproximação entre os democratas cristãos e a UP; ataque ao palácio de La moneda, em Novembro de 71; desmandos fascistas em Agosto de 72, na cidade de Concepción; atentado falhado contra o general Prats, amigo de Allende e fiel à Constituição, com os regimentos blindados, em 29 de Junho de 73; assassínio do capitão-de-fragata Arturo Araya e ajudante de campo naval do presidente Allende, em Julho de 73; assassínio de 19 comunistas, socialistas e sindicalistas entre Agosto de 72 e Abril de 73; sete atentados contra ministros da UP (Unidade Popular), militares fiéis e funcionários dos partidos de esquerda, entre Setembro de 72 e Maio de 73; mais de 600 actos terroristas nas estações ferroviárias e pontes, cabos de alta tensão, oleodutos, instituições industriais e de abastecimento, no Verão de 73; incêndios e provocações constantes. Para isto, o Conselho Nacional de Pátria e Liberdade, na sua sessão de 21 de Março a 1 de Abril de 73, criou um plano de escalada terrorista a que dominou «Operação Saco».

Entretanto, os agentes da CIA no Chile tinham passado de algumas dezenas em 1970 para bastante mais de 400 em 1973.

Gastavam-se rios de dinheiro, queimavam-se milhares de vidas, o imperialismo norte-americano e alemão afadigava-se loucamente em torno do Chile e do seu governo progressista. E isto, PORQUÊ? A resposta é simples.

Seis partidos tinham-se unido no Chile para formar uma aliança que integraria a Unidade Popular, com o fim de terminar com o saque económico do país e com a miséria de milhões de seres humanos. Unidos, queriam abrir

UM CASAL HERÓICO

Juan Araya

O mês de Setembro era um mês de festas para os chilenos. Trazendo a Primavera e as festas nacionais, aquele mês era aguardado ansiosamente por toda a gente do Chile. Em Setembro os dias eram quentes e cheios de sol. Foi em Setembro que Salvador Allende foi eleito presidente da República. Em 1973, neste mesmo mês, Pinochet tira a Primavera aos chilenos e instaura o terror, apoiado pela CIA e pelo governo norte-americano de Nixon e Kissinger, facto este muitas vezes comprovado.

Quatro anos passaram sobre aquele terrível 11 de Setembro de 1973. O Chile continua em estado de sítio. A morte, a repressão, a tortura, a delação, o desaparecimento, o exílio passaram a fazer parte do dia-a-dia chileno.

Mas, ao evocar Setembro, e, nesta evocação, a alegria do Chile democrático de ontem e a dor do Chile de Pinochet, recordo a noite em que Salvador Allende falou, pela primeira vez, ao seu povo como presidente da República.

Salvador Allende, duma tribuna improvisada, na Federação dos Estudantes do Chile, situada na avenida principal de Santiago __ a Alameda __ comemorou com a sua gente a vitória da Unidade Popular.

E foi exactamente neste mesmo lugar, neste mesmo sítio que o presidente Allende conheceu a sua mulher, Hortencia Bussi. Os dois conheceram-se casualmente: um tremor de terra __ facto comum em Santiago __ reuniu aquelas duas pessoas. Isto foi em 1939. Naquela ocasião, Tencha __ como a chamam carinhosamente os chilenos __ era uma jovem estudante; Allende era ministro da Saúde do governo popular de Pedro Aguirre Cerda.

A partir daí o político Salvador teve sempre ao seu lado a companheira Tencha. O casal teve três filhas: Isabel, Beatriz e Carmem Paz.

Na noite da vitória, como passou a ser chamada a noite de 4 de Setembro de 1970, Allende disse:

«Esta vitória, devo-a a radicais, a socialistas, a comunistas, a sociais-democratas, aos comapnheiros do MAPU, da API e a milhares de independentes. Devo-a ao homem anónimo e sacrificado, devo-a à humilde mulher da nossa terra. Devo este triunfo ao povo chileno, que entrará comigo em La Moneda no dia 4 de Novembro.

«Triunfamos para derrotar definitivamente a exploração, para terminar com os monopólios, para fazer uma séria e profunda reforma agrária, para controlar o comércio de exportação, para nacionalizar, enfim, a banca. Todos estes pilares tornarão possível o programa estabelecido, criando o capital social que impulsionará o nosso desenvolvimento».

«Quando um povo é capaz disto, também compreenderá que só

trabalhando mais e produzindo mais poderá fazer com que o Chile progrida, proporcionando ao homem e à mulher da nossa terra o direito autêntico ao trabalho, à habitação, à assistência médica, à educação, à cultura e ao lazer.

Utilizaremos toda a força criadora do povo para tornarmos realidade as metas consagradas no Programa da Unidade Popular.

Juntos, com o esforço de todos, vamos concretizar as mudanças que Chile reclama e de que necessita. Vamos fazer um governo revolucionário!

A Revolução não implica destruir, mas sim construir; não implica arrasar, mas sim edificar, e o povo chileno está preparado para essa grande tarefa nesta hora de transcendente importância para as nossas vidas.

Nunca, como agora, senti calor humano mais intenso; nunca, como agora, a canção nacional teve tão grande significado. Já o afirmei: somos os herdeiros legítimos dos Pais da Pátria e, juntos, faremos a Segunda Independência Económica do Chile».

No dia 11 de Setembro de 1973, Salvador Allende manteve-se até ao fim no seu posto de combate. La moneda foi a sua trincheira de fogo, onde enfrentou com um pequeno grupo de companheiros __ entre os quais duas de suas filhas, Isabel e Beatriz __ o bombardeio aéreo e terrestre dos militares traidores. A desigualdade de forças não o impediu de lutar até à morte.

A situação na residência presidencial __ Tomás Moro __ não era muito diferente da que se vivia em La Moneda. Lá se encontravam a sua mulher, Tencha, e sua filha Carmem Paz, que escaparam milagrosamente aos ataques aéreos que sofreram. A residência ficou quase que totalmente destruída.

Aquando da sua última mensagem, como Presidente do Chile, Allende, mais uma vez, demonstrou a sua coerência e consequência política. Deixou um legado de fé, de confiança no seu povo, na sua gente, afirmando que aquele momento doloroso seria ultrapassado, pois a história é feita pelos homens e pelos povos.

Hoje, Hortencia Bussi, prossegue a luta do marido e do seu povo. Pelos quatro cantos do mundo, Tencha denuncia os horrores da junta fascista e desempenha um papel fundamental na campanha de solidariedade internacional para com o Chile.

Hortencia Bussi conseguiu transformar a sua dor, o seu sofrimento em mais força, em mais disposição de luta para derrotar a minoria opressora que hoje submete o seu povo.

Actualmente, o Chile de Pinochet segue mergulhado na noite fascista. Isolado internacionalmente, com uma trágica situação económica interna, caracterizada por uma inflacção galopante e por um desemprego assustador, o regime tenta de todas as formas melhorar a sua imagem. Ao mudar o nome à sua polícia política __ DINA __ Pinochet pretende mostrar-se «humano». A sua actual Central Nacional de Informação prossegue com as torturas e prisões. Os desaparecidos neste momento cifram-se em 2500. Há poucos dias a mãe dum jovem nesta situação, ao participar numa greve de fome para saber do paradeiro de seu filho, afirmou que «a dor da fome não se compara à dor que sentia por ter o filho desaparecido».

Apesar de toda a repressão existente, no interior do Chile há inúmeros núcleos de resistência, constituídos pelos partidos de esquerda e ainda por militantes da Democracia Cristã. A Igreja chilena, por outro lado, desempenha um papel importante de resistência à ditadura, na medida em que denuncia as arbitrariedades do regime, ao mesmo tempo que presta auxílio aos presos políticos.

Mas, Setembro voltará a ser um mês de festas para os chilenos... e repitamos com Allende: «Mais cedo que tarde se abrirão as alamedas por onde passará o homem livre para construir uma sociedade melhor». ●

Durante o governo de Unidade Popular os presos de delito comum colaboravam no trabalho voluntário para o enriquecimento da nação. A foto mostra um grupo de presos em trabalho voluntário

FOTO EXCLUSIVO

Littre Quiroga Carvajal (assinalado pelo círculo) foi director geral das prisões durante o regime de Allende. Foi ele um dos grandes impulsionadores do trabalho voluntário dos presos. O facto de ter exercido essas funções valeu-lhe ser assassinado pelos fascistas no dia 17 de Setembro de 1973

«Tira-me a fotografia e mostra-a ao mundo inteiro para que vejam como nos tratam os fascistas» __ palavras do professor universitário Haroldo Quinteros para o fotógrafo anónimo que conseguiu esta foto numa Penitenciária de Santiago do Chile

A imagem desta criança captada em pleno centro duma rua de Santiago é o símbolo do custo social da «recuperação fascista» da economia chilena. Um dos economistas mais reaccionários dos EUA, o prémio Nobel, Milton Friedman, foi o grande conselheiro de política económica de Pinochet

UM DEPOIMENTO DE LUIS CORVALAN

Em 21 de Novembro de 1974, a Comissão de Direitos Humanos da Organização de Estados Americanos (OEA) publicou um relato pormenorizado sobre a situação no Chile, onde se forneciam provas de que a Junta fascista havia violado brutalmente os direitos humanos. O relatório contém o texto do depoimento prestado pelo secretário-geral do PC chileno, Luís Corvalan:

O presidente da Comissão pediu-nos que déssemos os nomes dos torcionários. Foram mencionados alguns nomes, mas é impossível referi-los todos, porque muitos dos torturados tinham os olhos vendados.

Gostaria de acrescentar que o presente Governo declarou publicamente que não havia tortura nas prisões chilenas e que, se houvesse casos desses, isso estaria em contradição com a teoria e a prática do Governo. Segundo a versão oficial, a responsabilidade por esta brutalidade cabe a funcionários individuais. Isto é falso. A responsabilidade cabe ao próprio Governo, e, em primeiro lugar ao general Pinochet.

A tortura não foi um caso isolado, como podem testemunhá-lo os camaradas que, durante mais de uma semana, estiveram detidos na Academia da Força Aérea.

Os membros da Comissão dos Direitos Humanos da OEA podem ouvir histórias ainda mais terríveis passadas noutros campos de concentração. Estou convencido de que fomos sujeitos à pior espécie de tortura física usada pela Junta.

Algumas pessoas podem pensar da tortura era um mal inevitável, dada a situação do país. O Governo alega que tínhamos um plano, dito «plano Z», destinado a ganharmos o controlo das

Luís Corvalan e a mulher, à chegada ao aeroporto de Moscovo, após a libertação do dirigente do PC chileno

Forças Armadas e a liquidar todos os oficiais. Trata-se de uma mentira. Nunca existiu tal plano.

Além disso, o general Pinochet, na sua entrevista à revista **Ercilla** (dada na primeira ou segunda semana de Março; tivemos oportunidade de a ouvir na rádio em Dawson antes de termos sido proibidos de ouvir rádio) disse que já em Maio de 1972 um grupo de oficiais superiores das Forças Armadas tinha chegado à conclusão de que a única maneira de resolver a situação criada no Chile era «uma solução militar» E era exactamente aquilo por que os militares ansiavam. Daí que as acusaçõs feitas pela Junta aos membros da Comissão dos Direitos do Homem e segundo as quais o Governo anterior tinha ultrapassado a Constituição e a lei não tenha passado de um ror de falsidades.

O Governo anterior agia dentro da Constituição e da lei. Alega-se que ele se servia das «malhas legais». Mas que malhas legais são essas? O que os autores dessas alegações têm em mente é o uso de certos decretos alguns dos quais formulados no recuado ano de 1932 quando outros Governos estiveram no poder. A verdade é que outros Governos usaram também esses decretos.

Alegou-se que o Supremo Tribunal, o Departamento Geral de Controlo e a Câmara de Deputados, em documentos amplamente publicitados, chegaram à conclusão de que o Governo tinha excedido os seus poderes. Declararam-no em nome da Constituição, em nome da lei. Mas isto foram afirmações políticas que visavam unicamente criar um clima favorável para um golpe e pôr em execução os planos elaborados já em 1972 (como o próprio Pinochet admitiu).

Qual é, pois, a nossa situação, hoje? Hoje estamos sujeitos a leis de emergência, a uma legislação de excepção, que, no dizer da Junta, existe em qualquer Estado organizado. É verdade que a Constituição política dos Estados prevê situações onde os Governos possam ter de declarar um estado de sítio, ou utilizar poderes de emergência de carácter político, além de medidas puramente económicas, mas tudo isto apenas quando os parlamentos nacionais o entedam necessário.

A Imprensa do nosso país está hoje sujeita a censura. Mas há jornais — quatro ou cinco — cuja circulação e cuja existência foram banidas. Foram encerrados, embora não haja no Chile legislação que justifique uma tal medida por parte do Governo.

Por outras palavras: o Governo que hoje está no poder actua como muito bem entende. Este Governo é completamente ilegal, absolutamente inconstitucional, e recorre a mentiras em vez de argumentos. Por exemplo, a Junta acusa-nos de nos termos furtado aos deveres impostos pela Constituição e pela lei. Esta afirmação é proferida por um Governo que viola as leis desta terra, que apagou todos os direitos existentes neste país. Como chileno, o senhor Bianchi, membro desta Comissão da OEA, sabe muito bem que nunca na história do Chile houve uma ditadura tão brutal e tão cruel para o seu povo como o actual regime. Tenho dito.●

A POLÍTICA DOS DIREITOS HUMANOS AJUDA A CAUSA DO CHILE

O assunto reduz-se ao seguinte. Devemos encorajar ou criticar a política de direitos humanos de Carter?

Parece evidente que essa política ajuda a luta democrática do povo chileno e debilita a ditadura. É por isso que Pinochet e os seus partidários a põem em causa. É por isso mesmo que devemos apoiá-la. O melhor presente para a ditadura seria Carter abandonar uma tal política. Certamente que, para além disso, subsiste o fundo da questão. Subsiste o capitalismo (sistema dirigido pelos Estados Unidos que concede créditos e auxílio a Pinochet), subsistem o imperialismo e as relações de dependência (e dominação) entre o Chile e os Estados Unidos. Continua também a luta deste último contra o socialismo, etc. Quem discute, ou põe em dúvida tais factos? Sabemos muito bem que as coisas são assim, mas não se trata aqui de jogar ao «ou tudo ou nada». Não faria sentido pedir primeiro a Carter para eliminar todos estes «males» e para se converter ao socialismo, como condição para conceder algum crédito à sua política de direitos humanos.

Somos contra as posições dos que, tal como sucede com a ditadura chilena (mas não só ela), desqualificam a política de direitos humanos como uma intromissão nos assuntos internos dos países. Mas entendemos que os principais obstáculos a esta política se encontram dentro dos próprios Estados Unidos. Com efeito se este continuar a desempenhar o papel de polícia do sistema capitalista mundial, que lhe atribuem as forças imperialistas, as proclamações de Carter não passarão de palavras. Mas não é inevitável que assim aconteça. Estamos mais atentos aos factos que à metafísica, das «perversidades intrínsecas». Por outro lado, quando dizemos que é razoável que a política de direitos humanos de Carter se deva adequar aos superiores interesses dos Estados Unidos no mundo, não pensamos apenas nos seus interesses como grande potência, mas também no interesse do desanuviamento e da paz que é também um interesse superior do povo norte-americano e que poderia deteriorar-se se a política de direitos humanos se transforma numa forma de anti-sovietismo.

É certo que os Estados Unidos são uma potência imperialista. Mas um tal facto não esgota um julgamento sobre a política concreta do Governo norte-americano. Caso contrário não reconheceríamos diferenças (nem a possibilidade da sua existência) entre os vários Governos desse país. Nixon e Carter seriam a mesma coisa. Kennedy teria sido assassinado por acaso já que ele ou outro significariam o mesmo. A verdade é que os interesses do povo norte-americano no seu conjunto não são os do imperialismo. Existe uma margem dentro da qual são possíveis várias opções para um presidente. Além disso devem ter-se em conta as circunstâncias em que surgiu Carter. Diz-se que representa uma reacção aos métodos usados no Vietname e no caso Watergate, as manobras sujas e a corrupção, a intervenção directa ou clandestina noutros países, o reinado da CIA, em suma, toda uma degradação moral que lesou a confiança do país em si próprio, nos seus ideais e deteriorou o seu prestígio no mundo, ao ponto de o paralisar face a situações críticas. Esta reacção expressa-se na política de direitos humanos de Carter e corresponde, naturalmente, aos interesses do país.

Devemos pôr antecipadamente de lado essa política, ou favorecer os passos positivos que dá? Por exemplo, recentemente, o secretário de Estado, Vance, afirmou, na OEA (Organização dos Estados Americanos), aos ditadores latino-americanos, que «os Governos descem ao nível do terrorismo quando violam os direitos humanos em nome da luta contra esse terrorismo». Isto parece-nos positivo e devemos sublinhá-lo. Os representantes das ditaduras sentiram-se ofendidos.

O embaixador Causs foi chamado a Santiago. O cônsul do Chile, Carvajal, declarou: «O Governo dos Estados Unidos não considerou o terrorismo e a subversão como a verdadeira origem da subversão ideológica. Em vez de nos apoiar na luta ideológica contra o perigo que ameaça o nosso continente, restringiu e suspendeu a ajuda militar e económica a vários países americanos que tomaram a decisão de defender-se desta agressão extracontinental.» Negar a ajuda militar e económica! E disso que se trata e é preciso apoiá-lo. Finalmente creio ser útil recordar um comentário de fundo do diário «L'Unitá», de Roma, a propósito de um discurso de Carter na OEA (14-4-77). Aí diz-se que: «A relação que pode criar-se entre o que afirma e o que faz o presidente dos Estados Unidos e a acção dos partidos democráticos e movimentos de massas nos países oprimidos, contém em si

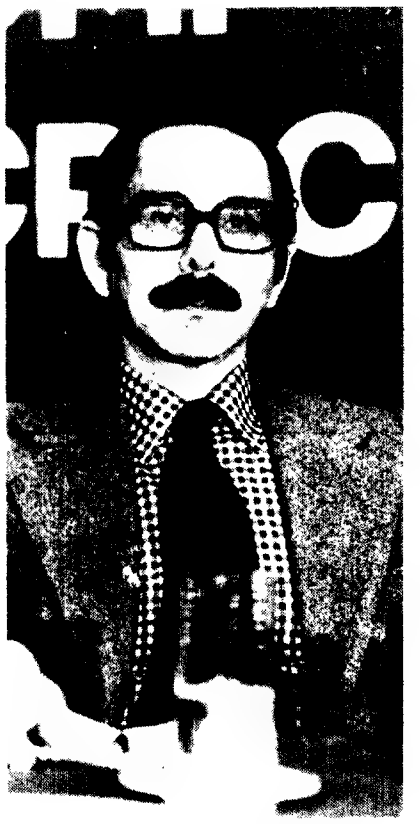
uma nova e poderosa potencialidade para a luta contra as ditaduras no Chile, Brasil, Argentina e Uruguai.»

J.S.S.

(Da revista «Chile-América» editada pelo Centro de Estudos e Documentação).●

CARLOS ALTAMIRANO

A UNIDADE ANTIFASCISTA É UM IMPERATIVO HISTÓRICO



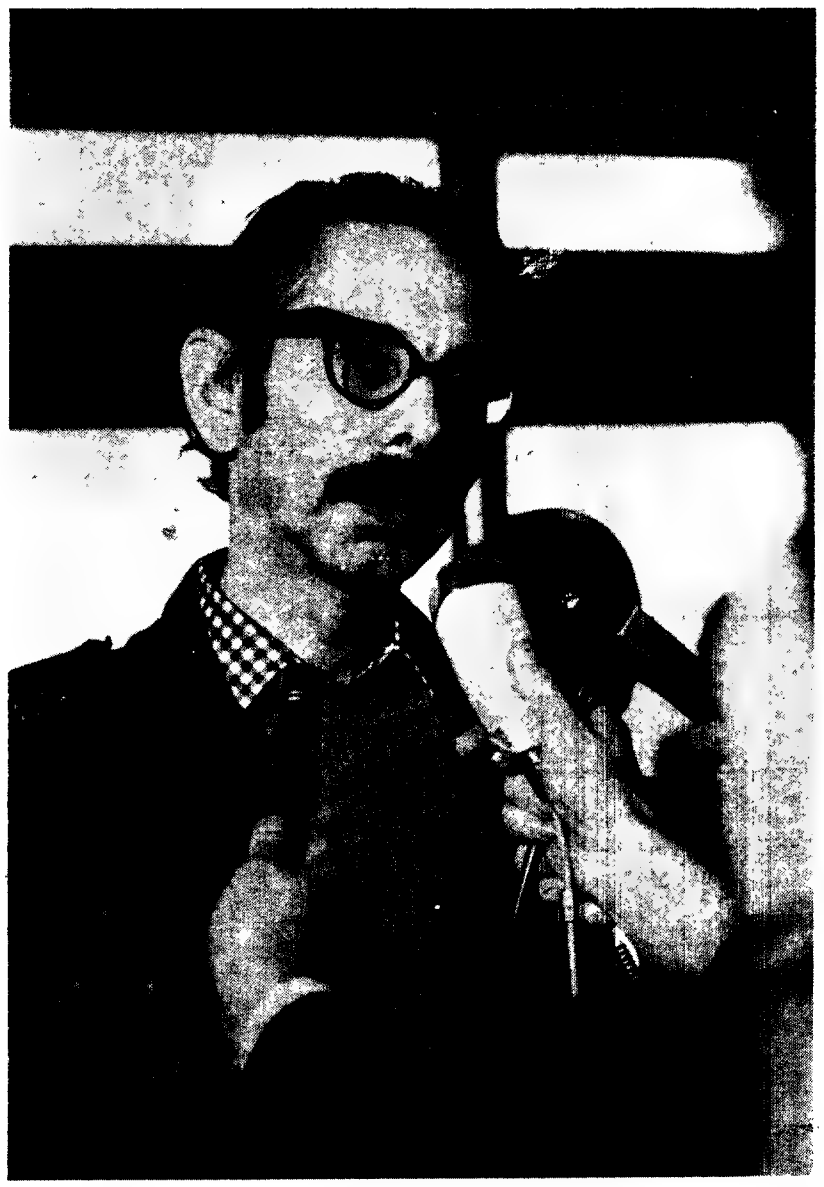
— Como caracteriza V. a situação actual no Chile?

— A situação de Pinochet é extremamente precária. Diversos factores contribuiram para a drástica deterioração da sua posição. A sua crueldade e brutalidade horrorizaram o mundo. Como chefe único e absoluto da DINA — o tenebroso organismo repressivo da ditadura — é ele o responsável directo pelos abomináveis crimes cometidos contra o povo chileno. A sua política provocou o descalabro económico e conduziu à hecatombe financeira. O Chile sofre a pior crise da sua história. Durante dois anos consecutivos o PNB foi inferior a zero. Os principais sectores da produção acusam uma descida vertiginosa. Fracassou irreversivelmente o modelo económico da Escola de Chicago, inspirada por Milto Friedman, o economista mais reaccionário dos EUA. O índice da inflação anual é de 200 por cento. O desemprego real supera 30 por cento da força de trabalho. A imensa maioria da população foi arrastada para limites extremos de miséria. Os flagelos da fome e da desnutrição dizimam imensos sectores dos nossos compatriotas. Os trabalhadores são os principais afectados, mas o desastre económico arruinou também as camadas médias. A corrupção generalizou-se no seio das Forças Armadas. Um escândalo de gigantescas proporções sacode o país. A maioria das empresas financeiras criadas depois do golpe de Estado levou à falência centenas de milhares de pquenos e médios despositantes. Nesta fraude estão envolvidos militares e civis partidários da Junta. Pinochet e os seus cúmplices são os autores deste latrocínio, aos olhos do povo.

O clima da insegurança alarma inclusivamente os altos círculos da oligarquia. Agravam-se as divergências com a Igreja Católica, que está a assumir uma atitude decisiva em defesa dos direitos humanos.

As contradições com a Democracia Cristã acentuam-se progressivamente. Numa palavra, todo o Chile está contra Pinochet. Este, só se mantém no poder por não ter aparecido até agora uma alternativa civil ou militar burguesa de substituição, nem mesmo a grande alternativa antifascista do povo do Chile. A queda do tirano não significaria, contudo, a inevitável substituição do actual regime repressivo e autoritário, porque este, apesar dos seus desatinos, fracassos e barbárie, serve os interesses estratégicos dos Estados Unidos e da grande burguesia monopolista chilena.

É evidente que o imperialismo não porá em perigo nenhum dos elos da cadeia repressiva que existe na América Latina, enquanto não tenha a certeza absoluta de que uma mudança de regime não trará consigo o «dilúvio».



Mas a posição do presidente Carter não terá agora influência?

— O compromisso de Carter de assegurar a defesa dos direitos humanos, principalmente no Chile, reiterado durante a sua campanha presidencial, vai mais longe do que a sua posição pessoal. A meu ver. Tem o apoio dos autênticos sentimentos da maioria da opinião pública internacional e do povo norte-americano. Para mais, pode considerar-se como um acto de contrição perante os remorsos que sente devido à comprovada participaçao dos seus predecessores nosangrentocolapsodopresendente Allende e no massacre do povo chileno. Assim, o mais recente é o de Eward Korry, ex-embaixador do Chile, que teve uma participação sinistra na política interna do nosso país.

Não pensamos, no entanto, que será fácil conciliar esta atitude do presidente Carter com os interesses estratégicos dos Estados Unidos e com os gigantescos consórcios que dominam a economia e a política norte-americana.

Enfim, entre as intenções moralistas correctas do presidente Carter e os poderosos interesses materiais das grandes empresas internacionais, serão decerto estes a ganhar.

Uma solidariedade crescente

A experiência histórica indica que a queda das ditaduras é, em primeira e última instância, obra dos próprios povos oprimidos. Mas a solidariedade internacional contribui, sem dúvida, para essa luta. E o caso do Chile. Apesar do tempo que passou continua a haver uma extraordinária solidariedade com a Resistência. Que explicação tem esta circunstância sem precedentes?

A meu ver concorreram para ela três factores. Antes de mais, a luta e a morte heróica de Salvador Allende e o seu ignominioso e cobarde assassinato. Em segundo lugar a traição infamante, a crueldade inaudita, a estupidez histórica, a ignorância crassa e o primitivismo intelectual de Pinochet e da sua pandilha.

A terceira causa é constituída pelos altos valores revolucionários, políticos e morais que a experiência chilena representou e na qual o Partido Socialista teve uma participação preponderante. Essa experiência teve a rara virtude de servir e simbolizar as ideias de justiça social, de autêntica democracia, de real independência, de paz e socialismo, enraizadas nos povos do mundo.

Ampliar a frente: um dever

É possível prever um triunfo do povo chileno? Referiu o isolamento de Pinochet e também a tomada de posição da Igreja Católica e de outros sectores. Que papel atribui na restauração da democracia a uma importante força política chilena como a Democracia Cristã?

— Nesta etapa crucial o objectivo urgente e principal é derrubar o fascismo. A Unidade Popular e os democratas cristãos convergem nesta tarefa inadiável. Seria criminoso e imperdoável não procurar os mecanismos e as formas para chegar a acordos sobre acções comuns destinadas a evitar a destruição sistemática de uma nação pequena mas respeitável no mundo pelos elevados e singulares valores culturais, morais e políticos, que chegou a representar.

As diferenças do passado e as diferentes concepções estratégicas actuais, não devem impedir-nos de concordar num propósito de tão grande transcendência histórica, como o de pôr fim à barbárie fascista. Não será um processo fácil mas, a conseguir-se será um processo vitorioso.

A social-democracia e o PSCH

Qual é a sua opinião sobre o PS francês e a social-democracia europeia?

— As relações com o Partido Socialista Francês foram excelentes. O PSF manteve uma atitude profundamente solidária com o povo do Chile e mostrou preocupação e deferência pelo nosso partido. Não menos eloquente e demonstrativa foi a atitude de outros partidos amigos da social-democracia, entre os quais, se destacam os da Suécia, Holanda, Bélgica, Espanha, Noruega, Dinamarca, Itália e outros.

Assinalamos com a mesma franqueza que a atitude do Partido Social-Democrata da República Federal Alemã, que mantém as posições mais conservadoras dentro da Internacional Socialista, e mais de acordo com as do Governo norte-americano, não é igual à dos outros partidos socialistas da Europa.

A nossa divergência essencial provém da sua pretensão a exportar para a América Latina, o esquema político aplicado na RFA e em alguns países da Europa. Na nossa opinião, há uma diferença abissal entre as nações altamente industrializadas da Europa Ocidental e os nossos países que, tal como os restantes países do Terceiro Mundo, estão submersos no subdesenvolvimento, na exploração, na ignorância e na miséria. Não é por isso possível transplantar mecanicamente para a América Latina, fórmulas políticas que obedecem a realidades distintas.

O México com o Chile

Pensa que a política do México para com Chile pode mudar, como já se afirmou em alguns círculos?

— A Espanha, Cuba e o Chile são marcos históricos na política interna mexicana. A atitude do México em cada um destes casos corresponde a uma posição de princípios mantida ao longo de mais de quarenta anos. Pensamos por isso que não está sujeita a convénios.

Devo acrescentar que tive a grande honra de ser recebido pelo presidente José Lopez Portillo numa audiência extremamente cordial em que se referiu com muita sinceridade a vários problemas.

O presidente recordou a sua visita ao Chile, quando ainda era estudante, e o modo como foi recebido pela gente do nosso país. Disse, entre outras coisas, que a política externa do México para com a Junta Militar chilena se manteria invariável. Patificou também a decisão do seu governo de continuar a defender os direitos humanos. Mostrou ainda grande interesse pela situação dos mil e oitocentos refugiados políticos chilenos que tiveram no México uma generosa hospitalidade. Teve também palavras de grande afecto pela viúva do presidente Allende, a senhora Hortensia Bussi de Allende.

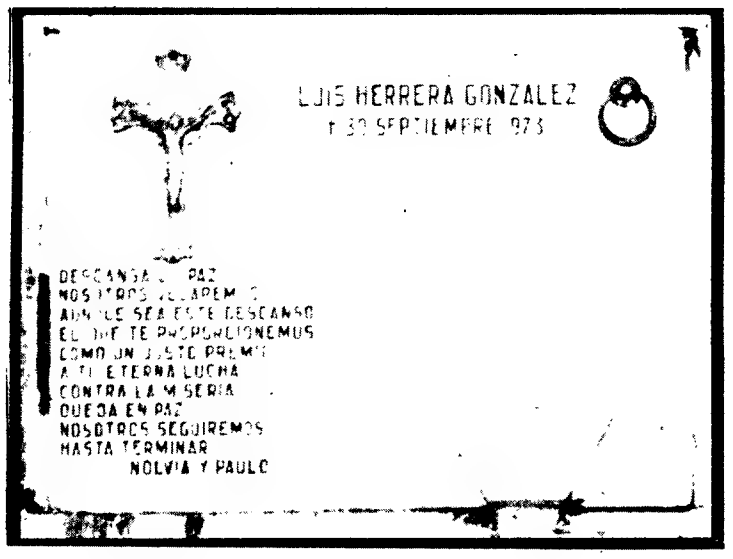
Todas estas palavras do presidente tocam profundamente a nossa gratidão de chilenos e enaltecem ainda mais a consequente política internacional do México.

A libertação de Corvalan

Qual a sua opinião sobre a libertação do Secretário-Geral do Partido Comunista Chileno, Luis Corvalan?

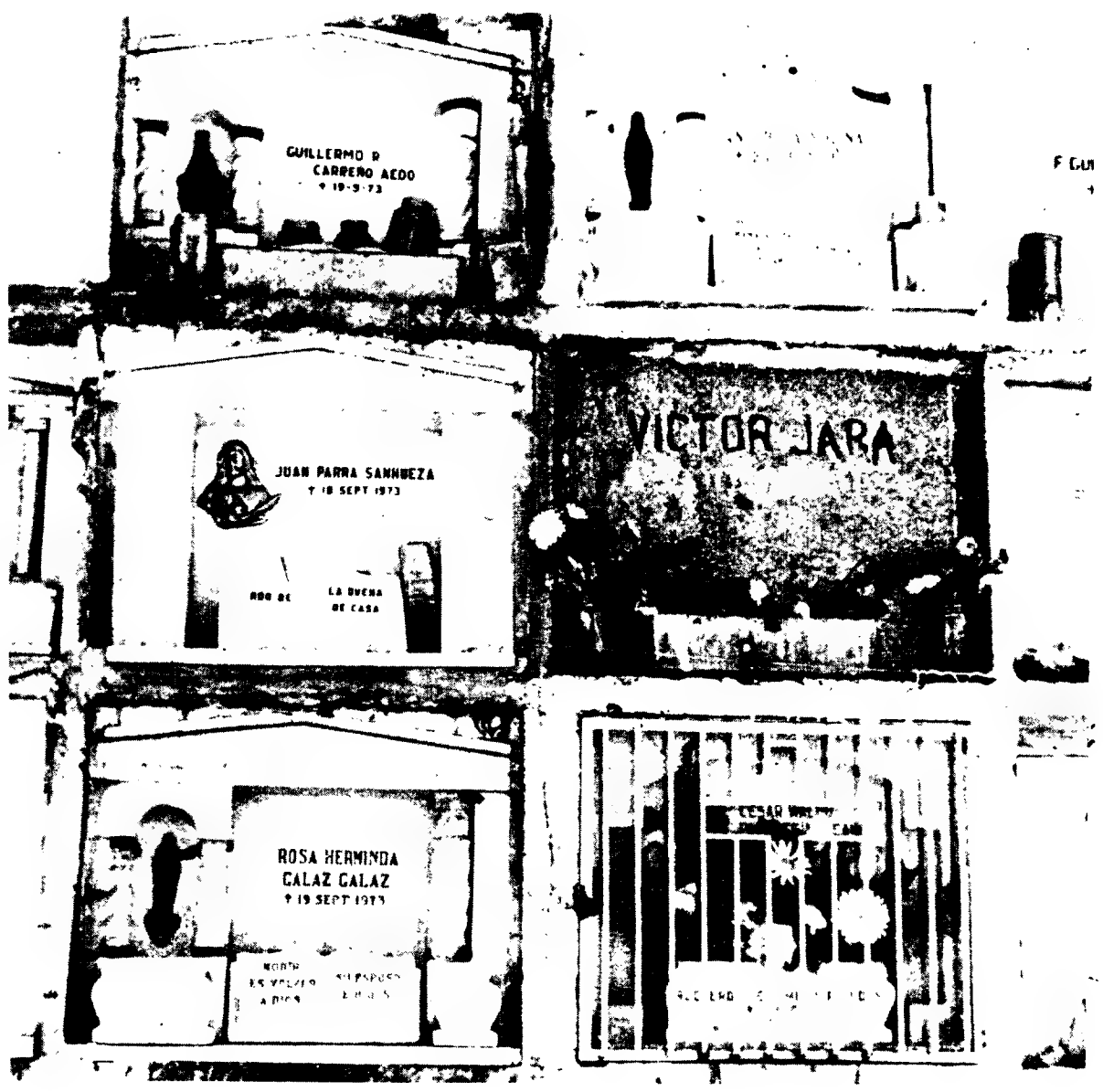
— A liberdade do companheiro e amigo Luis Corvalan encheu de satisfação e de alegria todos os chilenos, dentro e fora do país. A sua libertação reforça extraordinariamente a luta do nosso povo contra a ditadura. As suas grandes qualidades de dirigente, a sua atitude profundamente unitária, a clareza política desse filho do nosso povo, a sua cordialidade, garantem e fortalecem o trabalho colectivo e conjunto de todas as forças da Resistência Chilena.●

(Entrevista concedida ao Boletim da Casa do Chile no México)



Texto e fotos de Wagner Careli

OS MORTOS DE SETEMBRO



Quando julgar necessário o mal, o Príncipe deve aplicálo todo, de uma única vez. Assim, cumprem-se os seus desígnios e, um dia, todo o mal será esquecido (Maquiavel)

1

Nas datas, compassos de um tempo. Um único tempo: um mês. Monótonos compassos repetidos em centenas de lápides. Atrás delas, todas as vidas e toda a morte. Nos visitantes, todo o silêncio é tácito e respeitoso diante de cada tumba. Não há orações, e as flores são poucas na estreiteza de cada faixa do ossário. Os cravos dividem-se. Um à memória do irmão, outro à frente do nome de Pablo Neruda. Do mesmo ramo saem as rosas para o filho e para Victor Jara. Não são muitos os que se demoram na ala mais suja e abandonada do Cemitério Geral de Santiago do Chile. Parece penosa a permanência ali, onde se alonga um eterno Setembro de toda a violência. E, de uma vez, todo o mal. Mas ninguém esquece o tempo e os mortos.

2

— Por favor, o túmulo de Violeta Parra?

— Siga em frente e, na última rua, dobre à esquerda. O túmulo dela vê-se logo.

— E o de Pablo Neruda?

— **Dom Pablo** estava numa cripta emprestada, mas foi retirado de lá. Agora, se não me engano, está na Rua México. Exactamente Rua México. Módulo U-3.

Quando tiver visto o túmulo de Violeta entre na Avenida Central Bernardo-Higgins e siga em frente.

A mulher fala com naturalidade das ruas e das avenidas estranhas características do cemitério chileno. E continua o crochet que tece com paciência sentada no mármore de uma lápide. Todas as encarregadas das sepulturas se parecem, na indiferença. Mas elas conhecem detalhadamente cada mistério da pequena cidade dos mortos, sabem as suas histórias. E falam como se ali todos continuassem a viver.

O túmulo de Violeta Parra fica na parte antiga do cemitério, um pouco afastado dos grandes sepulcros das famílias poderosas e ricas. É um túmulo modesto, mas digno, em frente de uma insólita paragem de autocarro e a alguns metros de uma barraca de sorvetes. Está coberto de flores: é 5 de Fevereiro de 1977, e faz exactamente dez anos que a encontraram com a cabeça ensanguentada sobre o revólver que acabara de usar. Pergundo ao homem dos sorvetes se houve alguma cerimónia. Ele diz que não, e passa a observar com atenção as minhas manobras para fotografar o túmulo e as flores.

Dizem-me que tenha cuidado.

3

A Avenida Bernardo O'Higgins parte do grande portão principal do cemitério, que cruza de sul

...orte. É o caminho mais rápido para se chegar à Rua México e ao túmulo de Pablo Neruda. Por aí entrou o imenso cortejo que acompanhou o ataúde metálico do poeta, desde sua casa saqueada e semidestruída no monte San Cristóbal até à sua antiga sepultura. A princípio, a avenida está ladeada por álamos e ciprestes, por entre túmulos monumentais, com destaque para os heróis do passado: Manuel Montt, Arturo Prett. E para os modernos: desponta, grande e azul entre os demais, o mausoléu da Força Aérea do Chile. Devidamente guardado por dois soldados da mesma Arma.

De repente a paisagem muda. Já não há árvores nem sombras de gigantescos monumentos funerários. E nas centenas de covas justapostas — que marcam o fim da antiga ala do cemitério — nem ao menos cabem lápides de mármores. Há rústicas cruzes de ferro, com nomes inscritos em pequenas letras e quase sempre com erros ortográficos. Os homens simples que aos sábados e domingos se dedicam sozinhos a cimentar as covas dos parentes são em geral, semianalfabetos.

Ali é o lugar dos pobres, mortos e vivos. Onde ainda não se enterrou ninguém, as encarregadas e os coveiros plantam hortaliças.

Restos e detritos acumulam-se entre os túmulos. Já nada se vê além das sequências de covas e, ao fundo, junto à parede sul do cemitério, os ossários, dispostos como armários de cimento.

Mas, é ali que há mais movimento. Entre as covas, os homens trabalham e os funcionários têm as suas casas. Parece constrangedor o nome de Bernardo O'Higgins na placa indicando a avenida: atrás dela estão os urinóis mais imundos de Santiago, os meninos jogam a bola sobre a urina que avança na rua onde termina a avenida. É a seca, poeirenta e suja Rua México. Encontra-se ali o ossário.

Nos cemitérios do Chile, os mortos de Setembro recuperaram a vida. Nas lápides dos seus túmulos eles resistem ainda

4

Compañeros, enterrame em Isla Negra,
frente al mar que conozco, a cada área rugosa
de piedras y de olas que mis ojos perdidos
no volverán a ver.

Era difícil acreditar que o túmulo de Pablo Neruda estivesse próximo. E tão longe de Isla Negra que, em seu Canto General, o poeta pedia como sepultura.

Seria na casa deixada em testamento inscrito no mesmo poema, aos Sindicatos do Cobre, do carvão e do salitre. Mas ele estava ali, no módulo U-3, o canto mais miserável do maior cemitério do Chile. Em frente à lápide com o seu nome, uma lata de conservas vazia, servindo de vaso. Sem flores. Um homem aproxima-se, sério, e deixa ali um cravo. Depois, junta-se à família que o espera diante de outro túmulo e vai-se embora. No nicho em que deixou os cravos restantes está o nome de um menino de 15 anos e uma pequena placa de bronze. **Homenagem dos seus companheiros do liceu, que jamais esquecerão o seu valor.** E sobre o mármore, a data da morte: 11 de Setembro de 1973.

5

Então percebi que as datas não variavam, ou variavam pouco. E que Pablo Neruda não estava ali por uma simples coincidência. São dezenas de lápides com os mortos do dia 11. Depois, outras dezenas entre 12 e 15, entre 16 e 25, 26 e 30. Naquelas grandes e precárias construções de cimento, improvisadas por entre o lixo da parte mais pobre do Cemitério Geral de Santiago, estavam os mortos de Setembro. Centenas de pessoas — jovens, na sua maioria — dispostas geometricamente, juntas, a exemplo de toda a cólera e furor desencadeados num único golpe. Em cada epitáfio, um desconsolo e um desafio: a revolta que os sobreviventes são obrigados a calar. Nos cemitérios chilenos, os mortos resistem.

6

De longe, algumas pessoas olhavam. Os dois soldados do mausoléu da Força Aérea, uma velha empregada e o homem dos sorvetes que parecia ter adivinhado que me encontraria ali. Quando me aproximo, aponta para um túmulo:

— Porque não fotografa esse aí?

Na lápide estava o nome de Victor Jara. A maioria dos chilenos não sabe que o corpo do cantor está em Santiago, diz-me ele. Depois indica a sepultura de Miguel Hernández, o guerrilheiro morto em 1975 — mas colocado junto aos cadáveres de dois anos antes.

A velha pergunta-me se procuro algum nome, em especial. Digo que não, que já me vou embora. Ela insiste: quer que fotografe a lápide de um sindicalista.

Conta-me a sua história, a morte na sede da corporação a que pertencia. Fala da menina de 17 anos, morta à porta da sua casa. Mostra no mármore o nome de dois cunhados, quer contar mais esse caso, pergunta se sou argentino, porque tiro fotografias, o que quero fazer. Longe, os soldados continuam a olhar. Guardo a máquina e vou indo. A velha grita ainda: **No hay que tener miedo. Hay que sacar a los valores.**

7

À noite é difícil dormir. O festival da canção de Viña del Mar absorve a atenção dos chilenos. Pela televisão, todos esperam a presença de Júlio Iglesias, uma espécie de Roberto Carlos espanhola que o jornal **El Mercurio** chama **huracán.** Na sala cheia todas as raparigas se agitam ruidosamente. Os homens admiram. Lembro que na estranha lápide de pedra cinza cobrindo o túmulo de Victor Jara, a data da sua morte está quase apagada: 14 de Setembro de 1973. No Estadio Nacional, pouco depois de escrever os seus últimos versos: **Ay, canto, que mal me sales!/Cuánto tengo que cantar, espanto! / Espanto como el que vivo, / Como que muero, espanto. / De verme entre tanto y tantos / momentos del infinito / en que el silêncio y el grito / son las metas de este canto.**

A canção ficou incompleta. Poucos no Chile puderam conhecê-la. Mas Julio Iglesias continuava cantando em todos os écrans, até que o toque de recolher calasse o país.●

UM CASO EXEMPLAR

O ENCERRAMENTO DE RÁDIO BALMACEDA

Aqueles que se recordam das tumultuosas e violentas manifestações que a direita organizou em 1972 e 1973 quando o Governo do presidente Allende — fazendo uso de um preceito constitucional — puniu algumas emissoras que apleavam à população e às Forças Armadas para derrubar o Governo legítimo, devem hoje achar estranho que sejam essas mesmas forças golpistas as que agora fecham jornais, acabam com estações emissoras e perseguem e prendem os jornalistas.

Contudo não há que estranhar. Demasiado conhecida é a mentalidade dos reaccionários que se servem da lei quando esta serve os seus interesses, e que não hesitam em transgredi-la quando ela protege as maiorias e atenta contra os seus privilégios.

O caso da Rádio Presidente Balmaceda é um claro exemplo do absoluto desrespeito que a direita tem pela liberdade, e muitos crentes terão decerto exclamado «foi castigo de Nosso Senhor» quando souberam que a Junta fascista mandou fechar esta emissora.

A Rádio Balmaceda, propriedade da Democracia Cristã, foi, durante o Governo de Allende, um dos «mass-média» mais condenatórios do regime e através das suas ondas apelou-se para que a população e as Forças Armadas ignorassem o Governo constitucional e convidou-se o presidente a renunciar ao seu mandato. Estes atentados contra a segurança nacional foram castigados com alguns dias de encerramento, medida contra a qual a direita se rebelou, fazendo um escândalo monstruoso e alegando que estava a ser desrespeitada a «liberdade de Informação». Estes mesmos sectores de direita são os mesmos que hoje ignoram pura e simplesmente o facto de os militares, com o auxílio de tanques e metralhadoras, terem encerrado definitivamente a Rádio Balmaceda.

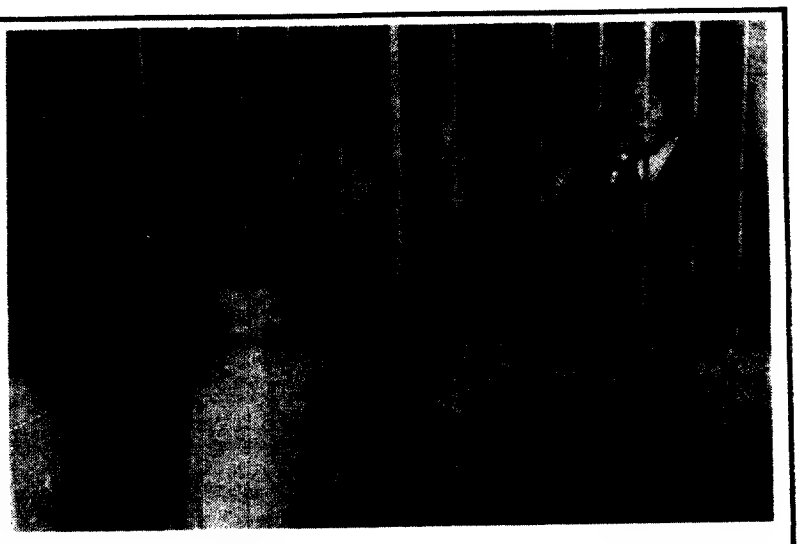
Eduardo Frei, dirigente da DC chilena. Aliado ontem dos fascistas contra o regime de Allende, o partido de Frei é hoje vítima também do terror que ajudou a desencadear

A razão deste encerramento? As débeis justificações oficiais não passam duma cortina de fumo para ocultar que Rádo Balmaceda começava a incomodar os fascistas no poder. Na verdade, a democracia cristã, vendo que os militares ultrapassaram as próprias restrições que uma ditadura impõe, decidiram adoptar uma atitide crítica, que os governantes não estavam dispostos a tolerar tanto mais que a emissora era suficientemente potente para ser ouvida no estrangeiro.

A emissora foi silenciada em Janeiro deste ano.E de nada serviram os recursos interpostos pelos seus representantes ante os tribunais.

Não há hoje vozes no Chile que possam erguer-se em defesa de Rádio Balmaceda. A Justiça, como dissemos, não se atreveu a discordar. A Associação de Radiodifusoras — agrupamento empresarial — apresentou uma reclamação muito tíbia, e fê-lo mais por compromisso que por convicção. O organismo profissional de jornalistas — em cuja direcção há um total de cinco elementos, figuram dois, designados pelo Governo — limitou-se a um protesto verbal e pouco convincente.

Competirá então às forças de esquerda outrora tão vilipendiedas pela Rádio Balmaceda, a reabertura dessa emissora? ●



DESPORTISTA "DESAPARECIDO"

Mais de um ano se passou desde que um dos melhores nadadores chilenos, Marcelo Concha, foi preso pelos agentes da polícia política DINA do Chile.

Marcelo Concha, um agrónomo de 31 anos, desapareceu no dia 10 de Maio de 1976. Em vão o esperaram naquele dia, em casa, a mulher e os três filhos. A partir de então, o nome de M. Concha, foi incluído na lista das pessoas desaparecidas. Entretanto, há dados fidedignos de que os agentes da DINA o mantêm preso. É acusado de ter sido combatente consequente pela democracia.

Marcelo foi preso, pela primeira vez, em Setembro de 1973, logo após o golpe fascista. Os golpistas levaram-no, juntamente com milhares de outros patriotas, para o Estádio Nacional, em Santiago do Chile. Mais tarde, Marcelo foi transferido para o campo de concentraçao Chacabuco. Em Abril de 1974, o desportista foi libertado. Durante muito tempo não conseguiu arranjar emprego. Finalmente, conseguiu um lugar numa cooperativa agrícola. Foi preso novamente. Desde então já se passou mais de um ano. ●

PINOCHET - UM NOVO AMIGO DE PEQUIM

Praticamente desde o primeiro dia do golpe que a Junta chilena se serve de empolados superlativos para caracterizar as suas relações com os dirigentes de Pequim. Os expoentes do regime militar fascista, nomeadamente o general Pinochet, alegram-se com o facto de estarem a ser «estudadas as vias e os meios de intensificar os contactos actuais».

A verdade é que um dos regimes mais isolados do Mundo encontra em Pequim uma ajuda solícita. Eis alguns exemplos relativos a 1974:

— A Comissão Especial do Conselho Económico-Social da ONU, na sua resolução de 15 de Maio de 1974, manifestou a sua profunda apreensão pelos acontecimentos do Chile e exigiu que a Junta suspendesse as suas represálias sangrentas. A China recusou-se a apoiar esta resolução.

— Como decisão final da III Comissão da XXIX Assembleia Geral da ONU foi aprovada, em 22 de Outubro uma resolução condenando a Junta chilena devido à violação dos Direitos Humanos. No momento da votação, os delegados chineses abandonaram a sala ostensivamente para não votarem.

Quando a opinião pública mundial condena unanimemente a ditadura fascista do Chile, Pequim intensifica as suas relações com a Junta, alardeando essa amizade que vai contra todos os princípios que os dirigentes chineses dizem seguir.

As relações entre a hierarquia chinesa e o regime de Santiago não se limitam ao campo diplomático. Estendem-se também à troca de sorrisos nos encontros festivos e também à ajuda internacional que é prestada à Junta chilena. Pequim assegura também auxílio económico ao regime fascista chileno. Por exemplo, compra produtos chilenos que não têm outros mercados ou, como ocorre em alguns países, adquire artigos que, devido ao boicote patrocinado pelos sindicatos operários, não são descarregados. Assim, no fim de Abril de 1974, foi embarcado no porto chileno de Valparaíso, um carregamento de salitre para a China, no valor de 2,2 milhões de dólares. Pouco depois, a Junta assinou contrato com a China para o posterior fornecimento de outras 50 mil toneladas de salitre a Pequim. Um porta-voz do regime fascista comunicou que o volume de vendas entre o Chile e a China é calculado na ordem de 100 milhões de dólares por ano. Os milhões de dólares vindos de Pequim, que chegam a Santiago, são empregados pela Junta na compra de novas armas destinadas à opressão do povo chileno. Informações fidedignas, vindas de círculos chilenos, dão conta de que existem mesmo conversações para o estabelecimento de um acordo pelo qual seriam fornecidas armas chinesas à Junta.

O novo presidente do PC chinês, Hua Kuo-feng, cuja política externa segue as vias sinuosas da diplomacia da anterior direcção de Pequim. A escandalosa amizade com Santiago do Chile é um dos aspectos mais contraditórios da política desse país, que se reclama do marxismo-leninismo

O jornalista e escritor antifascista chileno José Miguel Varas condenou este complot de Pequim com o regime de Pinochet com as seguintes palavras:

«Os dirigentes de Pequim, que perderam os seus velhos amigos no Chile, conquistaram outros. Quanto aos velhos amigos, tratava-se das forças esquerdistas que admiravam o heroísmo do povo chinês, de pessoas que, em muitos casos, acreditavam realmente nas palavras ardentes da propaganda maoísta, palavras essas nas quais se vislumbrava uma ajuda activa aos movimentoe de libertação da Ásia, África e América Latina, se insinuava uma ajuda integral aos povos revolucionários dos «continentes da tormenta». Mas, por que razão perdeu a República Popular da China os seus antigos amigos no Chile? Porque o regime de Mao Tsé Tung, neste momento decisivo, quando deveria confirmar as suas palavras através de actos concretos, renega tudo o que a sua propaganda tem difundido permanentemente.»

Pinochet

E o jornalista chileno, Eduardo Labarca Godderd, declarou:

«Nós, chilenos, concluímos que os dirigentes chineses, que outrora procuraram fazer crer aos povos da América Latina que estavam dispostos a ajudar-nos na nossa luta, estão hoje ao lado da Junta do general Pinochet. Não podemos ter nenhuma ilusão. Na luta contra a Junta fascista, o povo chileno não pode contar, em caso algum, com a solidariedade dos dirigentes chineses.»

Evidencia-se perante o Mundo inteiro a profundidade do abismo existente entre as palavras e os actos dos dirigentes da República Popular da China.

A MORTE DE VAN LACKEF

OUTRO CRIME DA JUNTA?

O jornal «Grnma» comenta que a morte de um ex-conselheiro económico do presidente Salvador Allende, apresenta aspectos imputáveis à política da Junta Militar do Chile.

O diário destaca as estranhas circunstâncias em que o economista Andre Van Lacker caiu do sexto andar do Ministério de Assuntos Económicos em Bruxelas, onde trabalhava, e salienta que a queda se verificou de um janela que devia estar fechada e quando o prédio se encontrava quase vazio.

O órgão do Partido Comunista de Cuba nota que Van Lacker esteve preso no Chile, depois do golpe de Estado de 11 de Setembro de 1973, e que, posteriormente, fez constantes acusações ao regime chefiado pelo general Augusto Pinochet, principalmente contra as actividades realizadas na Europa Ocidental pela Polícia Política chilena (DINA).

Van Lacker morreu em Bruxelas no mês passado, depois de ter permanecido duas semanas em estado grave, num hospital. A mulher de Van Lacker, a artista chilena Helena Peralta não aceitou a possibilidade de um acidente, tendo sublinhado que o seu marido tinha recebido várias ameaças — acrescenta o comentário do «Granma».

Durante o governo da Unidade Popular no Chile, Van Lacker desempenhou um papel activo na nacionalização de empresas privadas, especialmente na estatização de cerca de cinquanta firmas têxteis. ●

A HISTÓRIA DO GOLPE

caminho ao progresso social. O programa que elaboraram e que entregaram ao apreço e consideração do povo chileno, dirigia-se contra os monopólios estrangeiros e contra a oligarquia interna. Dava ao povo a oportunidade de realizar gradualmente uma transformação revolucionária da sociedade, respeitando a Constituição e por via democrática e pacífica. Os pontos principais desse programa assentavam na democratização geral da vida social, na nacionalização das riquezas nacionais, na estatização dos bancos e das indústrias básicas, numa autêntica Reforma Agrária, no fim do desemprego, numa política habitacional social, nas melhorias sociais para todos os sectores e nas relações normais com todos os países do resto do Mundo.

Ora isto não podia ser consentido pelo imperialismo capitalista.

Era necessário derrubar Allende e o Governo da Unidade Popular, fosse por que preço fosse. Era necessário escolher (pagando bem) o homem que encabeçasse a contra-revolução. A escolha recaiu sobre Pinochet.

A MATANÇA COMEÇA NOS MILITARES

Luis Corvalán, secretário-geral do Partido Comunista do Chile, lançara, a 28 de Agosto de 1973, a alarmante informação «de que nas Forças Armadas se nota uma deterioração. O inimigo conseguiu introduzir-se e corromper altos oficiais. O número de generais leais ao Governo é muito reduzido. A divisão reina em todo o exército».

A pressão e a influência de todos os agrupamentos da direita intensificam-se. Quando o general Prats foi obrigado a demitir-se, logo são afastados das Forças Armadas outros generais fiéis à Constituição. Os conspiradores apoderam-se dos postos decisivos, antes de, com prejúrio e infedelidade, cravarem a punhalada na Unidade Popular.

Hoje está provado que o golpe da «Junta Pinochet» contra o Governo Popular e Allende, foi precedido de outro golpe contra elementos militares fiéis à revolução.

«L'Humanité» de 3 de Novembro de 73 revela: «Na noite de 10 para 11 de Setembro, numerosos oficiais foram detidos e muitos soldados fuzilados». Entre os detidos estavam o almirante Montero, comandante-chefe da Marinha; o general Bachelet, da Força Aérea; os generais Pickering e Sepúlveda. Na mesma data, o general Prats foi posto debaixo de estreia vigilância antes de lhe ser «pedido» que saisse do Chile com destino a Buenos Aires, mas a sua família teve de ficar em Santiago. A Junta não hesitava em manter reféns em seu poder.

Apesar da Junta ter feito o que pôde para guardar o segredo da «depuração» que procedeu o golpe, vieram a conhecer-se os locais onde se fizeram fuzilamentos em massa, ou onde simplesmente se abateram soldados um a um. Sabe-se que o balanço dessa primeira matança entre os militares, ultrapassou os dois mil mortos e mais de cinco mil detidos.

Sigamos agora a cronologia dos acontecimentos dos primeiros dias do golpe.

11 de Setembro: Segundo um comunicado militar combate-se violentamente no Palácio de La Moneda e na residência de Allende da Rua Thomas More, em diversas fábricas de Santiago, no Banco Central, na Universidade Técnica e nas instalações do diário «Clarin». Na Universidade Técnica foram detidas já 600 pessoas.

Estudantes colombianos declaram que «US-Marines» tinham ajudado a derrocada do Governo Popular. A infantaria da marinha americana tomou parte nos massacres de Valparaíso.

A Embaixada Cubana é ocupada militarmente. Um navio mercante cubano é atacado em águas internacionais. A tripulação do barco soviético «Ekliptika» é detida e torturada.

12 de Setembro:

Continua a resistência armada contra a Junta. Em diversos lugares da cidade ouvem-se tiros e explosões. Exige-se aos partidários do governo popular que se entreguem antes das 15 horas: «Todos aqueles que persistam na sua actividade expõem-se a ser atacados directamente. Onde forem detidos, serão abatidos».

Trabalhadores que se opõem à tomada do poder pelos militares travam combates com soldados nas proximidades de Santiago.

A Junta resolveu encerrar ambas as Câmaras do Parlamento. Em Chillam são detidas 130 pessoas. Também de Concepción se anuncia grande número de detenções. Segundo notícias propaladas, os detidos são levados para a ilha Quiriquina. Oitenta pessoas detidas em Punta Arena e levadas para a ilha Dawtson. Em todas as provincias são encarcerados os governadores nomeados pelo governo de Allende. Ao norte há mais de mil mortos e feridos.

13 de Setembro:

Em Santiago continuam fortes e nutridos tiroteios. A Emissora militar anuncia que tropas de terra e ar travam combates no sul de Santiago, com grupos de resistentes armados.

14 de Setembro:

Santiago continua a ferro e fogo. Mortos e feridos aos milhares. A cidade está num caos.

Polícias penetram violentamente na Embaixada do México, arrastando consigo 300 pessoas ali refugiadas.

15 de Setembro:

Nos distritos dos arredores de Santiago o exército bloqueou as ruas de algumas povoações e deteve os habitantes de muitas delas. Segundo se soube em Santiago, os detidos em Valparaíso foram transladados para o arquipélago Juan Fernandez. O número de mortos vítimas do golpe fascista eleva-se a mais de sete mil.

16 de Setembro:

A Junta Militar publica diversos comunicados em que se exortam os chilenos a retomar o trabalho. Este chamamento ao trabalho não diz respeito às grandes empresas nacionalizadas, bastiões da esquerda, nas quais se organizou a resistência armada aos golpistas.

Três mil acusados foram detidos em estádios desportivos em Santiago. Muitos deles, entre os quais alguns estrangeiros, foram ali condenados à morte e fuzilados ou mortos à pancada.

18 de Setembro:

O cadáver do cantor Victor Jara é identificado por sua esposa no crematório. O famoso cantor popular fora preso logo depois do golpe, num estádio. Os militares haviam-lhe cortados as mãos, assassinando-o em seguida.

O chefe do exército, general Ridoberto Rubio, confirma quea resistência nas cidades prossegue. O ministro do Interior, general Bonilla, declara na televisão que na operação de detenções em massa, foram presos 5200 chilenos. No entanto, sabe-se que estes números não correspondem à verdade ou então referem-se unicamente a Santiago.

19 de Setembro:

Tropas detêm no sul do país José Gregório Liendo com 17 dos seus camaradas.

Em 20 de Setembro continua a combater-se e a 21 a Junta Militar decreta a proibição de todos os partidos marxistas. Incluem-se o partido comunista, a esquerda cristã, a Acção Popular Unitária (MAPU) e o Movimento de Esquerda Revolucionária. O poeta Pablo Neruda é mantido em prisão. Em 22 de Setembro, são condenados à morte e executados por um tribunal militar em Antofagasta, Carlos Desidério Quiroga e o médico Jorge Antônio Cerda. Sabe-se que só em Santiago as pessoas detidas elevavam-se a 11 mil. Na capital são queimados livros e milhares de publicações de conteúdo marxista.

24 de Setembro:

500 detidos são interrogados e torturados a bordo do barco «Le Bou» e mais de 230 do «Maipo» são transferidos para «local seguro» por unidades do exército. Abre-se um escandaloso processo contra 40 antigos ministros e funcionários em Valparaíso. Em perseguição de eminentes representantes do regime socialista, o exército bloqueia dez quarteirões em Santiago. À cabeça da lista dos perseguidos estão o secretário-geral do Partido Socialista, Altamirano, e o secretário-geral do Partido Comunista, Luís Corvalan.

E a matança prossegue. Durante quatro meses, as execuções em massa, as detenções em massa, a pilhagem, o assassínio em grande escala, não param. Quatro meses de terror e inferno. Os jornalistas estrangeiros que escaparam à fogueira e conseguem alcançar os seus países, contam os horrores a que assistiram. A abominável «caça às bruxas» nem sequer poupou as crianças. Foram vistos cadáveres de jovens de 12 e 13 anos nas ruas de Santiago.

O ASSASSÍNIO DE ALLENDE

Hortensia Bussi de Allende, mulher do presidente e suas duas filhas Beatriz e Isabel, que estiveram ao lado do grande progressista até ao fim, descrevem a morte de Salvador desta forma: «Às seis e vinte da manhã desse dia, o presidente recebeu uma chamada telefónica na sua residência da Rua Thomas More a informá-lo do golpe militar. Imediatamente põe em estado de alerta os homens da sua guarda pessoal e toma a firme decisão de se mudar para o Palácio de La Moneda, para defender o seu posto de Presidente da República e o Governo da Unidade Popular. Acompanha-o uma escolta de 23 homens armados com 23 espingardas automáticas, duas metralhadoras de calibre 30 e 3 bazucas transportadas com o presidente em quatro automóveis e uma camioneta.

Levando na mão a sua espingarda automática, Allende, acompanhado pela escolta, entrou pela porta principal de La Moneda. Já no interior, reune-se com os homens da sua escolta, fala da gravidade da situação e da sua decisão de combater até à morte defendendo o governo constitucional, legítimo e popular do Chile, frente ao golpe fascista. Convida todos os que não quiserem seguir-lhe o exemplo, a abandonar La Moneda. Ninguém se retira.

No espaço de uma hora, Allende dirigiu-se três vezes pela rádio ao povo, expressando a sua vontade de resistir. Pelas 08.15, através de altifalantes, a Junta Militar, desde o exterior, intima o presidente à rendição, oferecendo-lhe um transporte aéreo para abandonar o país com os seus familiares. O presidente responde-lhes que, «como grandes traidores não conhecem os homens de honra» e recusa indignado o ultimato.

Entretanto, os carabineiros do Palácio e três ajudantes de campo, recusam-se a combater. Allende convida-os a abandonar La Moneda. Não era o momento de confiar em homens de uniforme.

Enquanto isto se passava, numerosos ministros, subsecretários, funcionários e outros militantes da UP, vão chegando ao Palácio, dispostos a ficar junto do seu presidente.

Às 09.15 iniciam-se os combates, com as primeiras descargas do exterior. Tropas fascistas de infantaria, em número superior a 200 homens, avançam pelas ruas Teatinos e Morandé, de ambos os lados da Praça da Constituição, disparando contra o gabinete do presidente. As forças que defendiam o Palácio andavam à roda de 40 homens. O presidente ordena que se faça fogo e ele próprio dispara contra os fascistas, que retrocedem desordenadamente com muitas baixas.

As tropas da Junta enviam tanques contra La Moneda. Uma bazucada atira contra o tanque que se postara diante da porta principal do Palácio, destrói-o por completo. Outros dois tanques concentram o seu fogo contra o gabinete presidencial e um carro blindado dispara as suas metralhadoras contra a Secretaria Privada e o Pavilhão de Escoltas. Várias peças de artilharia abrem fogo. O presidente acorre às posições de combate, dando alento e dirigindo ele próprio os defensores. Durante uma hora de luta violenta, os fascistas não avançam nem uma polegada. Pelos altifalantes, os oficiais da Junta lançam novos ultimatos e ameaçam com a intervenção da Força Aérea. Às 11.45 o presidente reune com as filhas e restantes mulheres (nove, ao todo) e ordena-lhes com firmeza que abandonem o Palácio, pois considerava sem sentido que morressem ali indefesas. Pedeentão aos sitiadores uma trégua de 3 minutos para evacuar o pessoal feminino. Os fascistas não concedem a trégua, mas nesse momento as suas tropas começavam a recuar, para levar a cabo o ataque aéreo, o que produziu um abrandamento do combate e permitiu a saída das mulheres.

Por volta do meio-dia começou o ataque aéreo. As primeiras bombas caíram no Pátio de Inverno, que se situa no centro de La Moneda, perfurando os tectos e rebentando no interior do edifício. Novas ondas de aviões e novos impactos se sucederam.

As munições da guarda pessoal de Allende estavam praticamente esgotados, depois de 3 horas de combate, o que levou o presidente a mandar arrombar à granada a porta dos paióis da guarnição de carabineiros.

O próprio presidente levou aos ombros numerosas armas para reforçar a defesa dos postos de combate, dizendo: «Assim se escreve a primeira página desta história. O meu povo e toda a América escreverão o resto».

O ataque ao Palácio ganhara agora outra dimensão, combinando-se as tropas de terra com a Força Aérea. O ruído da metralha, as explosões, o fumo e o ar tóxico transformam o Palácio num inferno. Não obstante a ordem do presidente para se abrirem todas as torneiras de água para evitar os incêndios, o Palácio começou a arder pela ala esquerda. No entanto, o presidente, que nunca fraquejou, nem nestes momentos críticos, ordenou que se fizesse frente ao ataque com todos os meios disponíveis. E praticou então uma proeza notável para um homem da sua idade. Com o Palácio envolto em chamas, rastejou sob o fogo até ao seu gabinete, frente à Praça da Constituição, apoderou-se de uma bazuca, apontou-a a um tanque parado na Rua Morandé e com um tiro certeiro pô-lo fora de combate. Instantes depois, outro disparo colocou fora de acção um segundo tanque.

Os fascistas suspenderam então o fogo nesse sector e pediram para parlamentar. Allende enviou Fernando Flores (secretário-geral do governo) e Daniel Vergara (subsecretário do Interior), os quais saíram pela porta da Rua Morandé, dirigindo-se a um jipe estacionado em frente. Flores e Vergara conversaram com um oficial superior da Junta, mas ao regressarem ao Palácio, já próximo da entrada, dispararam sobre eles à traição. Daniel Vargas morreu ali com vários tiros nas costas, enquanto Flores, recebendo um tiro na perna, era recolhido pelos companheiros que se arriscaram debaixo de fogo.

Cerca das 13.30, o heróico jornalista Augusto Olivares, gravemente ferido, teve de ser operado na sala médica do Palácio, reocupando logo o seu posto de combate, apesar dos ferimentos e da perda de sangue.

Pouco depois, os fascistas apoderaram-se da parte inferior do Palácio. A defesa organizou-se na parte superior e o combate prosseguiu. Os fascistas tentaram investir pela escada principal. Allende achava-se barricado, com vários companheiros, numa esquina do Salão Vermelho. Investindo contra as forças avançadas da Junta, recebeu uma bala no estômago que o fez vergar-se de dor. Mas não cessou de lutar. Apoiando-se num cadeirão, continuou a disparar, até que uma segunda bala no peito o derrubou. Já moribundo, foi crivado de balas.

Ao ver cair o presidente, alguns membros da sua guarda pessoal contra-atacaram com energia e os fascistas recuaram de novo para a escada principal. Deu-se, então, no meio do combate, um gesto de insólita dignidade: pegando no corpo inerte do presidente, os seus companheiros levaram-no até ao seu gabinete, sentaram-no na cadeira presidencial, colocaram-lhe a faixa e envolveram-no numa bandeira chilena.

Só às 4 horas da tarde se apagou o derradeiro foco de resistência em La Moneda. ●

XI CONGRESSO DO P.C. CHINÊS (conclusão)

(LE MONDE)

Concluímos hoje as biografias dos elementos promovidos à Comissão Política do Partido Comunista Chinês, por ocasião do XI Congresso do Partido Comunista Chinês. Como informação complementar damos uma breve cronologia da vida política chinesa desde 1973 até à realização do XI Congresso.

Nien Jug-Chen

Um dos últimos marechais do exército chinês e uma das figuras de proa da sua política militar. Aos setenta e oito anos é chefe do serviço científico e tecnológico da defesa nacional e por isso passa no ocidente por um dos maiores peritos chineses no que diz respeito à investigação militar. Tal como muitos políticos pertence a uma família de camponeses do Setchovan mas pôde estudar em França ao mesmo tempo que trabalhava na Renault.

Entrou no Partido Comunista em 1923, e ocupou no exército revolucionário, onde era considerado um dos oficiais mais experimentados, funções a um tempo políticas e militares. Teve um papel de primeiro plano na Longa Marcha. Após a revolução foi, durante algum tempo, ctefe do Estado-Maior e presidente da Câmara de Pequim, antes de presidir à comissão do desenvolvimento cientffico cujas atribuições são muito amplas.

O marechal é membro do comité central do PC desde 1945. Já fez parte da comissão política na última fase da revolução cultural (1968), em vésperas do nono congresso.

Nos anos 30 participou na resistência antijaponesa, na Mongólia. Esteve também na base de Yennen, onde foi professor no Instituto das Nacionalidades. Depois da libertação foi uma das principais personalidades que simbolizam, nos órgãos directivos do regime, o lugar dado às minorias nacionais. Foi assim membro do septimo, depois do oitavo comité central, que o designou membro suplente da sua comissão política. Aproximadamente na mesma época (1954-1966) também ocupou as funções de vice-primeiro-ministro.

Em todo o caso, durante a revolução cultural, Ulanfu foi vivamente acusado pelos guardas vermelhos e desapareceu durante algum tempo da vida política. Regressou por altura do décimo congresso, tendo sido reintegrado, em 1973, entre os membros do comité central. Era paralelamente vice-presidente da Assembleia Nacional Popular, e o plenário de Julho do comité central nomeou-o director do departamento da Frente Unida do Trabalho, designando-o como um dos principais responsáveis da preparação da próxima conferência consultiva política do povo chinês, para a qual está prevista uma representação das minorias nacionais.

Su Chen-Hua

Natural do Hunan, província onde Hua Kuo-feng fez o essencial da sua carreira, Su Chen-hua é um velho soldado das forças armadas chinesas. Tomou parte na Longa Marcha, foi comissário político de várias grandes unidades durante a guerra da libertação, e esteve na marinha em 1953, sempre na qualidade de comissário político. Nomeado almirante em 1950, entra no mesmo ano para o comité central como membro suplente. Severamente criticado durante a revolução cultural, não foi reeleito no nono congresso, mas surge como um «reabilitado» importante no décimo congresso, que o elege membro de pleno direito do comité central.

Readquirira, ao mesmo tempo toda a sua autoridade, à frente da marinha nacional, no seio da qual a sua influência sempre se mantivera forte. Foi graças a ele, e apesar de todos os esforços da senhora Chiang Ching, que o uniforme das forças navais não foi transformado durante a revolução cultural, como o foi o das forças terrestres.

Este passado designava-o como principal responsável de uma «limpeza» na cidade de Xangai, após a queda do «bando». Foi nomeado para tal missão em Outubro passado.

Yu Chiu-Li

Yu Chiu-li é um ex-militar de sessenta e três anos que chegou à economia. Depois de ter combatido no exército vermelho, especializou-se, logo após a libertação, nos problemas de logística do APL, e acabou por tomar, com a patente de general, a direcção do departamento financeiro do exército. Abandonou em 1958 o uniforme para se tornar ministro da indústria petrolífera. Passa então muito mais por um tecnocrata planificador do que por um homem de partido. A partir de 1965 torna-se vice-presidente da Comissão do Plano. Em 1972 tornar-se-á presidente dessa mesma comissão. Entretanto este economista da escola de Teng Hsiao-ping, não escapou às campanhas de criticada revolução cultural, mas a protecção de Chu En-lai permitiu-lhe, segundo parece, atravessar essas tempestades sem problemas, entrando mesmo, em 1969 para o nono comité central do partido. O décimo congresso (1973) confirmou-o no comité, e na quarta Assembleia Nacional Popular, de 1975, foi elevado ao cargo de vice-primeiro-ministro.

Mais «perito» do que «vermelho», este alto funcionário surge, naturalmente, em primeiro plano, após a queda do «bando dos quatro». Foi principalmente ele quem apresentou no mês de Maio último, o principal relatório, perante a Conferência Nacional da Indústria, reunida em Pequim. Yu Chiu-liu e, provavelmente, natural do Setchovan, província natal de Teng Hsiao-ping.

Ulanfu

De nacionalidade mongol, Ulanfu (71 anos) é membro do partido comunista desde a adolescência.

O presidente Hua Kuo-feng e os dois novos vice-presidentes saúdam-se no Palácio do Povo, em Pequim, depois da primeira sessão plenária do Congresso que os confirmou nas suas funções

DA CRÍTICA DE LIN PIAO AO SEGUNDO REGRESSO DE TENG HSIAO PING

1973

AGOSTO — X Congresso do PC chinês, modificação dos estatutos do partido e remodelação da Comissão Política; Teng Hsiao-ping, eliminado durante a revolução cultural, regressa ao Comité Central. Com 35 anos, Wang Hong-wen passa a vice-presidente do Partido e membro da Comissão Política.

NOVEMBRO — Lançamento da campanha «contra Confúcio».

1974

JANEIRO — Importante remodelação do comando militar: a crítica de Lin Piao vem juntar-se à de Confucio.

NOVEMBRO — Chiao Kuang-hua substitui Chi Peng-fei como ministro dos Negócios Estrangeiros.

1975

7-8 de **JANEIRO** — Plenário do CC: Teng Hsiao-ping volta a ser membro da Comissão Política e vice-presidente do Partido.

13-17 de JANEIRO — Reunião da Assembleia Nacional Popular perante a qual Chu En-Lai apresenta um programa visando «colocar a economia do país no primeiro lugar do mundo antes do fim do século». Teng Hsiao-Ping passa a ser vice-primeiro-ministro e, no fim do mês, vem a saber-se que se tornou igualmente chefe do estado-maior general das Forças Armadas.

MARÇO-ABRIL — Campanhas sobre o estudo da teoria da ditadura do proletariado e sobre a limitação do direito burguês; denúncia dos «nvos burgueses no Partido e no Estado».

AGOSTO — Perturbações em diversos estabelecimentos industriais de província. O «Diário do Povo» assinala que se registaram graves perturbações em Hangchow.

DEZEMBRO — Começo da campanha contra o «vento revisionista de direita». Jornais de parede acusam o ministro da educação nacional.

1976

8 de JANEIRO — Morte de Chu En-lai, cujo elogio fúnebre foi pronunciado no dia 15 por Teng Hsiao-ping.

8 de JANEIRO — Morte de Chu En-lai, cujo elogio fúnebre foi pronunciado no dia 15 por Teng Hsiao-ping.

8 de FEVEREIRO — «O Diário do Povo» anuncia que o CC está dividido. Denúncia dos «elementos burgueses falsamente arrependidos» e dos dirigentes que «seguem a via capitalista».

26 de FEVEREIRO — Teng Hsiao-Ping é denunciado expressamente nos jornais de parede.

5 de ABRIL — Violentos incidentes ocorrem na praça Tien-An-Men em Pequim, provocados, segundo parece, pelo desaparecimento das coroas funerárias depostas ali nos dias anteriores em memória de Chu En-lai.

7 de ABRIL — Por decisão da Comissão Política, Teng

Hsiao-Ping é destituído de todas as suas funções no partido, no Estado e no Exército. Hua Kuo-Feng é o pnovo chefe do Governo.

JUNHO — O presidente Mao deixa de receber visitantes estrangeiros.

6 de JULHO — Morte do marechal Chu Teh, presidente da Assembleia Nacional Popular.

9 de SETEMBRO — Morte de Mao Tsé-Tung. Ao fazer, a 18 de Setembro, o elogio fúnebre do presidente, Hua Kuo-feng declara que a luta contra a «burguesia no seio do partido» e a crítica de Teng Hsiao-ping devem prosseguir.

6 de OUTUBRO(?) — Quatro membros da comissão política — a senhora Chiang Ching, Wang Hong-Wen, Chang Chun-Chiao e Yao Wen-Yvan — são presos. Dias depois sabe-se da notícia em Pequim. A 21 é oficialmente confirmada, ao mesmo tempo que a nomeação de Hua Kuo-feng para a presidência do partido e a da comissão militar do comité central. São organizadas manifestações de massas para festejar tais acontecimentos.

NOVEMBRO — Enquanto prossegue a campanha de denúncia do «bando dos quatro», «o Quotidiano do Povo» faz apelos à disciplina e anuncia o restabelecimento de «regras e estatutos» racionais na indústria.

2 de DEZEMBRO — Publicação de um texto de Mao Tsé-Tung, «Sobre os dez grandes relatórios», que data de 1956, e cujo estudo intensivo é proposto à população.

1977

JANEIRO — Por ocasião do aniversário da morte de Chu En-Lai, surgem numerosos cartazes no centro de Pequim, e em muitos deles pede-se o regresso ao poder de Teng Hsiao-ping. Alguns cartazes criticam dois membros da comissão política, o presidente da Câmara de Pequim Wu Teh, e o comandante da região militar de Pequim, general Chen Hsi-lien.

28 de FEVEREIRO — O ministro dos Negócios Estrangeiros, Huang Hua, declara que o regresso de Teng Hsiao-ping a um lugar de responsabilidade terá lugar num momento oportuno».

MARÇO — Realiza-se em Pequim uma «conferência central de trabalho». E na reunião será oficialmente revelada no plenário de Julho do comité central, que vinca o facto de Hua Kuo-feng ter sugerido a convocação da «terceira sessão plenária do décimo comité central do partido» a fim de «tomar uma decisão oficial para que o camarada Teng Hsiao-ping possa retomar as suas tarefas».

Assinalaram-se em várias províncias algumas dezenas de execuções capitais.

1 de MAIO — Publicação de um longo artigo de Hua Kuo-feng comentando o quinto volume das «Obras escolhidas de Mao Tsé-tung», que acaba se sair do prelo.

3 de MAIO — Difusão (revelada no plenário de Julho) no seio do partido, de cartas dirigidas por Teng Hsiao-ping ao presidente Hua, ao vice-presidente Yeh Chien-ying e ao comité central.

14 de MAIO — Fim de uma conferência nacional sobre a indústria, que tivera início a 20 de Abril.

JULHO — Vários textos atribuídos a Teng Hsiao-ping e criticados em 1976 como «ervas venenosas», são reabilitados pelo «Quotidiano do Povo».

16-21 de JULHO — Sessão plenária do comité central que decide restabelecer Teng Hsiao-ping em todas as suas funções nos órgãos directivos do partido, do Estado e das forças armadas, «excluir para sempre» do partido os membros do «bando dos quatro», e convocar o décimo primeiro Congresso do partido. ●

As revoluções da Igreja Brasileira (conclusão)

■ **Charles Vanhecke**

LE MONDE

SÃO PAULO — Pode construir-se nos escombros? É a pergunta que faz Dominique Barbé, padre francês que vive em Osasco, periferia operária de São Paulo. Osasco é, com efeito, um dos «escombros» que o «milagre» brasileiro multiplicou, tal como multiplicou o número dos automóveis. Uma cidade de pesadelo, com as suas ruas informes, o seu urbanismo de terreno abandonado, as suas barracas improvisadas, os seus homens fatigados, esmagados pela solidão. Aqui, como nas outras cidades periféricas, o principal complexo industrial da América Latina engendrou um dos maiores caos urbanos do planeta.

Com o correr dos anos, o poder foi aumentando a pobreza.

Os números mais recentes são eloquentes. Dos 6 milhões de habitantes de São Paulo, 130.000 vivem nos bairros de lata, 615.000 em casamatas colectivas, e 1.800.000 na periferia, em pardieiros. A cidade tem 26.000 ruas e 5.000 construções clandestinas. Na grande São Paulo, 60 por cento das ruas são de terra batida, 47 por cento das casas não têm água, e 70 por cento não possuem esgoto.

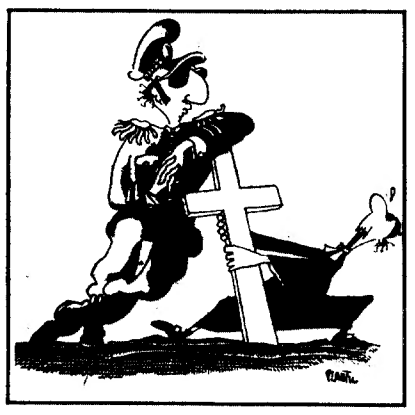
As distâncias, do domicílio ao trabalho, são tais que a média dos trajectos é de três a quatro horas por dia. Em 1974 registaram-se 780.000 acidentes de trabalho em todo o Estado de São Paulo, o que correspondia a um quarto da força de trabalho. 52 por cento dos paulistas e 73 por cento dos habitantes das outras comunas da região metropolitana, são subalimentados. Depois de ter diminuído regularmente de 1940 a 1960, a mortalidade infantil aumentou na região uns 45 por cento entre 1960 a 1973, e aproma-se agora dos 100 por mil.

Como construir pois, ou reconstruir o homem, em tais escombros? É esta a pergunta de Dominique Barbé. **«Não há humus humano»** diz ele. Ou, se há um humus **«ele foi arrancado dos campos, transplantado para estas colinas, para estas barracas»**. A maioria dos paulistas são migrantes vindos de outros Estados ou do interior da região, desenraizados que vivem no precário ou no superpovoamento. Eles formam uma massa que se convencionou chamar «apática» e «conformista», tanto mais apática quanto é vítima da repressão e daquilo a que os sociólogos chama a **«cultura da ilusão»**: a filosofia do consumo, amplamente difundida, como em todas as sociedades industriais, e também — fenómeno local — as religiões paralelas nascidas do sincretismo afro-brasileiro e da expansão do pentecostismo.

Em todo o caso, Dominique Barbe não viu, para a sua acção, outra via que não fosse a da não violência. Porque se trata de uma tradição da Igreja? **«Não**, responde ele. **A Igreja nunca foi muito pacífica no Brasil. Mas a violência é impossível em face de um aparelho que tem nas mãos todos os instrumentos de coerção».**

«A não violência é um método que pode parecer lento mas que é, estou disso convencido, o mais rápido».

Esta frase de Ghandi foi afixada numa parede da frente nacional do trabalho, organismo dirigido pelo advogado Mário Carvalho de Jesus e que abriga o secretariado do movimento não violento brasileiro. Num dos mastodontes da Avenida Ipiranga, alguns advogados, padres, leigos ligados à diocese, há anos que tentam oferecer aos trabalhadores da megalope, os meios jurídicos — e pacíficos — de se defenderem. A Polícia já prendeu Mário Carvalho de Jesus, que respondeu aos seus carcereiros com o jejum. O jejum com orações ainda não é considerado muito subversivo pelos serviços de segurança. É certo que a não violência ainda tem poucos adeptos.



No entanto ela é, segundo Dominique Barbé, uma técnica que corresponde ao temperamento do país. **«Existe aqui uma não violência passiva que é um método de sobrevivência. O que importa é transformá-la numa não violência activa.**

Como a dos camponeses que se instalaram nas suas terras a fim de evitar serem expulsos: **Uma tal acção já é uma tomada de consciência O interessado vive um conflito que não traz consigo morte de homem. Ora o Evangelho não nega o conflito nem a luta de classes. Se morte houver, não é a do adversário. Só a colectividade que luta é que arrisca a vida. Mas não é tão fácil atirar sobre uma multidão como sobre um indivíduo. Isso põe problemas de consciência e também um problema político porque a colectividade sempre pode dizer que dispõe de uma vanguarda nacional e internacional».**

Em Osasco, Dominique Boarbé tem difuculdades em tornar «activa» a não violência geral. Não tem nada a esperar do **lumpenproletariat**. Tentou pois trabalhar com os operários, mais decididos do que os outros. **«Tento fazer o mesmo que os jesuítas fizeram com os indios: reservas. Reagrupo pessoas que se unam e defendam os seus direitos».** A sua «reserva» é formada por uns sessenta militantes que pertencem a várias empresas: uma «gota de água» numa cidade de quatrocentos mil habitantes.

O «mundo do trabalho» é simplesmente um dos sectores em que a igreja de São Paulo opera. A maior diocese do mundo (onze milhões de pessoas) tem outras «linhas de acção» que visam a «periferia», a «defesa dos direitos do homem» (entre outros os presos políticos), e as famílias destes graças a comunidades de base — comités de rua ou de bairro.

Mas a «pastoral operária «é, evidentemente, a mais rica de potencialidades, devido ao meio ambiente paulista. Ora, mesmo para a Igreja, não é tarefa fácil penetrar nas fábricas. Um «metalúrgico» militante católico de longa data, que quis manter o seu anonimato, explica porquê.

«Logo que um número é descoberto, diz **é vítima de repressões. As formas de coerção são numerosas. Pode ser o despedimento puro e simples (o que acontece diariamente). Ou então as acusações de «subversão» que podem dar origem à prisão e à tortura. Ou então a recusa de pagar o salário logo que o operário apela para a justiça do trabalho. As empresas transmitem entre si informações sobre o pessoal. Muitas delas exigem uma fotocópia do registo criminal. E em todos há** dedos duros, **isto é, delatores».**

Ele próprio sentiu na sua vida e na sua carne o que custa ser militante, mesmo com a benção da Igreja. Num só ano teve de mudar três vezes de emprego. Há alguns anos foi preso e torturado com electricidade. Os sofrimentos não lhe retiraram, porém, a coragem nem a objectividade. Aqueles que esquissam o paralelo, responde que a oposição sindical no Brasil não tem a combatividade nem o número de comissões operárias que existiam em Espanha, no tempo de Franco. o Brasil nunca reve um movimento operário como o de Espanha. Os sindicatos do tempo de Getulio Vargas (1930-1945,) foram criticados de um modo paternalista. Eles eram a maior parte das vezes uma transposição para os partidos pluralistas ou para o poder. Os seus aparelhos eram burocráticos e a sua estrutura limitava muito a liberdade do movimento operário. Continua a não existir nenhuma secção de empresa nem nenhum elo real entre os sindicatos de uma mesma fedederação. Os metalúrgicos de Osasco não sabem nada dos de São Bernardo, outra cidade satélite.

«Quando penso em mudar a ordem existente, sinto-me na pele de um índio que atira uma flecha a um tanque». Ao começar o seu trabalho há pouco mais de um ano, o dirigente da pastoral operária, monselhor Angelico Bernardino, também pensou como construir no deserto. Auxiliar do cardeal Paulo Evaristo Arns, arcebispo de São Paulo — e figura de proa da igreja brasileira, — monsenhor Angélico fez como a maioria dos seus colegas: «descentralizou-se». Mora em São-Miguel-Paulista, bairro periférico semelhante a tantos outros. É pequena a diferença entre a casa do metalúrgico e a sua. Em prospectos distribuídos à porta das fábricas, pede a todos que **«abram os olhos para a realidade»**, a fim de **«encontrarem uma saída para uma situação de violenta injustiça».**

Recordando um episódio recente — uma empresa que construira cadeias para os seus empregados mais conscientes, — enumera as várias «prisões» da classe operária: salários de fome, falta de higiene e de segurança, instabilidade do emprego, marginalização. **«Ninguém se liberta sozinho**, lê-se nos prospectos. **Só em conjunto nos podemos libertar».** ●

SEMANA INTERNACIONAL

A aproximação

Após 16 anos de suspensão das relações, Cuba e os Estados Unidos reataram os seus contactos directos na passada quinta-feira, dia 1. Exactamente às 16 horas tmG, em cerimónias que se realizaram simultaneamente em Havana e Washington, dez diplomatas de cada um dos países tomaram posse dos edifícios e representações diplomáticas em ambas as capitais. Embora ainda não tenha ocorrido a troca de embaixadores, acredita-se que os dois governos actuarão como se as relações já estivessem reatadas em pleno. A aproximação entre Havana e Washington representa, inegavelmente, uma vitória para o regime revolucionário cubano alvo, desde a sua implantação, a 1 de Janeiro de 1969, de toda a espécie de provocações, boicotes e atentados por parte dos Estados Unidos e, claro, da CIA, onde não faltou nem a tentativa de invasão, no célebre episódio do fracassado desembarque de contra-revolucionários na Baía dos Porcos, esmagado pelas forças populares.

Visita I

Entretanto, dois dias antes o presidente Josip Broz Tito, da Jugoslávia, era recebido em Pequim, na mais calorosa recepção que, há anos, é dispensada a um visitante oficial estrangeiro. Criticado pelo chineses durante 25 anos, que o acusavam de «se desviar do socialismo», Tito é agora louvado pela sua «independência em relação à União Soviética» e pelos seus conceitos sobre o Terceiro Mundo. Entretanto, ao mesmo tempo em que a Jugoslávia e a China falavam em estreitamento de relações e de ampliação nas formas de cooperação, Tito e Hua Kuo-Feng discordavam, nos discursos do jantar realizado no Pavilhão do Povo, quanto à inevitabilidade de uma guerra mundial. Hua diz que sim. Tito diz que não.

Visita II

Durante dois dias, o presidente da Somália, Siad Barre, esteve na URSS, onde se encontrou com Alexey Kossiguine, Mikhail Suslov e Andrei Gromiko, mas não viu Leonid Brejnev, o presidente, por este estar em férias, na Crimeia. Evidentemente, a luta entre a Somália e a Etiópia, foi o assunto das discussões. Dos resultados extraídos das conversações entre o presidente somali e os dirigentes soviéticos, nada transpirou, tal foi o segredo de que foram cercadas.

O certo é que depois do regresso de Siad Barre a Mogadiscio, Hodding Carter, porta-voz da Secretaria de Estado norte-americana disse que os Estados Unidos suspendiam a sua assistência militar à Somália, tentando, ao mesmo tempo, evitar que outros países para lá mandassem armas fabricadas no seu país. A sua explicação: «Decidimos que mandar armas neste momento é fornecer achas para uma fogueira que pretendemos extinguir».

O cerco

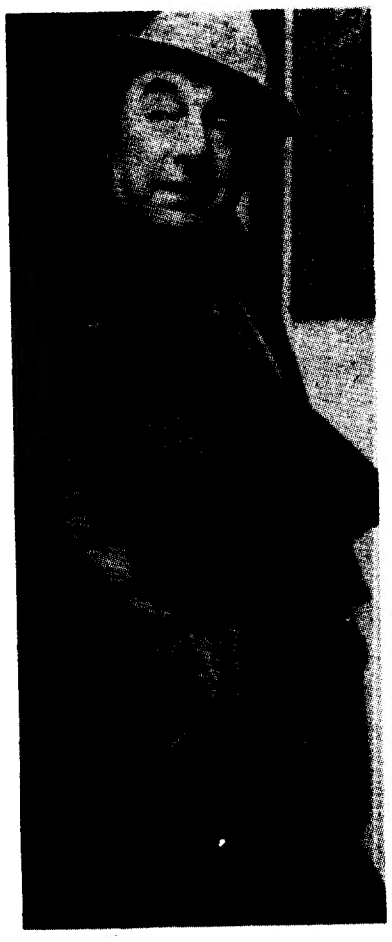
Acossado pela Frente Patriótica no campo de batalha, isolado (ou quase...) no plano internacional, e com os seus «amigos» tradicionais a virarem-lhe a cara, Ian Smith está mesmo à beira do desemprego, apesar da «vitória» nas recentes «eleições» rodesianas. Depois de ter classificado o plano anglo-americano de «louco» e «descabido», Ian Smith voltou atrás e admite alguns dos seus pontos, mantendo-se contra outros. Pelo seu lado, David Owen e Andrew Young estão optimístas quanto ao bom termo das negociações, que receberam as simpatias da líder conservadora da Grã-Bretanha, Margaret Tatcher, que teme ver o crónio, o urânio, os diamantes e outras riquezas da Rodésia «nas mãos dos países socialistas». Enquanto o «moderado» Abel Muzorewa é considerado como «interlocutor válido», a Frente Patriótica reafirma a sua disposição de não abdicar da luta armada e recusa o plano anglo-americano. As negociações continuam, mas Ian Smith, de qualquer maneira, está com os dias contados.

A crise

A Espanha, atravessa a sua primeira crise grave, razão suficiente para fazer com que Adolfo Suárez interrompesse a sua viagem pelos países da CEE, defendendo o ingresso do seu país no Mercado Comum, o que, aliás, não despertou grande interesse por parte dos «parceiros». À chegada, Suárez disse, ainda no aeroporto de Barajas, que a crise «era uma invenção de Imprensa». O certo é que a UCD nunca esteve completamente consolidada e agora a situação parece pior do que nunca. Sociais-democratas opõem-se a democratas cristãos, Suárez diz que não quer governo de coligação e, para mais, a esquerda exige a demissão do ministro do Interior, o ex-franquista Martin Villa, na sequência das agressões e insultos sofridos por um deputado socialista, por parte da Polícia, em Santander. Junte-se a isso as reivindicações laborais que se avizinham e os comentários de divergências a nível militar e ter-se-á um «esqueleto» do, «Outubro quente» que o primeiro-ministro espanhol terá pela frente.

PABLO NERUDA

"AS BOCAS AZUIS ENTERRADAS DE FRESCO"

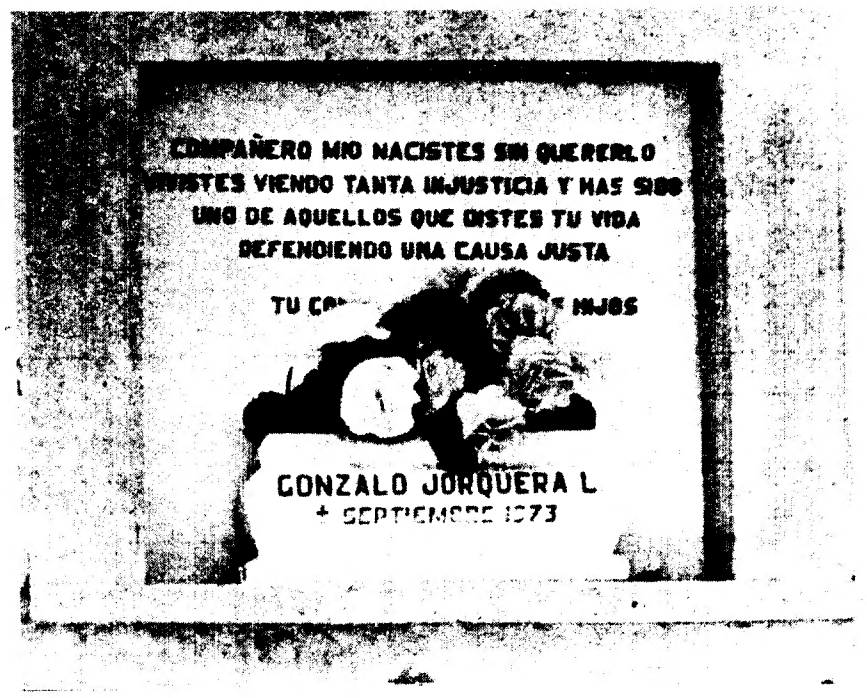


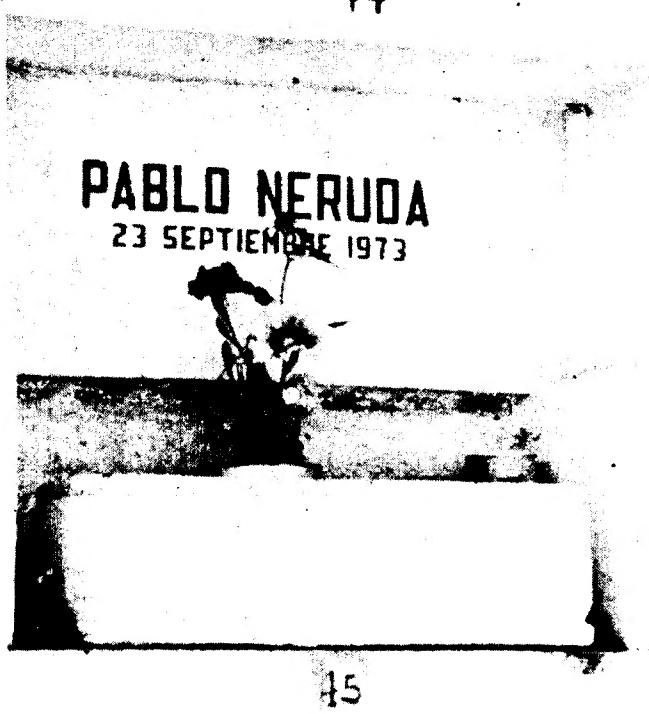
Poeta (e prémio Nobel da Literatura), diplomata, militante comunista, Pablo Neruda conheceu todas as agruras duma vida de perseguido e exilado. Depois do golpe de 11 de Setembro, quase moribundo, teve ainda coragem de pegar na caneta e escrever, nas últimas páginas da sua vida, o elogio do amigo assassinado, Salvador Allende, e de resumir a gesta da libertação esmagada do seu povo. «O meu povo foi o mais traído do mundo» — escreveu. Alguns dias mais tarde, a sua casa era saqueada, destruída, e o poeta morria, indirectamente vitimado por aqueles que haviam traído o seu povo. Mas, mesmo depois de morto, o seu espírito de combate foi transmitido aos que ficaram para suportar a bota fascista. O funeral de Neruda foi a primeira manifestação pública de repúdio pela Junta, em Santiago do Chile.

Com os pés na terra chilena, disse Neruda: «Pátria minha, quero mudar de sombra.» E disse ainda: «Pátria minha, quero trocar de rosa». E tomando as pedras, o mar, o trigo, Pablo adiantou-se até ao seio mais íntimo do seu povo e segredou: «Quero pôr o meu braço na tua cinta exígua e sentar-me em tuas pedras pelo mar calcinado para deter o trigo e olhá-lo por dentro».

E como vozes más lhe dissessem que a terra chilena não poderia continuar naquela via, o poeta, o cidadão, o homem político disse alto e bom som:

«Guarda tua luz, oh Pátria!, mantém tua dura espiga de esperança entre o cego ar temível. Na tua longínqua terra caiu toda esta luz difícil, este destino dos homens que te faz defender uma flor misteriosa só, na imensidão da América adormecida».





44

45

"OS DITADORES"

Ficou um odor entre os canaviais:
um misto de sangue e corpo, penetrante
pétala nauseabunda.

Entre os coqueiros as campas estão cheias
de ossos demolidos, de estertores calados.

O delicado sátrapa conversa
com taças, colarinhos, cordões de ouro.

O pequeno palácio brilha como um relógio
e os rápidos risos enluvados
atravessam os corredores, às vezes,
e reúnem-se às vozes mortas
e às bocas azuis enterradas de fresco.

O pranto está oculto como planta
cuja semente cai ao solo sem cessar
e faz crescer sem luz as suas grandes folhas cegas.

O ódio foi-se formando escama a escama,
golpe a golpe, na água terrível do pântano,
como um focinho cheio de lodo e silêncio.

EXCLUSIVO
N.º 31 / 77